

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

PRISCILA BERWALDT DANIEL

A DISTRIBUIÇÃO DO CONTEÚDO NO ESPECIAL MULTIMÍDIA:
desconstrução cartográfica de *A Batalha de Belo Monte*

Porto Alegre, 2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

Priscila Berwaldt Daniel

A DISTRIBUIÇÃO DO CONTEÚDO NO ESPECIAL MULTIMÍDIA:
desconstrução cartográfica de *A Batalha de Belo Monte*

Monografia apresentada à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação Jornalismo.

Orientadora: Prof^a Dr^a Luciana Mielniczuk
Co-orientadora: Prof^a Me. Alciane Nolibos Baccin

Porto Alegre, 2014

CIP - Catalogação na Publicação

Berwaldt Daniel, Priscila

A DISTRIBUIÇÃO DO CONTEÚDO NO ESPECIAL MULTIMÍDIA:
desconstrução cartográfica de A Batalha de Belo Monte
/ Priscila Berwaldt Daniel. -- 2014.
117 f.

Orientadora: Luciana Mielniczuk.

Coorientadora: Alciane Nolibos Baccin.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Comunicação
Social: Jornalismo, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Especial multimídia. 2. Convergência
jornalística. 3. Jornalismo Online. 4. Integração
multimídia. 5. Intermídia. I. Mielniczuk, Luciana,
orient. II. Nolibos Baccin, Alciane, coorient. III.
Título.

Priscila Berwaldt Daniel

**A DISTRIBUIÇÃO DO CONTEÚDO NO ESPECIAL MULTIMÍDIA:
desconstrução cartográfica de *A Batalha de Belo Monte***

Monografia apresentada à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação Jornalismo.

Aprovado em _____ - Conceito final: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dr^ª Luciana Pellin Mielniczuk (orientadora) – UFRGS

Prof^ª Me. Alciane Nolibos Baccin (co-orientadora) – UFRGS

Prof^ª Dr^ª Raquel Ritter Longhi – UFSC

Prof^ª Me. Silvana Copetti Dalmaso – UFRGS

Porto Alegre, junho de 2014.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que é a extensão de mim, o meu porto seguro. A mulher que suportou minhas crises, alimentou minhas esperanças, deu colo e amor. Minha mãe, minha amiga, minha companheira, minha felicidade. Obrigada!

Ao meu irmão, que sempre acreditou no meu potencial e nunca saiu do meu lado, mesmo com 350 km de distância. À toda minha família, que acompanhou os bastidores deste trabalho e, mesmo de longe, deram apoio e força.

À minha orientadora, que, incansável, sempre esteve lá para me dar segurança e para guiar meu trajeto. Mais do que professora, foi conselheira nestes dois semestres de trabalho.

À minha coorientadora, que acompanhou pacientemente as dúvidas e os percalços desta pesquisadora iniciante, sempre disposta a ajudar.

Aos meus chefes e colegas na UFRGS TV, no Jornal da Universidade, na Fronteira e Cordilheira. Obrigada por fazer parte desta construção, por compreender e por apoiar.

Aos meus amigos, que deram suporte, tiveram paciência pela ausência e estavam sempre presentes. À Elisa, Bianca, Despilhados, Laís e Marcel, um obrigada especial.

Por fim, ao meu pai, que nos deixou cedo demais, logo no início desta jornada de conclusão. O pai que sempre esteve lá, para dar carinho, bronca e força. Foi meu alicerce desde o início da faculdade e, se concluo mais esta etapa, é graças a ele também. Este trabalho é só uma amostra de que teu legado não morre. Nem tua memória. Nem teu amor.

RESUMO

Este trabalho busca refletir sobre a organização das informações e dos conteúdos nos diferentes formatos que compõem a reportagem multimídia. O objeto de estudo é *A Batalha de Belo Monte*, especial multimídia produzido em 2013 pelo jornal Folha de São Paulo sobre a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte. Compõe-se de cinco capítulos temáticos, que se desenrolam verticalmente e unem texto, infográficos, vídeos e imagens. Através da metodologia cartográfica, o produto foi desconstruído e analisado, por meio da elaboração de mapas sobre a construção dos conteúdos e da integração multimídia. Para dar embasamento teórico à discussão, são abordadas questões sobre a reportagem como gênero jornalístico e sobre as propriedades que esse gênero adquire no meio digital. Levam-se em conta os processos de convergência jornalística e as características do meio. O estudo proporcionou a compreensão de que a reportagem multimídia no meio digital pode se apropriar de características próprias desse meio para enriquecer o resultado e que, através de uma integração efetiva entre os formatos midiáticos, é possível criar um produto exclusivo do meio digital.

Palavras-chave: Especial multimídia. Convergência jornalística. Jornalismo *Online*. Integração multimídia. Intermídia.

ABSTRACT

This paper intends to reflect on the organization of information and content in different formats that comprise the multimedia reporting. The object of study is *A Batalha de Belo Monte*, multimedia special produced in 2013 by the newspaper Folha de São Paulo on the construction of the hydroelectric plant of Belo Monte. It consists of five thematic chapters that take place vertically and attach text, infographics, videos, images and timeline. Through cartographic methodology, the product was deconstructed and analyzed by means of mapping on the construction of content and multimedia integration. To give theoretical background to the discussion, are addressed questions about the reporting as a journalistic genre and about the properties that this kind acquires the digital environment. Are taken into account processes of press and convergence characteristics of the medium. The study provided an understanding of the multimedia reporting in the digital medium, that can appropriate the characteristics of this medium to enhance the result and that, through effective integration between media formats, can create a unique product of the digital medium.

Keywords: Multimedia Special. Journalistic convergence. Journalism Online. Multimedia integration. Intermedia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Pirâmide deitada	20
Figura 2 - O menu fica posicionado no canto superior direito da tela. Ao ser pressionado, as opções se expandem.	46
Figura 3 - No capítulo “Povos indígenas” do especial, imagens e legendas são utilizadas para mostrar o cotidiano do ribeirinho Herculano Costa Silva.	49
Figura 4 - A descrição do personagem João Benedito Balão, no texto, e o vídeo com acionamento automático trazem aspectos humanos à narrativa.....	50
Figura 5 - A opção de iniciar o “passeio” pelo mapa interativo ou de sobrevoar Belo Monte com o Folhacóptero	52
Figura 6 - Exemplo de atualização contínua no capítulo 2 do especial multimídia. A correção do erro foi feita e os autores alocaram uma errata no final do capítulo.	53
Figura 7 - Página inicial do portal <i>online</i> do jornal Folha de São Paulo, onde o especial ganha destaque.	55
Figura 8 - Página inicial do portal <i>online</i> do jornal Folha de São Paulo. Belo Monte possui uma seção especial dentro da editoria de economia.	56
Figura 9 - A galeria de fotos no capítulo 1 mostra uma sequência de seis fotos dos trabalhadores nos alojamentos.	58
Figura 10 - A foto do índio Gelson Juruna aparece logo na introdução do capítulo 2.....	59
Figura 11 - Vídeo com <i>autoplay</i> , no final do capítulo 3, mostra a fabricação de um tijolo com argila retirada da margem do rio Xingu.....	60
Figura 12 – Fotos e vídeos retratam o cotidiano da índia Aritã’ihi no capítulo 4.....	61
Figura 13 - Infográficos no capítulo 3 ilustram os dados coletados na pesquisa de opinião do Datafolha.	63
Figura 14 - Imagens ampliadas no capítulo 3 revelam as péssimas condições de algumas áreas em Altamira	65
Figura 15 - O mapa no capítulo 2 ilustra a explicação do especialista.....	66
Figura 16 - Vídeo no capítulo 1 é feito em modelagem 3D e apresenta detalhadamente o funcionamento da usina.	68

Figura 17 - Vídeos com <i>autoplay</i> no capítulo 1 mostram a dimensão da estrutura utilizada para construção da usina.....	69
Figura 18 - Tela do Folhacóptero, que permite ao usuário sobrevoar Belo Monte.....	69
Figura 19 - Mapa interativo permite ao leitor expandir informações sobre a região de Belo Monte.	71
Figura 20 - mapa de cartografia dos conteúdos.....	74
Figura 21 - Mapa da cartografia da integração multimídia.....	75
Figura 22 - Mapa da cartografia dos conteúdos a partir da integração multimídia.....	77
Figura 23 - Infográficos no capítulo 1 são recursos utilizados para dar ao leitor a dimensão do tamanho da obra e da quantidade de material utilizado.....	78
Figura 24 - Mapa da análise ampliada do capítulo 1.....	79
Figura 25 - Galeria de fotos no capítulo 2 retoma fotos de uma audiência sobre Belo Monte realizada em 2009.....	80
Figura 26 - Mapa da análise ampliada do capítulo 2.....	81
Figura 27 - O vídeo com acionamento automático retrata a situação caótica do trânsito em Altamira.....	82
Figura 28 - Mapa da análise ampliada do capítulo 3.....	83
Figura 29 - O único infográfico presente no capítulo 4 ilustra dados sobre a desnutrição de crianças indígenas.....	84
Figura 30 - Mapa da análise ampliada do capítulo 4.....	85
Figura 31 - A cronologia apresenta um histórico das notícias divulgadas sobre o tema e encerra o especial.....	86
Figura 32 - Mapa da análise ampliada do capítulo 5.....	87

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Recursos aplicados por página.	76
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A INTERNET COMO LUGAR DA REPORTAGEM MULTIMÍDIA	14
2.1 CATEGORIZANDO A REPORTAGEM	14
2.2 O DESENVOLVIMENTO DO MEIO DIGITAL.....	17
2.3 CARACTERÍSTICAS DO MEIO DIGITAL E CONVERGÊNCIA DE LINGUAGENS	19
2.4 ASPECTOS DA REPORTAGEM MULTIMÍDIA NA INTERNET	25
2.5 COMPONENTES DA REPORTAGEM MULTIMÍDIA	31
2.6 AS CLASSIFICAÇÕES DA REPORTAGEM MULTIMÍDIA	34
3 DESCONSTRUINDO A BATALHA DE BELO MONTE	42
3.1 O PROCESSO DA CARTOGRAFIA	42
3.2 A <i>BATALHA DE BELO MONTE</i> COMO OBJETO DE ESTUDO	44
3.3 TRAÇOS DOS GÊNEROS JORNALÍSTICOS EM A <i>BATALHA DE BELO MONTE</i>	48
3.4 O OBJETO E AS CARACTERÍSTICAS DO MEIO DIGITAL	51
3.5 MAPA DA CONSTRUÇÃO DOS CONTEÚDOS	57
3.5.1 Personagem	57
3.5.2 Pesquisas do Datafolha.....	62
3.5.3 Problemas	63
3.5.4 Especialistas	65
3.5.5 Retomada ao passado	67
3.5.6 Questões técnicas da usina	68
3.5.7 Apresentação do ambiente.....	70
4 INTEPRETANDO A CARTOGRAFIA	73
4.1 A CONSTRUÇÃO DE CONTEÚDOS A PARTIR DA INTEGRAÇÃO MULTIMÍDIA	75
4.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS TEMÁTICAS E SUAS DISTRIBUIÇÕES NOS CAPÍTULOS	88

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	95
APÊNDICE A – ANÁLISE DETALHADA DE A <i>BATALHA DE BELO MONTE</i>	100

1 INTRODUÇÃO

Com o avanço e o desenvolvimento da internet e das redes digitais, o jornalismo foi aprimorando a forma de contar histórias. A reportagem é um gênero importante nesse contexto de experimentações e inovações. Sem dúvidas, o gênero se beneficiou das possibilidades oferecidas pelo meio digital, que incluem a possibilidade de integrar diferentes formatos midiáticos, de acrescentar *hiperlinks* e de atualização contínua. De todo esse processo, recentemente é possível ressaltar o chamado “especial multimídia”, que, de certa maneira, herda muitas características da grande reportagem no impresso e se destaca por acumular de maneira integrada diferentes formatos e gêneros jornalísticos no meio digital.

O especial multimídia *A Batalha de Belo Monte* do jornal Folha de São Paulo é exemplo de aproveitamento dos potenciais oferecidos pelo meio digital. Composta por cinco capítulos, o especial se propõe a contar “tudo sobre” a obra da usina hidrelétrica de Belo Monte. Para isso, mais do que oferecer números e análises distantes, a equipe narra de perto os percalços da obra e as histórias de alguns personagens que, com suas trajetórias de vida, também ajudam a construir Belo Monte. Resultado do extenso trabalho desenvolvido pela equipe da Folha de São Paulo, a reportagem recebeu a medalha de prata no tradicional prêmio Malofiej¹, concedido pela *The Society for News Design*.

Frente a todas essas possibilidades criativas, houve o interesse em responder o problema de pesquisa: como os conteúdos são dispostos nos formatos midiáticos que compõem o especial multimídia? Para resolver a questão, o objetivo geral deste trabalho é: entender como as diferentes temáticas estão apresentadas em *A Batalha de Belo Monte*. Os objetivos específicos se dividem em;

- a) entender como o especial multimídia faz uso das características dos meios digitais;
- b) analisar os formatos midiáticos utilizados em *A Batalha de Belo Monte*;
- c) compreender qual a temática mais comum presente em cada recurso utilizado no objeto de estudo.

Para alcançar os objetivos, o trabalho se divide em duas partes: o embasamento teórico e a desconstrução do objeto. Na primeira parte do trabalho, que corresponde ao segundo capítulo, a

¹ A reportagem foi premiada na categoria “online” da 22ª edição do prêmio Malofiej, concedido na Espanha pela *The Society for News Design*. É conhecido como o “Pulitzer da infografia”, como a maior condecoração da área, pois premia os melhores trabalhos em todo o mundo.

revisão teórica busca analisar as características da grande reportagem utilizando autores como Martínez Albertos (1983) e Marques de Melo (2010). Depois, discute-se como a internet proporciona um ambiente de desenvolvimento para reportagem multimídia. A partir dos estudos de Mielniczuk (2003a), Palacios (2004), Canavilhas (2009), Larrondo Ureta (2004), Barbosa (2010), busca-se entender as diferentes gerações da internet e quais as principais características que as redes digitais agregam às produções. García (2003), Santana (2008) e Larrondo Ureta (2004) contribuem para explicar como a reportagem multimídia se reconfigura na internet, quais são suas principais características e como os recursos podem ser explorados. Os estudos de Longhi (2010a) e de Salaverría (2010) auxiliam a entender como a convergência no jornalismo afetou suas produções. Longhi (2010, 2014) discute o conceito de especial multimídia como novo gênero jornalístico e a reconfiguração das produções audiovisuais no meio digital, que são importantes para o desenvolvimento da análise deste trabalho. Barbosa (2014) contextualiza as reportagens multimídia dentro do jornalismo feito a partir das bases de dados.

Na segunda parte do trabalho, é feita a desconstrução cartográfica do objeto de estudo. A metodologia é inspirada na geografia e propõe a construção de mapas para entender o objeto. *A Batalha de Belo Monte* é desconstruída, contextualizada e apresentada dentro das teorias sobre a grande reportagem e sobre o jornalismo no meio digital. Com este movimento, é possível entender quais são as principais temáticas presentes e como os diferentes formatos midiáticos são usadas para apresentar as informações. Ao final, usando a técnica das molduras, que permite uma visualização da análise, são propostas reflexões sobre a estrutura de *A Batalha de Belo Monte*.

2 A INTERNET COMO LUGAR DA REPORTAGEM MULTIMÍDIA

A reportagem é um gênero nobre para o jornalismo, pois sua versatilidade e liberdade narrativa permitem ao profissional inovar na maneira de relatar um tema. Esse potencial inventivo e as crescentes possibilidades tecnológicas proporcionaram a criação de produções como *A Batalha de Belo Monte*, definida pelos próprios produtores como “grande reportagem”. Entretanto, antes de falar sobre a reportagem multimídia no meio digital, cabe fazer algumas ponderações sobre esse gênero jornalístico. Para isso, serão utilizados autores que têm em sua raiz o estudo do texto jornalístico, como Sodré e Ferrari (1986), Lage (2001), Nocí e Salaverría (2001), Beltrão (1960), Martínez Albertos (1983), Marques de Melo (2010) e Vivaldi (1993). Com base na bibliografia desses pesquisadores, é feito um apanhado geral sobre a grande reportagem.

2.1 CATEGORIZANDO A REPORTAGEM

Dentro das divisões de gêneros jornalísticos estabelecidas por Martínez Albertos² (1983), a reportagem está inserida em duas classificações: no Jornalismo Informativo de primeiro nível está a Reportagem Objetiva (reportagem de acontecimento, reportagem de ação, reportagem de entrevista e reportagem curta). Já no Jornalismo Informativo de segundo nível está a Reportagem Interpretativa. Beltrão³ (1969, 1976) enquadra no Jornalismo Informativo a Reportagem, e no Jornalismo Interpretativo a Reportagem em Profundidade. Seguidor dos estudos de Beltrão, Marques de Melo⁴ (2010) identifica a reportagem inserida apenas no Jornalismo Informativo. Embora o último pesquisador identifique a reportagem na classificação de “informativo”, esse gênero é geralmente relacionado à classificação interpretativa. Assim, para

² Martínez Albertos (1983) divide sua classificação em: jornalismo informativo de primeiro nível, que contempla os gêneros Informação (notícia pura), Reportagem objetiva (Reportagem de acontecimento, reportagem de ação, reportagem de entrevista e reportagem curta); jornalismo informativo de segundo nível, que contempla a Reportagem interpretativa e a Crônica; e o jornalismo editorializante, que contempla o artigo ou comentário.

³ O autor não conceitua ou cita o termo “gênero jornalístico”, porém, considera que o jornalismo se baseia em três categorias. No jornalismo informativo, estaria enquadrado: a notícia, a reportagem, a história de interesse humano e a informação pela imagem; no jornalismo interpretativo: a reportagem em profundidade; e, por último, no jornalismo opinativo: o editorial, o artigo, a crônica, a opinião ilustrada e a opinião do leitor.

⁴ São cinco os gêneros jornalísticos previstos por Marques de Melo (2010): o informativo, dividido nos formatos nota, notícia, reportagem e entrevista; o opinativo, dividido entre editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta; o interpretativo, dividido em dossiê, perfil, enquete e cronologia; o utilitário, classificado em indicador, cotação, roteiro, serviço e obituário; e o diversional, separado entre história de interesse humano e história colorida.

este trabalho, interessa aprofundar os estudos sobre a grande reportagem ou a reportagem interpretativa, que são os gêneros em que se baseia o objeto de estudo.

Para Martínez Albertos (1983), a grande reportagem surgiu em revistas como *Life*, *Look* e *Época*, que discorriam sobre um tema num estilo monográfico. Muitas vezes o texto era apresentado em cadernos especiais, separados do conteúdo cotidiano da publicação. Diferente da notícia, que possui uma estrutura fixa e impessoal, priorizando o relato objetivo e factual, a reportagem é dotada de um estilo mais flexível, voltado para a interpretação de um tema que não é tão apegado à atualidade.

Na passagem de um jornalismo puramente informativo para jornalismo interpretativo, as linhas de tempo e espaço se enriquecem: enquanto a notícia registra o aqui, o já, o acontecer, a reportagem interpretativa determina um sentido desse aqui num círculo mais amplo, reconstitui o já no antes e no depois, deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal ou menos presente. (MEDINA, 1973, p.25).

Essa ideia vai de acordo com os conceitos defendidos por Sodré e Ferrari (1986). Segundo as autoras,   reportagem não recai a exigência de atualidade. “A reportagem oferece detalhamento e contextualiza o àquilo que já foi enunciado, mesmo que seu teor seja predominantemente enunciativo” (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 68). Outro ponto importante   o fato de que o g nero permite flexibilidade ao autor, ainda que não seja o lugar para expressar opiniões (MARTÍNEZ ALBERTOS, 1983). Pela grande quantidade de informa es que carrega, a reportagem, segundo García (2003),   o g nero que melhor informa o público, já que ajuda na forma o de opinião e oferece um panorama geral do assunto. Pode ainda divertir o leitor, pela forma como a narra o está construída, pelos recursos aplicados e pela afinidade com a literatura.

O caráter autoral da reportagem garante a ela um papel importante no conteúdo dos jornais e outras produ es informativas.

As grandes rotativas tendem a coincidir entre si pelas notícias que inserem em suas páginas; mas se diferenciam pelas reportagens. Não somente pela reportagem-notícia, mas especialmente pelas quais nos contam sobre o amplo e variado mundo, repleto de material informativo, não necessariamente noticioso. (VIVALDI, 1993, p. 69, tradu o nossa).⁵

⁵ “Los grandes rotativos suelen coincidir entre s  por las noticias que insertan en sus páginas; se diferencian por los reportajes. Y no sólo por el reportaje-noticia, sino, muy especialmente, por lo que nos cuentan del amplio y variopinto mundo, cuajado de material informativo, no necesariamente noticioso.”

Esse ponto defendido pelo autor espanhol legitima os esforços empenhados pelas equipes jornalísticas nas grandes reportagens e especiais. Os recursos investidos, o tempo e a dedicação se justificam caso o resultado final for original e dê destaque à empresa e aos jornalistas que o produziram.

Sodré e Ferrari definem quatro características para a reportagem: a predominância da forma narrativa, a humanização do relato, o texto de natureza impressionista e a objetividade dos fatos narrados. Dependendo do assunto ou objeto tratado, algumas dessas características podem aparecer com menor ou maior destaque (SODRÉ E FERRARI, 1986, p. 15). É possível identificar também que os elementos que constituem a grande reportagem são: antecedentes do fato, projeção do futuro, prognóstico, informação íntegra e análise (BELTRÃO, 1976). Mas há ainda autores que estabelecem outras características, como é o caso de Medina (1973), que entende a reportagem interpretativa como um gênero composto de aprofundamento, antecedentes, contexto e humanização.

Além das características, apresentadas por esses autores, a reportagem também se expressa através de recursos de linguagem. Para Canavilhas (2009), a linguagem é dividida em três tipos: a linguagem verbal não escrita (oralidade, pode ser percebida através de sons), a linguagem verbal escrita (ligada aos códigos escritos, às letras e palavras de um idioma) e a linguagem não verbal (sistema de informações não escritas que recebemos através do sistema visual, como os gestos ou as fotografias). A partir desses três grandes grupos podemos resumir as características dos meios. No jornalismo impresso, está presente a linguagem verbal escrita e também a não verbal. No rádio, a linguagem verbal não escrita. Já na televisão, estão presentes os três tipos de linguagem.

Desde o seu surgimento, a televisão possui a capacidade de reunir em um mesmo suporte a imagem, o som e o texto. Esse potencial multimídia é uma das possibilidades mais louvadas do meio digital. Ainda que esse elemento não seja uma novidade, o advento da internet trouxe novos horizontes para as produções jornalísticas, como um aproveitamento maior do hipertexto e da interatividade.

Em seus estudos sobre os gêneros no contexto digital, Irene Machado (2002) afirma que o gênero é determinado pelo suporte em que está inserido. Um suporte, devido às suas características intrínsecas, torna-se um ambiente propício para o desenvolvimento de práticas particulares. Considerando que a mídia modifica a maneira como o gênero jornalístico é

apresentado e formatado, no próximo capítulo, este trabalho busca entender as mudanças que o meio digital gera na reportagem - em específico o aprimoramento da reportagem multimídia.

2.2 O DESENVOLVIMENTO DO MEIO DIGITAL

A internet é um fenômeno recente na história da sociedade contemporânea. Antes mesmo do desenvolvimento da *World Wide Web* (WWW), a internet já era explorada pelo jornalismo através de e-mails, boletins ou recursos similares (PALACIOS et al., 2002). Mas foi somente com a expansão do aspecto comercial da Web, nos anos 1990, que se iniciou um aprimoramento efetivo do jornalismo nas redes digitais. Desde esse período, a internet foi um marco em todos os campos, principalmente no que se refere à informação. Fragoso, Recuero e Amaral (2011) entendem a internet como um campo em desenvolvimento. Dentro de suas especificidades e contradições, um dos maiores desafios para seu estudo é o fato de que ela não pode ser contida em um quadro estático. É preciso entender a internet como um fluxo constante e ininterrupto de informações. Canavilhas (2007) identifica nesse aspecto uma diferença latente entre os meios tradicionais e o meio digital:

Os meios de comunicação clássicos se caracterizam por uma relativa estabilidade resultante de uma utilização ao longo dos anos. Essa utilização gerou regulamentações e, conseqüentemente, a integração social dos meios. No caso das novas tecnologias multimídia, sua evolução é contínua, com mutações tão rápidas que impedem a estabilização de seu uso. (CANAVILHAS, 2007, p. 19-20, tradução nossa)⁶.

Segundo Canavilhas (2007), as tecnologias da informação e da comunicação introduziram mudanças relevantes em todo o processo jornalístico: da investigação à distribuição dos produtos, a internet inovou e segue revolucionando as profissões relacionadas e seus produtos. Ao longo do desenvolvimento da rede, foram sendo elaboradas diferentes maneiras de lidar com o meio. Mielniczuk (2003a) define a exploração da *Web* em três gerações: a primeira se trata do jornalismo transpositivo, onde o conteúdo de veículos impressos é transposto integralmente e sem nenhuma modificação para a internet. Segundo a autora, os produtos desta

⁶“Los medios de comunicación clásicos se caracterizan por una relativa estabilidad resultante de una utilización a lo largo de los años. Esta utilización ha generado reglamentaciones y, conseqüentemente, la integración social de los medios. En el caso de las nuevas tecnologías multimedia, su evolución es continua, con mutaciones tan rápidas que impiden la estabilización de su uso”.

geração são resultado de uma rotina que ainda segue os preceitos do modelo impresso de jornalismo e não apresenta uma opção de inovação narrativa.

Na segunda geração, já é possível perceber a exploração dos recursos da internet, mas com o modelo ainda ligado à produção do meio impresso. Observa-se, por exemplo, a utilização de *links* nas matérias. Já na terceira geração, há um investimento das empresas em explorar as potencialidades da *Web*. Observa-se o interesse em utilizar produtos, ferramentas e materiais próprios para o meio, absorvendo e desenvolvendo um novo modelo de linguagem. “São sites jornalísticos que extrapolam a idéia de uma versão para a Web de um jornal impresso já existente” (MIELNICZUK, 2003a, *online*). A autora observa que neste estágio as possibilidades da *Web* são mais bem exploradas.

Com o desenvolvimento da internet e a realização de outras pesquisas, os estudos avançaram. Para Barbosa (2013), a quarta geração se baseia no jornalismo de base de dados. Nesse estágio, as bases de dados (BDs) são entendidas como elementos que dão estrutura e sustentação para todas as atividades jornalísticas: desde a pré-produção, produção, circulação, consumo e pós-produção. As BDs criam nos sites jornalísticos e nas demais etapas um perfil dinâmico, diferente do padrão estático que permeava os estágios anteriores. O jornalismo em base de dados também permite mais mobilidade ao produto jornalístico, facilitando aos profissionais transpor as informações para diferentes mídias.

Após a criação de uma categoria para o paradigma do jornalismo de base de dados, Barbosa (2013) elaborou também a quinta geração do processo jornalístico.

Assim, o Paradigma Jornalismo em Base de Dados é balizador para inferirmos a existência de uma quinta geração de desenvolvimento para o jornalismo nas redes digitais. Os traços constitutivos incluem a própria medialidade, a horizontalidade como marca para o processamento dos fluxos de informações por entre as distintas plataformas (impresso, pdf/page flip, web, operações mobile: smartphones, tablets, redes sociais), com integração de processos e produtos no *continuum* multimídia dinâmico. (BARBOSA, 2013, p. 41).

A quinta etapa é o *continuum* multimídia. Para a autora, a expansão das mídias móveis gerou um novo processo de compreensão jornalística. Ou seja, neste contexto, são os *tablets*, *smartphones* etc. que reconfiguram os processos jornalísticos nas redes digitais.

Nesse contexto, a lógica não é de dependência, competição ou de oposição entre os

meios e seus conteúdos em diferentes suportes, característica de etapas anteriores do jornalismo, principalmente quando o examinamos a partir do surgimento das versões de produtos jornalísticos para a web. O cenário atual é de atuação conjunta, integrada, entre os meios, conformando processos e produtos, marcado pela horizontalidade nos fluxos de produção, edição, e distribuição dos conteúdos, o que resulta num *continuum* multimídia de cariz dinâmico. (BARBOSA, 2013. p.33).

É importante ressaltar que nenhuma das etapas é excludente. Isto é, ainda que haja a evolução do processo, as dinâmicas se colocam e convivem lado a lado. Em um mesmo jornal *online* ainda há a ocorrência do jornalismo de primeira à quinta geração. “Alguns sítios se encontram em processo de transição de uma fase à outra ou utilizam características de várias fases simultaneamente” (LUZ, 2010, p.45). Isso quer dizer que hoje podemos encontrar amostras de diversos produtos com níveis diferentes de aprimoramento e utilização das características do meio digital.

2.3 CARACTERÍSTICAS DO MEIO DIGITAL E CONVERGÊNCIA DE LINGUAGENS

Ao longo dessas mais de duas décadas de desenvolvimento do jornalismo na internet, diversos autores já estabeleceram as características do meio digital, que se encontram e se combinam nas diferentes etapas e fases do webjornalismo⁷. Apresentamos aqui um panorama geral das características defendidas pelos autores Larrondo Ureta (2004), Palacios (2004) e Canavilhas (2007). Outros autores, que desenvolveram as características em seus trabalhos, como Spinelli e Ramos (2007) e Torres e Amérigo (2003), também serão citados a seguir para complementar a discussão.

No Brasil, Palacios (2004) trabalha com seis características: hipertextualidade, multimídia, interatividade, memória, personalização e atualização contínua. As três primeiras são consideradas nos estudos de Larrondo Ureta (2004) e de Canavilhas (2007):

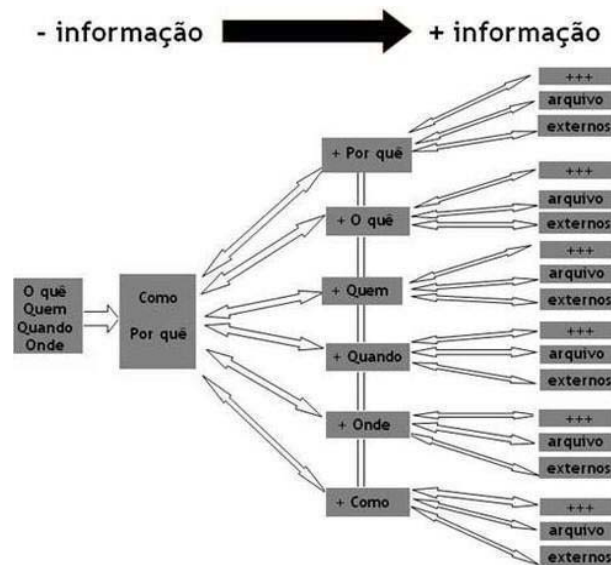
a) hipertextualidade: uma estrutura que permite à narrativa se construir de maneira não-

⁷ Apesar das muitas denominações utilizadas para designar o jornalismo realizado na internet (a saber: ciberjornalismo, Webjornalismo, jornalismo online, jornalismo multimídia, jornalismo eletrônico, jornalismo digital, entre outras), a escolha pela utilização do termo webjornalismo nesta análise segue a definição de Canavilhas (2007), segundo o qual o conceito de jornalismo está diretamente relacionado ao suporte técnico e ao meio onde são difundidos os conteúdos. “Lo que entendemos por webperiodismo es el periodismo que utiliza las herramientas de Internet para investigar y producir contenidos periodísticos difundidos para la web y que tiene un lenguaje propio [...]”. (CANAVILHAS, 2007, p.6).

linear, que une um enlace a outro utilizando o hipertexto. Segundo Canavilhas (2007), a hipertextualidade é um dos pontos mais relevantes do webjornalismo, porque tem implicações na linguagem, nos gêneros e nos processos de recepção, ao demandar a atuação de um receptor. É um dos conceitos que mais distingue o texto do jornalismo impresso para aquele do *online*. Não é apenas o fato de a notícia ser hipertextual que faz a diferença, mas o fato de que o leitor, a partir do texto, pode clicar em outros *links* e seguir uma rota personalizada de conteúdos.

Esse recurso gerou a necessidade da criação de uma nova estrutura para a informação. O antigo modelo da pirâmide invertida, que organizava a notícia do mais para o menos importante, já não supre todas as necessidades do meio digital. Por isso, Canavilhas (2006, 2007) defende a utilização de um modelo diferente: a pirâmide deitada (figura 1). Nessa estrutura, a notícia se desenrola de maneira horizontal. Cada elemento da notícia (o quê, quem, quando, onde e por quê) se ramifica em mais informações. Dessa maneira, o leitor pode seguir o caminho informativo que desejar, segundo suas expectativas (CANAVILHAS, 2007, p. 86).

Figura 1 - Pirâmide deitada



Fonte: CANAVILHAS, 2006, p.14

A unidade base da pirâmide deitada (primeira divisão partindo da esquerda) tem a função de introduzir e contextualizar o tema, como um lead jornalístico. Na segunda divisão acontece uma explicação mais detalhada e aprofundada do acontecimento. A terceira divisão é a explicação, onde há utilização de recursos multimídia para responder melhor as perguntas do lead

(o quê, quem, como, onde, quando e por quê). A quarta divisão é o nível de exploração, onde há os *hyperlinks* que ligam a notícia a outros conteúdos relacionados. Também há espaço para a atualização contínua da informação (SPINELLI e RAMOS, 2007);

b) multimídia: é a possibilidade de reunir recursos provenientes de diferentes formatos, como a imagem, o som e o áudio. Segundo Larrondo Ureta (2004), a multimídia pode ser utilizada em conjunto com o hipertexto e formar uma combinação chamada de “hipermídia”⁸. “Nos referimos a um ‘hipertexto’ quando o arquivo une dois ou mais vínculos textuais. Se o que se relaciona é composto por distintos tipos de informações (textual, visual e sonora), estamos falando de um ‘hipermídia’” (LARRONDO URETA, 2004, *online*, tradução nossa)⁹. Para Canavilhas (2007), a característica da multimídia também tem muita relevância no webjornalismo, já que muda a maneira de estruturar a narrativa e aumenta as possibilidades do jornalista;

c) interatividade: Palacios (2004) dá destaque para o leque de possibilidades que o leitor tem para entrar em contato com o autor do conteúdo *online*: *chats*, *e-mails*, fóruns etc. Além disso, segundo Larrondo Ureta (2004), o discurso digital hipertextual permite que o leitor seja também uma espécie de autor do texto que está lendo, por escolher o recorrido de leitura que faz diante dos vínculos existentes, aumentando a interatividade. Para Canavilhas (2007), essa é a característica que mais destaca o meio digital dos outros meios, já que permite maior envolvimento do leitor;

d) memória: Palacios (2004) afirma que a *Web* é uma plataforma que permite mais facilmente o acúmulo e o acesso às informações. Devido à grande capacidade tecnológica, as redes digitais servem como suporte e como banco de dados para uma série de *links*.

A memória pode ser recuperada tanto pelo produtor da informação, quanto pelo usuário. Sem as limitações anteriores de tempo e espaço, o jornalismo tem a sua primeira forma de memória múltipla, instantânea e cumulativa. (PALACIOS, 2004, *online*).

⁸ Enquanto Larrondo Ureta (2004) diferencia o hipertexto e a hipermídia, autores como Mielniczuk (2003) e Barbosa (2010) encaram que, embutido no hipertexto, há também a hipermídia. Para este trabalho, é adotada a visão de Larrondo, pois permite uma exploração mais didática do tema.

⁹ “Nos referimos a un ‘hipertexto’ cuando el enlace une dos o más nodos textuales, mientras que si lo que se relaciona son distintos tipos de informaciones (textual, visual y sonora) hablamos de un ‘hipermedia’”.

O acesso no meio digital é mais fácil também se comparado a outros suportes, como o livro e o *CD-Rom*, por exemplo. A internet disponibiliza um espaço praticamente ilimitado para o conteúdo noticioso;

e) personalização: é a possibilidade de o leitor encarar a narrativa da maneira como julgar mais necessária ou pertinente. É resultado das opções de interatividade que o usuário dispõe ao acessar o conteúdo na internet. “[...] consiste na opção oferecida ao Utente para configurar os produtos jornalísticos de acordo com os seus interesses individuais” (PALACIOS, 2004, *online*). O autor exemplifica ainda comentando que alguns *websites* noticiosos permitem ao leitor fazer uma pré-seleção dos assuntos e determinar sua hierarquia. Assim, quando a página do *website* é carregada no computador do usuário, ela já atende às preferências estabelecidas anteriormente;

f) atualização contínua: permite ao jornalista adicionar materiais ao produto final mesmo após sua publicação. “A rapidez do acesso, combinada com a facilidade de produção e de disponibilização, propiciadas pela digitalização da informação e pelas tecnologias telemáticas, permitem uma extrema agilidade de atualização do material nos jornais da Web”. (PALACIOS, 2004, *online*).

Torres e Américo (2003) agregam a essa característica a possibilidade de acrescentar mais informações ao conteúdo jornalístico sem precisar esperar uma determinada hora do dia, como é o caso do jornal impresso, por exemplo. Com essa possibilidade, é possível colocar em questão inclusive a própria denominação tradicional de “periódico” ou “diário” (TORRES e AMÉRIGO, 2003). Palácios (2004) defende ainda que as características do webjornalismo se mostram mais como continuidades e potencializações de elementos que já existiam nas outras mídias do que rupturas que se distanciam dos meios anteriores.

[...] as características do Jornalismo na Web aparecem majoritariamente como **Continuidades e Potencializações** e não, necessariamente, como **Rupturas** com relação ao jornalismo praticado em suportes anteriores. Com efeito, é possível argumentar-se que as características elencadas anteriormente como constituintes do Jornalismo na Web podem, de uma forma ou de outra, ser encontradas em suportes jornalísticos anteriores, como o impresso, o rádio, a TV, o CD-Rom. (PALACIOS, 2004, *online*, grifo do autor).

O autor exemplifica a teoria trazendo o caso da televisão, que antes do surgimento da

Web já fazia uma conjugação de formatos midiáticos, unindo a imagem, o som e o texto. Palacios (2004) traz mais exemplos: a hipertextualidade já podia ser encontrada em suportes como o *CD-Rom*, ou mesmo a antiga e consagrada enciclopédia. A personalização também já estava presente anteriormente, através da segmentação de audiência ou públicos-alvo. O jornalismo, no meio digital, alimenta-se dessas referências e as potencializa, dando a elas mais evidência.

Pode-se perceber que uma das palavras-chaves do desenvolvimento do jornalismo na internet é a convergência. Para Jenkins (2004), esse fenômeno está muito presente na cultura contemporânea. Cultura essa que se caracteriza pelo encontro não apenas tecnológico, mas também nas indústrias, nos produtos, nas relações e nas maneiras como se dá o consumo. “Convergência de mídia é mais do que uma simples alteração tecnológica, Convergência altera o relacionamento entre as tecnologias, indústrias, mercados e gêneros existentes e a audiência” (JENKINS, 2004, p. 34, tradução nossa)¹⁰.

Salaverría (2010) aponta que o momento de ruptura e de inserção no meio digital gerou convergência no jornalismo. Esse fenômeno abrange aspectos tecnológicos, empresariais, profissionais e de conteúdo¹¹. Para este estudo, interessa aprofundar as mudanças referentes ao último aspecto levantado.

[...] As empresas jornalísticas são organizações orientadas para a produção continuada de um produto cultural chamado informação. Portanto, forçosamente, uma mudança nos seus elementos tecnológicos, logísticos e nos perfis profissionais teria consequências no plano de conteúdos. Essas consequências podem se resumir em uma palavra: *multimedialidade*. (SALAVERRÍA, 2010, p. 38, grifo do autor, tradução nossa)¹².

A linguagem multimídia é composta pela união de diferentes formatos midiáticos e da narrativa de meios de comunicação como a televisão e a rádio. “Os conteúdos multimídia que

¹⁰ “Media convergence is more than simply a technological shift. Convergence alters the relationship between existing Technologies, industries, markets, genres and audiences”.

¹¹ O novo modelo organizativo previsto por Salaverría (2010) supõe quatro tipos de convergência: a tecnológica, com uma redação multiplataforma e novos sistemas de gestão de conteúdo, mais digitalizado; a profissional, com empregados polivalentes, jornalistas multitarefas que não se restrinjam a apenas uma função dentro da redação; a empresarial, que se ramifica em duas vertentes: diversificação de produtos elaborados por uma mesma empresa e a posse de vários meios por uma mesma organização; e a convergência de conteúdo, que pressupõe a combinação de várias mídias em um mesmo produto, a colaboração entre as mídias e um ritmo constante de atualização.

¹² “Las empresas periodísticas son organizaciones orientadas a la producción continuada de un producto cultural llamado información. Por lo tanto, forzosamente un cambio en sus elementos tecnológicos, logísticos y en los perfiles profesionales había de tener consecuencias en el plano de contenidos. Esas consecuencias pueden resumirse en una palabra: *multimedialidad*”.

hoje caracterizam as formas mais vanguardistas do jornalismo são, no fundo, uma junção das linguagens exploradas durante o século XX pelos meios impressos e audiovisuais” (SALAVERRÍA, 2008, p. 32, tradução nossa)¹³.

Segundo Santaella (2007), a hibridização das linguagens é um fenômeno recorrente desde a criação dos meios de massa. A partir do jornal, a palavra, a foto e a diagramação deixaram de ser signos estáticos que só de hibridizavam com dificuldade. Ao longo da evolução midiática e tecnológica, a fusão dos meios fez surgir tecnologias que impactaram a maneira como o homem se comunica. O computador, segundo a autora, traz consigo não apenas a hibridização que já era própria do fenômeno que se seguia, mas também uma linguagem “cíbrida”, que é própria do ciberespaço.

É notório que os conceitos de escritura e de texto vêm passando por transformações profundas desde que as tecnologias digitais emergiram. A integração do texto, das imagens dos mais diversos tipos, fixas e em movimento, e do som, música e ruído, em uma nova linguagem híbrida, mestiça, complexa, que é chamada de hipermídia, trouxe mudanças para o modo como não só o texto, mas também a imagem e o som costumavam ser entendidos. (SANTAELLA, 2007, p. 84).

Nesse sentido, Plaza (1987) traz os conceitos de intermídia e multimídia para definir os produtos que unem diferentes formatos midiáticos. O fenômeno da multimídia, para o autor, nada mais é do que a sobreposição de diversas tecnologias sem que a soma delas gere um conflito ou um produto final diferente. “Neste caso, os múltiplos meios não chegam a realizar uma síntese qualitativa, resultando uma espécie de colagem que se conhece como multimídia” (PLAZA, 1987, p.65). Já o fenômeno da intermídia consiste na criação de um resultado diferente dos dois produtos originais que constituíram o objeto final. “Tomando como exemplo o videotexto, este é produto da síntese qualitativa (*intermídia*), síntese do computador, vídeo doméstico e da cablagem telefônica que permite mostrar textos e imagens usando a telemática” (PLAZA, 1987, p. 65, grifo do autor).

Os conceitos de Plaza (1987) podem ser relacionados à ideia de multimídia defendida por Salaverría (2005). O teórico espanhol afirma que há duas formas de convergência de conteúdo que geram a multimedialidade. A multimídia por justaposição consiste na apresentação de diferentes materiais feitos a partir de uma mesma produção e apuração, apresentados em

¹³ “Los contenidos multimedia que hoy caracterizan a las formas más vanguardistas del periodismo son, en el fondo, una amalgama de los lenguajes explorados durante el siglo XX por los medios impresos y audiovisuales.”

distintos formatos midiáticos que não se completam e que podem se repetir. A multimídia por integração consiste na combinação de diferentes suportes midiáticos em uma mesma narrativa. Neste último caso, para ser considerado um verdadeiro produto multimídia, as informações não podem simplesmente estar justapostas, mas é preciso que haja uma integração entre os meios. Os elementos estão reunidos em um mesmo suporte e possuem uma unidade comunicativa, ou seja, compõem um único discurso coerente, que não se repete, mas agrega informações. Ainda assim, o conceito de multimídia por integração não é a mesma coisa que intermídia. Enquanto o resultado da multimídia por integração é a reunião de elementos para criar uma unidade narrativa, na intermídia o resultado do processo midiático é a criação de um novo produto.

Longhi (2010b) adota os conceitos de intermídia e hipermídia em seus estudos. “A concepção de intermídia vem colaborar para o entendimento das estratégias de convergência, que vão além da simples colagem, para efetivar-se numa fusão que opera conceitualmente, no nível do seu significado” (LONGHI, 2010b, p. 203). Em um artigo publicado em 2009, a autora afirma: “A hipermídia atua para a criação de narrativas nas quais o acompanhamento de informações adicionais ao texto significa, por si só, um elemento fundamental da informação online” (LONGHI, 2009, p.192). Esse fenômeno foi estudado pela autora em infográficos produzidos por grandes portais de conteúdo *online*.

Na análise, Longhi (2009) aplica os conceitos já apresentados por Plaza (1987) e exemplifica com duas produções: o especial “*Respect*”¹⁴, realizado pelo *Detroit News*, que utiliza diversas mídias para a composição do produto, resultando em uma reportagem multimídia (por justaposição, considerando os termos de Salaverría), e o especial “*Malvinas, 25 anos*”¹⁵, do *Clarín.com*, que faz um tratamento intermídia dos diferentes suportes e gera um produto final com um “novo conceito em relação à informação visual/gráfica no *online*” (LONGHI, 2009, p. 193). A diferença acontece porque no primeiro exemplo não há a preocupação em combinar as diferentes mídias em um nível conceitual. Elas estão apenas convivendo, em espaços próprios, lado a lado dentro de uma produção. Já no segundo exemplo, o especial consegue fundir todas as informações em um mesmo ambiente. A autora exemplifica:

¹⁴ Disponível em: <<http://media.freep.com/respect/index.html>> Acesso em 19 de abril de 2014.

¹⁵ Disponível em: <<http://edant.clarin.com/diario/2007/04/02/conexiones/malvinas07.html>> Acesso em 19 de abril de 2014.

Na sua abertura, e aí aparece a fusão conceitual, o especial recorre ao uso de terceira dimensão, ao fundir duas imagens, retratando um primeiro plano mostrando capacetes e trincheiras, e um segundo plano que contém a paisagem em plano geral, tudo navegável pelo movimento do mouse sobre a imagem. (LONGHI, 2009, p. 194).

É possível inferir, então, que a intermídia acontece quando o maior número possível de mídias está reunido para formar uma estrutura que transmita a informação e permita a interação do usuário com o conteúdo. A integração pode acontecer sem acarretar em intermídia, mas a intermídia não pode acontecer onde não houver integração.

2.4 ASPECTOS DA REPORTAGEM MULTIMÍDIA NA INTERNET

O diálogo entre os diferentes formatos midiáticos caracteriza o meio digital, onde o fenômeno da multimídia se potencializou e a convergência se mostrou uma possibilidade a mais para a construção de novos produtos. Santana (2008), através de uma investigação sobre as reportagens multimídia, encara as mesmas como herdeiras da reportagem tradicional e afirma que lentamente estão incorporando as propriedades do meio digital:

Por esta razão é possível encontrar hoje na rede reportagens tradicionais que incluem apenas texto e algumas imagens, típico da imprensa escrita e reportagens que em maior ou menor medida incluem recursos hipertextuais, interativos, multimídia, até reportagens multimídia que começam a se distinguir por seu aproveitamento das qualidades expressivas da comunicação na Internet e que se diferenciam dos modos de expressão tradicionais do jornalismo. Não obstante, ainda são muito fracas as fronteiras e o ritmo de ensaio não oferece uma grande margem de tempo para compreender os crescentes processos de renovação. (SANTANA, 2008, p. 8, tradução nossa)¹⁶.

A autora identifica muitas características da grande reportagem tradicional na reportagem multimídia no meio digital, já que esta modalidade cumpre as mesmas funções informativas e interpretativas tradicionais do gênero e resgata suas características essenciais. Entre os elementos que esse gênero carrega do modelo tradicional, estão: a ampla diversidade de assuntos e temas que aborda, a perspectiva interpretativa do gênero e a presença subjetiva do autor, que se distancia do fato e conta o relato em terceira pessoa (SANTANA, 2008).

¹⁶ “Por esta razón es posible encontrar hoy en la red reportajes tradicionales que incluyen sólo texto y algunas imágenes, típicos de la prensa impresa y reportajes que en mayor o menor medida incluyen recursos hipertextuales, interactivos, multimediales, hasta reportajes multimedia que comienzan a distinguirse por su aprovechamiento de las cualidades expresivas de la comunicación en Internet y que se diferencian de los modos de expresión periodísticos tradicionales. No obstante, todavía son muy débiles las fronteras y el ritmo de ensayo no ofrece un amplio margen de tiempo para comprender los procesos crecientes de renovación”.

Para García (2003), a reportagem multimídia encontra no meio digital uma maneira de potencializar suas características originais. Este trabalho já elucidou algumas das características, mas cabe trazer aqui as propriedades desse gênero na *Web*, elaboradas por García (2003): caráter multimídia, ruptura da sequencialidade, ruptura da periodicidade, interatividade, legibilidade e código HTML. A seguir há uma explicação sobre cada uma dessas características, adaptando seus conceitos de acordo também com outros autores já citados neste trabalho:

a) caráter multimídia. O meio digital permite integração de diferentes formatos.

A reportagem jornalística na internet pode se aproveitar com facilidade desta característica do meio, complementando seu documento fonte (geralmente escrito) com a inserção de imagens ilustrativas daquilo que está sendo narrado; fragmentos sonoros ou audiovisuais que complementem a informação escrita ou se constituam, eventualmente, em seu centro; links com documentos que aprofundem a informação, provenientes do próprio meio ao que pertence a reportagem ou de fontes externas etc. (GARCÍA, 2003, p. 455, tradução nossa)¹⁷.

Torres e Américo (2003) ressaltam que o meio digital permite pela primeira vez uma integração de todas as mídias. Entretanto, os autores alertam para o perigo de mesclar as mídias e confundir o leitor. Se confundido, o usuário opta por desintegrar o produto a fim de utilizar apenas um dos formatos que o compõe (TORRES e AMÉRIGO, 2003, p.73). Para escapar do risco, Nocí e Salaverría (2003) sugerem fugir do modelo justaposto e buscar uma correta integração entre as mídias, analisando qual formato é adequado para cada tipo de informação.

Se não tiver em conta essa bifurcação entre a adaptação e a “tradução” para a linguagem da Rede e a concepção e desenho utilizado originalmente, o modo narrativo selecionado pode produzir o que se supõe uma “narração duplicada” em dois formatos diferentes. (TORRES E AMÉRIGO, 2003, p.73, tradução nossa)¹⁸.

A narração duplicada é uma situação em que o leitor encontra informações repetidas em diferentes formatos, ao invés de acrescentar complementos informativos. Por isso, cada formato

¹⁷“El reportaje periodístico en Internet puede aprovecharse con facilidad de esta característica del medio complementando su documento fuente (habitualmente escrito) con la inserción de imágenes ilustrativas, de aquello que se está narrando, fragmentos sonoros o audiovisuales que complementen la información escrita o se constituyan, eventualmente, en su centro, enlaces con documentos que profundicen en la información, provenientes del propio medio al que pertenece el reportaje o de fuentes externas, etcétera”.

¹⁸“De no tener en cuenta esa bifurcación entre la adaptación o ‘traducción’ al lenguaje de la Red y la concepción y diseño en origen utilizado el modo narrativo seleccionado se puede producir lo que se supone una ‘narración duplicada’ en dos formatos distintos”.

de narração deve ser escolhido por suas características, não sendo uma opção aleatória;

b) ruptura da sequencialidade. O hipertexto, que permite ao autor aprofundar o assunto em uma escala não necessariamente linear, faz com que os conteúdos na internet não precisem seguir uma sequencialidade.

As reportagens na internet, portanto, não somente podem reunir os recursos provenientes de diferentes suportes, como também podem se estruturar em uma multiplicidade de ferramentas, adequadamente hierarquizadas em um texto fonte, a partir do qual surgem diversas informações complementárias que idealmente se estenderiam até o infinito. (GARCÍA, 2003, p. 455, tradução nossa)¹⁹.

A reportagem se estende também de acordo com os interesses do leitor em clicar nos *hiperlinks* e abrir novas abas com informações complementares. Isso acontece independente da estrutura linear do texto ou da narrativa. Entretanto, Larrondo Ureta (2009) lembra que a escrita fragmentada não implica ausência de organização, já que o autor mantém a responsabilidade de articulação hierárquica de todo o conjunto em um programa narrativo global seguindo estilo e gênero definidos. Ou seja, é o autor que traça os caminhos trilhados pelo leitor ao longo da reportagem;

c) ruptura da periodicidade. Sem limites de espaço ou de tempo disponível, o material na internet está sempre aberto para consulta do leitor. Além disso, a aparente ausência de limites que estreitem as possibilidades da reportagem também se destaca, já que normalmente o gênero se distancia do factual e se caracteriza por um aprofundamento no tema. A isso é possível somar também a aplicação da característica de atualização constante, que permite acrescentar informações (GARCÍA, 2003).

[...] a reportagem na Internet se ajusta com mais facilidade ao ideal ciberjornalístico da “atualização constante”, completando de forma contínua a informação de que inicialmente se compõe com novos textos e informações geradas pelo meio ou por outros espaços comunicativos na Rede. (GARCÍA, 2003, p.456, tradução nossa)²⁰.

¹⁹ “Los reportajes en Internet, por tanto, no sólo pueden aunar los recursos provenientes de distintos soportes, sino que además pueden estructurarse en multitud de apartados, adecuadamente jerarquizados en un texto fuente a partir del cual surgen diversas informaciones complementarias que idealmente se extenderían hasta el infinito.”

²⁰ “[...] el reportaje en Internet se ajusta con mayor sencillez al ideal ciberperiodístico de la “actualización constante”, completando de forma continua la información de que inicialmente se compone con nuevos textos e informaciones generadas por el medio o por otros espacios comunicativos en la Red”.

Ou seja, se surgir alguma informação importante, que exponha o desfecho de um caso narrado na reportagem, ela pode ser acrescentada para agregar informação ao produto;

d) interatividade. Há dois aspectos que cercam esta característica: a interatividade com o leitor, como na utilização de ferramentas como chats, e-mail e fórum, e a interatividade com a informação. “A interação ocorre em vários níveis, desde o mais simples, como clicar em um link, ao mais complexo, como enviar comentários, participar em fóruns associados a notícias e enviar material para publicação (jornalismo participativo, leitor-repórter etc.)” (LUZ, 2010, p. 47).

A interação com o conteúdo, graças aos distintos enlaces e à falta de sequencialidade na reportagem, facilita ao leitor ter uma interação com o conteúdo de maneira que possa escolher, dentro das opções, o que quer acessar (GARCÍA, 2003).

Novamente o ajuste da reportagem às possibilidades que se abrem frente ao leitor de documentos digitais é máxima, pois sua estrutura se define em virtude da disposição hierarquizada de uma ampla série de documentos aos quais o público acessa em função de suas preferência mediante os links. (GARCÍA, 2003, p. 457, tradução nossa)²¹.

Santaella (2007) acredita que a eficiência do hipertexto está relacionada com o aproveitamento da interface. Luz (2010) também defende essa ideia. “Quanto maior a interatividade, mais profunda a imersão do leitor (concentração, atenção e compreensão da informação). Deriva daí a importância do design de interface: ele determina a tomada de decisão por parte do internauta” (LUZ, 2010, p. 47);

e) legibilidade. As limitações da tela do computador levam os jornalistas a primar por estratégias que melhorem a visualização do conteúdo. Larrondo Ureta (2009) lembra que é comum a utilização de divisões, menus e páginas para navegar dentro da reportagem hipertextual, porque é necessária uma estrutura eficaz da informação para que o leitor possa acessar perfeitamente o conteúdo. Esse recurso facilita a leitura do produto final, já que as mídias são oferecidas a partir de fragmentos e não de uma junção completa de todas as informações;

f) questão técnica. Segundo García (2003), a reportagem em formato digital será

²¹“Nuevamente el ajuste del reportaje a las posibilidades que se abren frente al lector de documentos digitales es máximo, pues su estructura se define en virtud de la disposición jerarquizada de una amplia serie de documentos a los que el público accede en función de sus preferencias mediante enlaces”.

melhorada se houver um bom aproveitamento dos recursos de edição e das aplicações complementares ao código HTML. Longhi (2009) destaca que as tecnologias digitais permitem muitas possibilidades.

Se o design gráfico tradicional não comportava imagens em movimento, a WWW, por sua vez, oferece animação, interatividade e vídeo e áudio digitais. Isto foi propiciado, em grande parte, pelo desenvolvimento de softwares e de recursos técnicos, tais como os que aumentaram a velocidade de navegação, dentre outros avanços. (LONGHI, 2009, p. 190).

Uma maneira de otimizar os recursos tecnológicos para o benefício da reportagem é a utilização de *softwares* específicos. O uso do *Flash*²², por exemplo, instaurou uma nova era nas produções. Segundo Longhi (2013), com essa tecnologia, é possível explorar diferentes tipos de linguagem em uma mesma janela. Assim, a multimídia acontece de forma muito eficaz, em uma única interface simples. McAdams, em 2005 (*apud* LONGHI, 2010), cunhou o termo *Flashjournalism*, que, em 2010 Longhi classificou como o formato por excelência dos meios digitais. É possível acrescentar, mais recentemente, o HTML5 (*Hypertext Markup Language*, versão 5), que é uma linguagem destinada à estruturação e apresentação de conteúdo para a *World Wide Web* e uma tecnologia chave da internet, originalmente proposta por *Opera Software*²³. Essa linguagem tem feito a diferença em produtos desenvolvidos, principalmente no jornalismo. Ela se destaca principalmente pela capacidade multiplataforma, adaptando-se bem a computadores, *tablets* e *smartphones*. A utilização cada vez maior desta tecnologia, com essas características, viabiliza a tendência de *continuum* multimídia desenvolvida por Barbosa (2010).

Santana (2008) identifica ainda outro aspecto importante a ser percebido: muitas reportagens permanecem nos portais de conteúdo em seções especiais destinadas a elas. O produto não morre com o tempo. Essa característica supera, de uma vez por todas, o caráter efêmero de algumas mensagens jornalísticas. Outros elementos importantes são: o design das grandes reportagens multimídia, bastante distinto do design geral dos sites, e a criação de funções diferentes para os profissionais que participam da produção e edição destes produtos:

Funções como *direção, desenvolvimento e edição multimídia* emergem dos exercícios profissionais, além das funções habituais para este gênero, como a edição, investigação e fotografia. Nos meios tradicionais, embora os trabalhos enfrentem um processo

²² Marca registrada da Adobe, anteriormente, pertencente à Macromedia.

²³ Empresa de *software* da Noruega fundada em 1995.

produtivo que envolve muitos profissionais, a autoria pertence, quase unicamente, aos jornalistas. (SANTANA, 2008, *online*, tradução nossa)²⁴.

É importante ressaltar que todos os gêneros jornalísticos se beneficiam das características e potencialidades disponibilizadas pelo meio digital. Entretanto, a questão essencial aqui é o benefício especial que recebe a reportagem. “[...] é o ajuste quase perfeito entre suas características e as do novo meio em que se exhibe” (GARCÍA, 2003, p. 457, tradução nossa)²⁵.

2.5 COMPONENTES DA REPORTAGEM MULTIMÍDIA

Para complementar a descrição sobre como a reportagem multimídia é beneficiada pelas potencialidades do meio digital, García, em 2003, destacava também os recursos que podem ser utilizados na sua composição. São eles: o texto, as imagens estáticas e dinâmicas, o som, a infografia e a exposição de *hiperlinks*. Segundo Canavilhas (2007), os códigos e signos utilizados por uma mídia são aprimorados ao longo do tempo.

O jornal diário, que começou apenas com o texto verbal, evoluiu ao acrescentar a ele imagens. O mesmo ocorreu com a rádio, que depois de uma fase baseada no texto oral foi agregada com a música, ou com a televisão, que acrescentou som à imagem e, posteriormente, já se utiliza do texto (CANAVILHAS, 2007, p. 40, tradução nossa)²⁶.

Mesmo com o potencial de superação destes recursos, é válido trazer os elementos apontados por García (2003) para nos auxiliar, posteriormente, na análise do objeto de estudo. A alguns elementos serão acrescentadas também observações feitas por Santana (2008) sobre os usos desses elementos nos objetos estudados²⁷ em sua investigação:

²⁴“Roles como *dirección, desarrollo y edición multimedia* emergen de los ejercicios profesionales, además de las funciones habituales para este género como la edición, la investigación y la fotografía. En los medios tradicionales, aunque los trabajos enfrentan un proceso productivo en el que intervienen numerosos actores, la autoría pertenece, casi únicamente, a los periodistas”.

²⁵ “[...] es el ajuste casi perfecto entre sus características y las del nuevo medio en el que se despliega”.

²⁶ “El periódico, que empezó tan sólo con texto verbal, evolucionó al añadirsele imágenes. Lo mismo ocurrió con la radio, que después de una fase basada en el texto oral, le agregó la música, o de la televisión que acrecentó sonido a la imagen y, posteriormente, le ha yuxtapuesto el texto”.

²⁷ No artigo “El reportaje multimedia como género del periodismo digital actual. Acercamiento a sus rasgos formales y de contenido” a autora cubana se propõe a analisar as reportagens: *El oro de Canfranc* (disponível em <http://www.heraldo.es/canfranc/>), *La frontera más caliente* (disponível em http://www.clarin.com/diario/especiales/especial_sierra_mexico/index.html), *El horror está enterrado en San*

a) texto. Ainda atua como núcleo da reportagem. Segundo García (2003), porém, em reportagens verdadeiramente multimídia, o texto não recebe tanta atenção, já que a informação é devidamente distribuída entre as outras mídias utilizadas. Mas o autor ressalta que a escrita pode aparecer também na reportagem multimídia como anexo de documentos oficiais ou de outra natureza.

Nas análises de Santana (2008), das quatro reportagens analisadas, apenas uma (*Los Amores*, do portal argentino *Clarín.com*) não utilizava o texto como fio condutor. Ou seja, a utilização da narrativa escrita ainda é muito expressiva no meio digital;

b) imagens estáticas e dinâmicas. Segundo García (2003), as imagens estáticas são antigas conhecidas do jornalismo. Elas acompanham desde notícias simples até reportagens mais elaboradas. Já as imagens dinâmicas são animações desenvolvidas com a ajuda de *softwares*, como o *Flash*, ou são fragmentos de vídeos em diferentes formatos, com importância variável dentro da reportagem. Os fragmentos de vídeo, abordados já nesta classificação pelo autor, não possuem qualidade comparável às produções audiovisuais telejornalísticas e aparecem pouco nas reportagens multimídia. A falta de investimento se justifica pelo alto custo de equipamento e também de profissionais para produção e edição do material, e pela dificuldade de sustentar a quantidade de dados sem aumentar o tempo de *download* da reportagem para os leitores.

Na análise de Santana (2008), a fotografia é o estilo de imagem mais empregado, deixando para trás recursos como mapas e caricaturas. São muitas as galerias de imagens e é considerável também o emprego de imagens animadas com a utilização de *softwares*. O vídeo ainda é o aspecto menos explorado nas reportagens estudadas pela autora;

c) som. Assim como o vídeo, García (2003) acredita que os arquivos de áudio são mais simples na reportagem multimídia no meio digital do que no rádio, seu meio originário, mas que os conteúdos vêm se aprimorando. Embora em alguns casos os arquivos se apresentem como material bruto, em outros ele toma forma como um conteúdo elaborado.

O uso de som já é mais do que acessório: evoluiu de simples materiais informativos brutos, como declarações, para formatos em podcasts (arquivos em áudio disponíveis

para download), entrevistas, músicas de fundo, sons ambientes, reportagens exclusivamente sonoras (geradas pelas próprias emissoras de rádio) e até composições musicais feitas especialmente para reportagens multimídia. (LUZ, 2010, p. 56).

De acordo com Santana (2008), a narração, a música, a exposição do texto em *off*, o emprego de efeitos sonoros e do som ambiente são frequentemente utilizados nas reportagens multimídia;

d) infografia. García (2003) dá destaque para esse elemento. Largamente utilizado na reportagem impressa, o recurso ganha novas configurações e limites na reportagem multimídia. O autor traz quatro utilizações em que a infografia é bastante empregada: dados estatísticos; explicação de processos ou funcionamentos; características de um objeto, e a visualização de mapas. Com tecnologias e *softwares* mais recentes, ficou mais fácil também transformar as infografias em aplicações animadas. Podemos alocar também a linha do tempo, que cumpre o papel de situar temporalmente um fato ou acontecimento, expondo os aspectos relacionados. De acordo com Santana (2008), as infografias animadas e interativas foram aplicadas em todos os casos analisados em sua investigação, embora em quantidades e complexidades diferentes;

e) exposição de fontes documentais ou complementárias mediante vínculos. Esse tipo de complemento traz a possibilidade de incrementar a reportagem com documentos externos, sem comprometer a estrutura do conteúdo. García (2003) aponta que a possibilidade de complementar o documento traz três efeitos positivos: o aprofundamento do tema, a exposição de fontes úteis e uma eventual atualização. Além disso, também aumenta o potencial de divulgação dos documentos, sejam eles oficiais ou acadêmicos. Na amostra analisada por Santana (2008), os *hyperlinks* levam majoritariamente a informações relacionadas ao tema através de notícias publicadas pelo próprio veículo ao qual pertence a reportagem. As fontes documentais ou complementárias incluíam documentos oficiais, cartas de apresentação de instituições, fragmentos escritos e audiovisuais de declarações ou testemunhos. Entretanto, a utilização de *links* para sites externos era muito pequena.

Outro elemento, não identificado por García (2003) ou por Santana (2008), mas que pode ser encontrado atualmente em reportagens multimídia, é o *Newsgame*. São jogos baseados em notícias. Utilizados pelos portais desde 2003. “Esse potencial dos jogos como formato

inovador de linguagem jornalística é retratado pelo caráter lúdico, pela capacidade de imersão e pelas narrativas interativas” (RIBEIRO, ARAÚJO, 2011, p.4). Mas seu uso não substitui a reportagem, apenas a complementa, já que necessita de uma contextualização do tema.

Luz (2010) destaca que a estrutura a ser utilizada na reportagem é variável de acordo com cada equipe e circunstância de produção.

A estrutura a ser utilizada depende em boa medida do aproveitamento de material dos meios impressos na geração de conteúdo on-line (às vezes, é uma transposição literal de um meio a outro), da disponibilidade de recursos e tempo para gerar grande quantidade de conteúdos e documentação sobre determinado assunto, além da própria natureza assistemática dos conteúdos encontrados na internet. Isso significa que várias formas podem ser mais ou menos apropriadas para o meio on-line. (LUZ, 2010, p.55).

Ao analisar os casos para sua investigação, Santana (2008) aponta que a análise da estrutura de cada reportagem mostra a diversidade de formas em que se pode conceber a organização dos conteúdos. É preciso ter em vista o tema da reportagem, a intenção dos autores e a possibilidade tecnológica do veículo que realiza o produto.

A maneira como os dados são apresentados faz diferença para estimular ou não a leitura do produto. Cabe à equipe de reportagem pensar não apenas no material, nas fontes e nos dados que está produzindo, mas também na maneira como vai transformar o resultado final em uma reportagem atraente para o leitor. Longhi (2008) defende que o formato digital ganha cada vez mais destaque.

O desenho da informação jornalística vem ganhando maior interesse, nos meios digitais, exatamente pela utilização de recursos técnicos. Assim como no impresso, o princípio fundamental da associação indissolúvel entre conteúdo e forma também define a configuração da informação no digital. (LONGHI, 2008, p. 193).

2.6 AS CLASSIFICAÇÕES DA REPORTAGEM MULTIMÍDIA

A reportagem multimídia no meio digital é um produto jornalístico que está em pleno processo de desenvolvimento. Em 2003, García dividia em três subgêneros: a reportagem de atualidade, o especial temático e o dossiê documental. É uma tipologia preliminar, não definitiva, também adotada por outros autores, como Larrondo Ureta (2004):

a) reportagem de atualidade: corresponde a um artigo ligado a um assunto mais factual, agregando análise e profundidade ao tema, ou se referem a um detalhe específico do tema, que exige uma ampliação da informação além do texto fonte. É o modelo de reportagem mais similar ao dos meios impressos e audiovisuais;

b) especial temático: aborda um tema atual mais amplo, onde a reportagem se aprofunda sobre vários aspectos dentro do tema proposto. Assim, pode se aprofundar em grandes assuntos informativos, e sua apuração e atualização é feita durante um largo espaço de tempo. García (2003) identifica quatro características específicas deste tipo de reportagem multimídia: geralmente tem um espaço reservado e sinalizado dentro do portal noticioso que a realizou; desaparecimento do texto fonte e aparecimento de ramificações que liguem e ampliem os assuntos; há um índice para dividir os temas da reportagem e o texto fonte se alia a inúmeras mídias, aproximando-se do ideal multimídia; os assuntos sofrem constante atualização, de acordo com as evoluções dentro do tema. Segundo Larrondo Ureta (2004), essa é a modalidade mais habitual na imprensa. Para a autora, é nessa classificação que os jornalistas podem experimentar as potencialidades das redes digitais;

c) dossiê documental: são as publicações de caráter didático ou de divulgação, que buscam inspiração do mundo acadêmico, mas se mantêm no âmbito jornalístico. Segundo García (2003), esse tipo de reportagem é a menos informacional, mas entra na lista porque as mudanças no jornalismo devem permitir uma maior especialização temática que permita atender um público muito específico, com interesses particulares. Nesta categoria, não é demandado do jornalista apenas conhecimentos de repórter e de webjornalismo, mas também noções específicas do tema do trabalho. É um trabalho jornalístico normalmente distante do factual.

Analisando as implicações que a hipermídia gerou na reportagem, Larrondo Ureta (2004) aponta que o hipertexto, a multimídia e a interatividade permitem mais opções de profundidade na informação da reportagem no meio digital, comparada inclusive às variedades mais desenvolvidas do jornalismo impresso, de rádio e de televisão. Prova disso é que a denominação “reportagem” pode ser vista também como “a fundo” ou “especial” nas seções dos

jornais e publicações. Longhi (2010a) se dedica ao estudo de uma variação da reportagem multimídia, destacando-a como “especial multimídia”.

Buscando uma definição para esse produto, Longhi (2010a) faz um recorrido por grandes portais de comunicação e pela bibliografia. A pesquisadora identifica três variações de “especial multimídia” integrados: os áudio *slide-shows* (fotos e sons), os *interactive features* (imagens “navegáveis”, controladas pelo mouse) e os *interactive graphics* (combinação de texto, imagem, gráficos, sons e fotos num mesmo “pacote”).

Longhi (2010a) ressalta que o “especial multimídia” é constituído através da convergência de linguagens e também através da convergência de gêneros jornalísticos, como entrevistas, depoimentos e documentários.

[...] Poderíamos definir o especial multimídia como: “grande reportagem constituída por formatos de linguagem multimídia convergentes, integrando gêneros como a entrevista, o documentário, a infografia, a opinião, a crítica, a pesquisa, entre outros, num único pacote de informação, interativo e multilinear”. (LONGHI, 2010a, p. 153).

Ou seja, o “especial multimídia” agrega outras categorias de produções multimidiáticas, como a linha do tempo e o *slide-show*, por exemplo. É uma grande reportagem que se apropria de vários recursos para explicar o conteúdo. “[...] por se tratar de uma imensa gama de formatos diferentes, que utilizam os recursos da hipermídia, como a interatividade, a multilinearidade e a adição de elementos multimídia, esse tipo de produto webjornalístico carece de uma definição mais apurada” (LONGHI, 2010a, p. 150).

Ao apurar os conceitos de gêneros jornalísticos, Longhi (2010a) chega à conclusão de que a união de diferentes gêneros no especial multimídia gera um produto diferente do que já era conhecido. Aplicando o conceito de intermídia, a autora identifica o especial multimídia como um novo gênero jornalístico, próprio dos meios digitais. Além disso, em estudos mais recentes, Longhi (2014) identifica alguns especiais multimídia como parte de uma reconfiguração do conceito de “audiovisual”.

A reconfiguração do audiovisual é técnica, mas também conceitual, pois dá origem a novas configurações da narrativa e da linguagem, que definimos como intermídia. Intermídia busca definir uma linguagem que aposta na “fusão conceitual, formando uma terceira linguagem” (LONGHI, 2009). Especiais multimídia, nesse sentido, configuram-se como narrativas intermídia, que “realizam uma fusão conceitual, ao estabelecerem o extremo cuidado estético aliado às novas possibilidades do manejo da linguagem. (...)”

exemplificam, na prática, um formato totalmente específico dos meios digitais” (LONGHI, 2010). (LONGHI, 2014, *online*).

Para Santana (2008), antes de ser considerado como um novo gênero jornalístico, a grande reportagem multimídia no meio digital deve ser considerada como uma versão da reportagem tradicional. Segundo a autora cubana, o fenômeno de adaptação do gênero acontece toda vez que surgem meios com novas capacidades e potenciais narrativos, como na reportagem radiofônica e na reportagem televisiva.

Larrondo Ureta (2009) também acredita na necessidade de repensar a teoria clássica dos gêneros jornalísticos na internet. A pesquisadora espanhola estudou a reportagem hipermídia, mais precisamente os “especiais”, que considera o exemplo prototípico nos meios digitais. Segundo a autora, as potencialidades hipernarrativas, multimídia e interativas possibilitam à reportagem se tornar um macrogênero:

Graças a suas maiores possibilidades de vinculação entre discursos, a reportagem se converte em um macrogênero que contém outros gêneros ou microgêneros arquetípos, como os que tradicionalmente acompanharam uma informação relevante para apoiar e contextualizar (reportagens de atualidade, entrevistas, notícias, quadros de apoio com dados estatísticos, infografias, crônicas etc.) Estes se mesclam também com outros formatos próprios da comunicação na internet, de caráter aberto e participativo (blogs, fóruns, entrevistas interativas, jogos etc.) Essa mistura genérica converte a reportagem hipermídia em uma espécie de “gênero contenedor” com múltiplos tipos de discursos, todos eles dirigidos ao desenvolvimento do tema em profundidade (LARRONDO URETA, 2009, p.83, tradução nossa)²⁸.

Para Larrondo Ureta (2009), a capacidade do hipertexto ampliou também a abrangência enquanto gênero interpretativo. As categorias discursivas que o hipertexto permite incluir dão a chance de alocar em um mesmo discurso a interpretação, a informação e a opinião. Isso transforma a reportagem em um gênero misto.

Cabe falar, portanto, de um redimensionamento do gênero interpretativo que se baseia na substituição de um início, um corpo central e um final por categorias discursivas temáticas que servem para desenvolver o tema e o contextualizar, para o relato de

²⁸ “Gracias a sus mayores posibilidades de vinculación entre discursos, el reportaje se convierte en un macrogénero que contiene otros géneros o microgéneros arquetipos, como los que tradicionalmente han acompañado a una información relevante para apoyarla y contextualizarla (reportajes de actualidad, entrevistas, noticias, recuadros de apoyo con datos estadísticos, infografías, crónicas, etc.). Estos se mezclan, además, con otros formatos propios de la comunicación en internet, de carácter abierto y participativo (blogs, foros, encuestas interactivas, juegos, etc.). Esta mixtura genérica convierte al reportaje hipermedia en una especie de ‘género contenedor’ con múltiples tipos de discursos, todos ellos dirigidos al desarrollo del tema en profundidad”.

anteriores, a inclusão de informação complementar e a documentação do fato. Estas categorias geram um tipo de interpretação descritiva enriquecida, não apenas pela sua amplitude e profundidade, mas também pelas vinculações coerentes que estabelecem com as restantes. (LARRONDO URETA, 2009, p. 83, tradução nossa)²⁹.

Mas Longhi (2010a) destaca que o aprimoramento efetivo do especial multimídia, com a união dos conteúdos de forma integrativa, e não justaposta, ainda é muito limitado, restrito às seções de especiais. Becker e Barreira (2013) observam que a execução de especiais multimídia, recente na prática do jornalismo, é bem vista pelas empresas jornalísticas. Entretanto, sua aparição ainda é tímida devido aos altos custos. Kimieck (2005) aponta que outro fator relevante é a dificuldade de encontrar uma história com elementos suficientes para se tornar uma reportagem multimídia. “As melhores são as que possuem características multidimensionais, ou seja, aquelas que incluem uma ação para um vídeo, processos que possam ser ilustrados em gráficos interativos, e imagens de cunho emocional para fotografias” (KIMIECK, 2005, p. 100).

Assumindo que o especial multimídia apresenta as características e potencialidades permitidas pelas redes digitais e se constitua como um novo gênero jornalístico, este trabalho vai se aprofundar neste formato. Para exemplificar, cabe trazer aqui o especial *Snow Fall*³⁰, do jornal norte-americano *The New York Times*, que pode ser identificado como especial multimídia *interactive graphic*. Sobre os conteúdos multimídia do jornal americano, Longhi (2010a) diz:

Podendo ser acessados via seção Multimedia, ou a partir de certas matérias de capa, [...], o conteúdo multimídia no N.Y. Times parece ser produto de uma decisão editorial de valorização deste tipo de linguagem. O jornal norte-americano mostra, assim, uma clara opção pelo conteúdo multimídia e, mais ainda, pelos especiais multimídia. (LONGHI, 2010a, p.154).

Lançado no final de 2012, o especial relata o episódio em que uma avalanche de neve no estado de Washington matou três dos 16 atletas que praticavam *snowboard* na localidade de *Tunnel Creek* em fevereiro de 2012. “A reportagem se destacou não apenas pelo formato, mas também pela apuração, pela contextualização do acontecimento e pelas possibilidades de interação proporcionadas aos internautas” (BECKER e BARREIRA, 2013, p. 77).

²⁹ “Cabe hablar, por tanto, de un redimensionamiento del género interpretativo que se plasma en la sustitución de un inicio, un cuerpo central y un final por categorías discursivas temáticas que sirven para desarrollar el tema y contextualizarlo, para el relato de antecedentes, la inclusión de información complementaria y la documentación del hecho. Estas categorías generan un tipo de interpretación descriptiva enriquecida, no sólo por su mayor amplitud y profundidad, sino también por las vinculaciones coherentes que establecen con las restantes”.

³⁰ Disponível em <www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/?forcedredirect=Yes> Acesso em: 15 maio 2014.

A produção da *Snow Fall* durou seis meses e envolveu uma equipe formada por um repórter, 11 especialistas em gráficos e design, um fotógrafo, três responsáveis pela produção audiovisual e uma colaboradora de pesquisa. Como resultado do extenso trabalho, em 2013 o *Snow Fall* recebeu um prêmio especial em *Feature Writing* (Redação Especial) do *Pulitzer*. Além disso, a equipe recebeu também a medalha de ouro da *The Society for News Design* (SND).

No decorrer da reportagem, é possível identificar muitos conteúdos multimídia, dispostos de maneira integrada. O especial reúne infográficos, mapas, entrevistas em vídeo, áudios, simulações, fotos estáticas e um extenso relato escrito que se constitui como fio condutor de todo o produto. Longhi (2014), em seus estudos sobre um novo conceito de audiovisual na internet, identifica o *Snow Fall* como um exemplo de experimentações.

Do ponto de vista da hibridação, a convergência de linguagens exploradas em *Snow Fall* vai muito além da justaposição e combinação já conhecidas; o tratamento das diferentes formas expressivas é inovador de tal maneira que se verifica uma fusão conceitual, ou seja, não se trata mais de texto, imagem estática, vídeo, som, mas tudo isso interagindo de forma expressiva para criar um novo modo de representação (LONGHI, 2014, *online*).

Em estudo, Barbosa, Normande e Almeida (2014) fazem uma análise sobre as possibilidades de produção de reportagens multimídia inauguradas por *Snow Fall*.

Em uma avaliação mais detalhada, Jeremy Rue, da Escola de Jornalismo de Berkeley na Universidade da Califórnia, avaliou que além da integração das mídias, vários componentes técnicos e de design contribuíram para a receptividade de *Snow Fall*:

- Há vídeos silenciosos que são reproduzidos automaticamente, alguns deles proporcionando um cenário gráfico, outros como gráficos informativos;
- Existe um mecanismo de rolagem (jquery.inview) que irá desencadear ações conforme o usuário utiliza. Por exemplo, ele irá reproduzir um vídeo, animação gráfica ou alterar algumas propriedades CSS como desaparecendo no fundo.
- Um efeito "cortina" que revela ou cobre imagens e vídeos a partir da rolagem realizada pelo usuário. (BARBOSA, NORMANDE E ALMEIDA, 2014, p. 9).

As inovações do formato, segundo os autores, colocaram em pauta no mercado e na academia o futuro do jornalismo digital. Suscitou também um debate sobre a criação de novos padrões para o jornalismo *online*. Ao final da extensa reportagem, os repórteres do *TNYT* escrevem um relato de sua exaustiva composição:

A pesquisa para esta reportagem sobre a avalanche em Tunnel Creek de 19 de fevereiro foi realizada em aproximadamente seis meses. Isso envolveu entrevistas com cada

sobrevivente, com as famílias das vítimas, primeiros jornalistas em Tunnel Creek, oficiais de Stevens Pass e especialistas em neve. Isso também incluiu um exame dos documentos policiais, os laudos médicos e a patrulha de ski de Stevens Pass, assim como 40 ligações feitas ao 911 em decorrência da avalanche. O Swiss Federal Institute for Snow and Avalanche Research forneceu uma simulação da avalanche gerada em computador, baseado nos dados acumulados e nos depoimentos das testemunhas. Fontes de pesquisa adicionais: LIDAR data from King County GIS Center; Iowa Environmental Mesonet, Iowa State University; Mark Moore, U.S. Forest Service; National Avalanche Center. (BRANCH, John, *online*, tradução nossa)³¹.

A repercussão veio também dos leitores. Em fevereiro de 2014, a seção de comentários já acumulava mais de 1150 respostas. A ruptura na linearidade e o uso de diferentes recursos geraram interesse do público e reconhecimento dos demais meios comunicativos.

Barbosa, Normande e Almeida (2014) concluíram que no atual momento é possível perceber uma nova estratégia comunicacional, mais apropriada à produção jornalística em redes digitais. A densidade informativa, a verticalização, a integração dos recursos multimídias, a utilização de menus de navegação e de botões de compartilhamento sugerem um padrão emergente para as produções multimídia.

Depois de todos estes apontamentos, cabe fazer um apanhado dos conceitos que servirão de base para a análise no próximo capítulo deste trabalho. É possível levar em consideração as cinco etapas do jornalismo no meio digital (MIELNICZUK, 2003; BARBOSA, 2013). Neste sentido, o estágio da convergência profissional, tecnológica e de linguagens em que se encontra o jornalismo teve um grande impacto nas suas produções. A respeito da reportagem multimídia na internet, cabe destacar também que é um gênero que beneficiou muito das potencialidades oferecidas pelo meio digital. García (2003) define estas características em: caráter multimídia, ruptura da sequencialidade, ruptura da periodicidade, interatividade, legibilidade e questão técnica. Vale a pena destacar também os conceitos de multimídia por integração, de Salaverría (2005), que acontece quando um mesmo produto jornalístico é composto por diferentes mídias que se completam em uma unidade. Outro conceito importante é o de intermídia, trabalhado por

³¹ “The reporting for this article on the Feb. 19 avalanche at Tunnel Creek was done over six months. It involved interviews with every survivor, the families of the deceased, first responders at Tunnel Creek, officials at Stevens Pass and snow-science experts. It also included the examination of reports by the police, the medical examiner and the Stevens Pass Ski Patrol, as well as 40 calls to 911 made in the aftermath of the avalanche. The Swiss Federal Institute for Snow and Avalanche Research provided a computer-generated simulation of the avalanche, based on data accumulated from the Stevens Pass accident report and witness accounts. Additional sources are: LIDAR data from King County GIS Center; Iowa Environmental Mesonet, Iowa State University; Mark Moore, U.S. Forest Service; National Avalanche Center”.

Longhi (2010a), que ocorre quando há uma fusão conceitual entre os elementos que compõem um mesmo produto jornalístico, formando algo diferente. A intermídia tem um papel importante nos chamados “especiais multimídia”, que são grandes reportagens multimídia produzidas para o meio digital.

3 DESCONSTRUINDO A BATALHA DE BELO MONTE

Como foi abordado no capítulo anterior, o especial multimídia carrega as estruturas do meio em que está inserido, utilizando várias ferramentas e linguagens para comunicar e integrar todos os pontos da reportagem em uma única produção, formando uma rede informativa. A análise deste objeto requer uma metodologia aberta, que possibilite “a apreensão de movimentos, multiplicidades e diferenciações do processo em estudo”, como destaca Baccin (2012, p. 27). Por isso, a escolha pela cartografia, perspectiva metodológica que busca mais acompanhar um processo de investigação do que representar um objeto (KASTRUP, 2007). A seguir, a proposta é entender como funciona a metodologia, que guiará a desconstrução do objeto e a análise.

3.1 O PROCESSO DA CARTOGRAFIA

Segundo Kirst (et al. 2003), o termo “cartografia” provém da geografia e faz referência à ideia de mapa, buscando uma análise qualitativa. Cartografar não é apenas assinalar pontos fixos: essa metodologia incita o pesquisador a construir mapas e traçar rotas que permitam capturar as nuances do sujeito, do objeto e da relação entre os dois. É um processo que tem construção contínua.

Para trilhar esta análise, diferente do modelo cartesiano, não há passos rígidos ou um caminho linear. Ao contrário, na pesquisa cartográfica, o objeto incita um estado de estranhamento no sujeito, típico da busca pelo conhecimento etnográfico. “O cartógrafo se sabe integrante da investigação, testemunha de seus próprios movimentos de conhecer” (KIRST et al., 2003, p. 96). A instigante possibilidade de analisar o objeto, sem se limitar aos modelos herméticos de metodologias lineares, dá liberdade para que o pesquisador se envolva e encare o objeto de estudo com as experiências prévias como leitor e como acadêmico.

Segundo Rosário (2008), apesar de ser considerada por muitos um método sem consistência, a cartografia não se limita a isso. Ela permite ao pesquisador a captação de processos e aspectos que não seriam apreendidos pelo olhar já direcionado. Para que isso dê certo, é preciso também que o cartógrafo esteja disposto a encontrar o novo, não se limitando à cômoda função de repetição do que já é conhecido (KIRST et al., 2003). Mas há um limite entre

o envolvimento do cartógrafo com o objeto. A pesquisa precisa se estabilizar e se sustentar sozinha como conhecimento científico. Ou seja, precisa ser feita com rigor.

Rolnik (1987) identifica quatro elementos que o cartógrafo leva em sua análise: um critério, um princípio, uma regra e um breve roteiro, que está sempre em constante mudança. Segundo Rosário (2008), a cartografia se apresenta como um desafio para o pesquisador, porque não tem um modelo fixo. Isso provoca o observador a criar seu próprio método de análise.

Tomando como ponto de partida a ideia de uma concentração sem focalização, é possível definir quatro variedades do funcionamento da atenção que fazem parte do trabalho do cartógrafo (KASTRUP, 2007). São elas o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento. O rastreio diz respeito ao processo de entrar no campo de pesquisa sem ter conhecimento do objeto e do que se está buscando. A partir desse sobrevoo inicial, é possível detectar pistas e processos de mudança. A atenção, em princípio, é aberta e sem foco.

No momento em que o pesquisador é tocado por algo, ingressa-se na fase do toque. Nessa etapa, é importante assinalar que o toque possui diferentes graus de intensidade. A experiência revela ao pesquisador que o objeto de estudo não é linear, mas possui um caminho multidirecional, com várias entradas. “Através da atenção ao toque, a cartografia procura assegurar o rigor do método sem abrir mão da imprevisibilidade do processo de produção do conhecimento, que constitui uma exigência positiva do processo de investigação ad hoc.” (KASTRUP, 2007, p. 19). Após o toque, o pesquisador ingressa na etapa do pouso, que seria o equivalente a um *zoom*, em que o pesquisador fica atento a um ponto específico do objeto, estimulado pela sua percepção e sua relação no processo, deixando de lado os outros pontos que considera menos importantes no momento. Com essa parada, um território diferente se forma e o campo de observação se reconfigura.

A quarta etapa é o reconhecimento atento. É nesse estágio que o cartógrafo precisa direcionar a atenção para o campo reconfigurado pelo pouso e pela observação atenta do observador. O reconhecimento atento também não é um processo linear. Segundo Kastrup (2007), ele se dá através de circuitos. É no reconhecimento atento que o cartógrafo destaca os contornos singulares e as particularidades do objeto. É nessa fase, que o cartógrafo faz a seleção dos dados da sua investigação, pois se o fizesse “no início do processo, atendendo principalmente às suas expectativas, estaria arriscando não construir conhecimento algum, pois descobriria só o que já sabe” (BACCIN, 2012, p. 29). O mapa não busca representar o objeto, mas sim identificar

detalhes, transformações, fluxos, amplitudes e outros elementos (ROSÁRIO, 2008). O resultado de todo esse processo é uma experimentação que ajuda a entender o contexto do objeto em questão e também o amadurecimento da cartógrafa iniciante.

3.2 A *BATALHA DE BELO MONTE* COMO OBJETO DE ESTUDO

A série “Tudo Sobre”, do Jornal Folha de São Paulo, um dos maiores jornais impressos e portais *online* do Brasil, é um exemplo de pioneirismo nos novos modelos de grandes reportagens digitais no país. A série foi encabeçada pelo especial *A Batalha de Belo Monte*, que exigiu dez meses de trabalho e foi lançado em três plataformas diferentes: o impresso, o *online* e a TV Folha³². Elaborada pelos enviados especiais Marcelo Leite, Dimmi Amora, Morris Kachani, Lalo de Almeida e Rodrigo Machado, a produção tem como tema principal a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte no estado do Pará pela empresa Norte Energia. A terceira maior hidrelétrica do mundo é uma obra controversa, devido ao seu impacto social e ambiental. É um projeto que se arrasta há mais de 35 anos, ganhando repercussão nacional e internacional. Para dar conta de todo o tema, a reportagem entrevistou ribeirinhos, indígenas, professores, responsáveis técnicos, representantes políticos, dirigentes das empresas e de organizações não governamentais. Além disso, houve um grande trabalho de pesquisa em relatórios e em arquivos históricos sobre o assunto.

A equipe de reportagem foi constituída por três repórteres de texto, um repórter fotográfico e um repórter de vídeo, além de mais 15 profissionais que auxiliaram em toda etapas de produção e edição. O especial também foi disponibilizado em inglês, recurso que aumenta a abrangência do público e a visibilidade internacional da produção. Os esforços do jornal renderam frutos: em 2014, a reportagem recebeu dois reconhecimentos. O primeiro foi o Prêmio Folha, na categoria reportagem. A condecoração é concedida aos produtos dos jornalistas da organização. O segundo foi o Prêmio Internacional de Infografia *Malofiej*, concedido pela *The Society for News Design*. Nessa premiação, o especial recebeu a medalha de prata na categoria “*online*”.

³² Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/multimedia/videocasts/2014/01/1396339-tv-folha-traz-especial-sobre-belo-monte-veja-integra.shtml>> Acesso em: 23 maio 2014.

O primeiro movimento feito para este trabalho foi o de rastreio. Além de um sobrevoo pelo especial *A Batalha de Belo Monte*, foi realizada também uma varredura sobre o que o portal *online* do Jornal Folha de São Paulo divulgou a respeito do tema e da própria elaboração da reportagem. A primeira observação do objeto, o toque, ocorreu antes mesmo do início da pesquisa teórica. Logo após a etapa de embasamento teórico, foi realizada novamente uma visita ao objeto, desta vez com a observação mais apurada e enriquecida com as ideias dos autores trabalhados. Nesta etapa, de pouso, foi possível perceber as variedades e os desdobramentos dentro do especial, que se encaixam com aspectos teóricos apresentados no capítulo “A internet como lugar da reportagem multimídia” deste trabalho.

Vivaldi (1993) considera que a reportagem deve dar conta de um tema que seja de interesse atual e social. Esses pontos são argumentados logo na introdução de *A Batalha de Belo Monte*. A obra é pública, envolve mais de R\$30 milhões e afeta a vida de inúmeros empregados, desapropriados e indígenas. Quando começar a funcionar, poderá produzir até 11.233 megawatts (MW) de eletricidade, o suficiente para abastecer a casa de pelo menos 18 milhões de pessoas. É um tema relevante que merece atenção. Além da relevância social, o assunto também possui muito potencial ilustrativo. Como defende Kimieck (2005), não são todas as histórias que podem render uma grande produção multimídia. Mas, pela abrangência da usina de Belo Monte, pelos aspectos técnicos, sociais e históricos da obra, há muito a ser explorado.

A reportagem se divide em cinco capítulos, segmentados em páginas diferentes: Obra, Ambiente, Sociedade, Povos indígenas e História. Cada capítulo dá conta de um aspecto essencial para o entendimento completo do tema. Como sugere Coimbra (1993), o gênero reportagem reúne tantas informações que é difícil organizar todas elas em um modelo cronológico. Por isso, o produto tem sua própria estrutura fragmentada. As divisões são todas apresentadas no menu principal (figura 2), localizado permanentemente no canto superior direito. Ao final da leitura de cada capítulo, também aparece ao leitor a opção de clicar em uma das cinco páginas principais.

Figura 2 - O menu fica posicionado no canto superior direito da tela. Ao ser pressionado, as opções se expandem.



Fonte: Captura de tela feita pela autora no capítulo Obra de *A Batalha de Belo Monte*³³.

A seguir, apresentamos um resumo do conteúdo de cada capítulo:

Obra: Introduce o tema e narra as dimensões e as funcionalidades da obra e do funcionamento da hidrelétrica.

Ambiente: Narra as mudanças ambientais que a obra vai gerar nas regiões que cercam o Rio Xingu. Discorre também sobre os riscos ecológicos e sobre as medidas compensatórias às quais a Norte Energia se comprometeu.

Sociedade: A população de Altamira, cidade próxima ao local em que será instalada a usina, teve um aumento de 100 mil para 140 mil moradores. O tópico descreve as mudanças que a obra gerou no município.

Povos indígenas: Traz a questão das populações indígenas que vivem próximas ao local da construção e que serão afetadas direta ou indiretamente pela obra. Explica também as medidas compensatórias que a Norte Energia tem que cumprir.

História: Conta desde o início do plano de construção da usina, na década de 80. Traz as principais personagens e acontecimentos que marcaram a trajetória até a aprovação do projeto.

Ao mesmo tempo em que são divididos por temas e possuem independência, os capítulos não podem ser considerados diferentes matérias. Isso acontece porque, apesar de não

³³ Disponível em: <arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/> Acesso em: 14 maio 2014.

Ao mesmo tempo em que são divididos por temas e possuem independência, os capítulos não podem ser considerados diferentes matérias. Isso acontece porque, apesar de não dependerem uma da outra para terem sentido, as páginas possuem uma unidade, que está presente na formatação, no design e na estrutura. Além disso, alguns relatórios e dados servem para guiar toda a reportagem. Um exemplo é a pesquisa de opinião feita pelo Datafolha. Esses elementos se fragmentam e estão apresentados em toda a produção.

Outra questão que unifica as páginas é o aprofundamento de assuntos. Alguns temas se repetem entre as páginas, trabalhados de maneira diferente, dependendo da temática proposta pelo capítulo. Podemos perceber isso no assunto das medidas compensatórias. O tema é introduzido no capítulo 1, mas é detalhado nos capítulos 2, 3 e 4, cada um com seu viés.

Os capítulos principais são apoiados por outras seções, também apresentadas no Menu. Essas seções são descritas a seguir:

Opinião: contém dois textos opinativos, um contra e um a favor, assinados por dois autores relevantes no assunto: Mauricio Tolmasquim, engenheiro e economista, presidente da Empresa de Pesquisa Energética (EPE), e André Villas-Bôas, 57, indigenista, secretário-executivo do Instituto Socioambiental (ISA).

Mapa de Belo Monte: um mapa feito em modelagem 3D que explica detalhes sobre a geografia local atual e o que vai ser afetado. Dá a opção de ampliar informações sobre cada uma das tribos indígenas da região.

Making of: traz as informações de como foi feita a matéria, quanto tempo levou para ficar pronta e quais foram os esforços dos repórteres.

Folhacóptero³⁴ em Belo Monte: um infográfico em 3D que permite ao leitor assumir o controle do helicóptero da Folha e navegar pela área da usina. Através de um roteiro pré-definido, o usuário vai agregando informações, como comparação da altura do nível da água e funcionamento da hidrelétrica. O Folhacóptero em Belo Monte pode ser utilizado no computador ou *tablet*, através da

³⁴ O Folhacóptero não é considerado um newsgame neste trabalho porque não exige do participante nenhum tipo de interação mais profunda. O aplicativo oferece opções, que, ao serem seguidas, mostram informações. Ribeiro e Araújo (2011) apontam que no *newsgame* “o jogador precisa descobrir como desvendar as pistas e seguir em frente. Por meio dessa sondagem, o dispositivo estimula o raciocínio até que o usuário/interagente consiga atingir o objetivo proposto” (p. 14). No Folhacóptero, o usuário não precisa de raciocínio. Todo o trajeto já está traçado.

3.3 TRAÇOS DOS GÊNEROS JORNALÍSTICOS EM *A BATALHA DE BELO MONTE*

Neste momento do trabalho, é realizado o reconhecimento atento do objeto de estudo, considerando as características de uma grande reportagem e tencionando os elementos percebidos na cartografia com aqueles levantados pelos autores no embasamento teórico. Um dos aspectos inerentes à reportagem, defendido por muitos pesquisadores, como Sodré e Ferrari (1986), é a liberdade narrativa. Diferente da notícia, que possui uma estrutura fixa e impessoal, geralmente atrelada à pirâmide invertida, a reportagem possui uma possibilidade narrativa dotada de mais liberdade e interpretação. O tema de que trata *A Batalha de Belo Monte* não é factual, mas sim atual. Essa diferença pode ser percebida quando comparamos as manchetes presentes na linha do tempo³⁵ e no especial multimídia. Alguns dos assuntos tratados são os mesmos abordados na linha do tempo, mas o detalhamento e o enfoque são completamente diferentes. Enquanto a notícia na linha do tempo traz a informação sem muito detalhamento, o especial multimídia faz um aprofundamento sobre o tema que muitas vezes já foi anunciado.

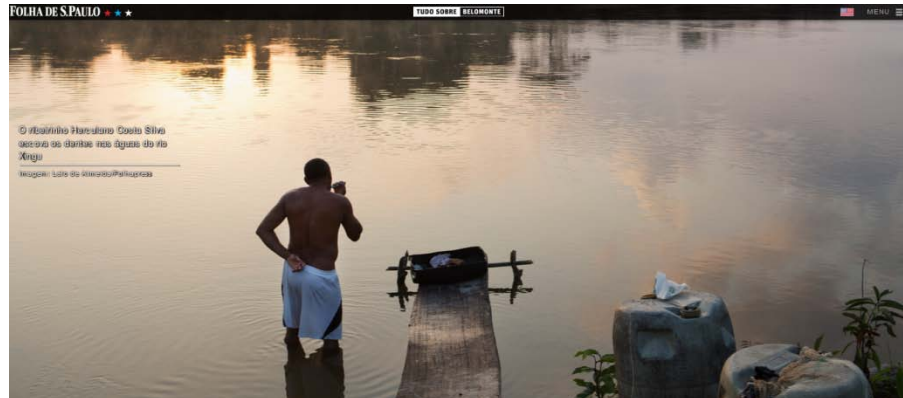
A respeito da liberdade narrativa em *A Batalha de Belo Monte*, é possível notar uma estrutura mais solta quando a equipe de reportagem se coloca no texto:

“Do posto de gasolina em que a reportagem o encontra, ao meio-dia, o grupo rumo para um dos “baixões” da cidade, margens alagáveis dos igarapés em que se concentram as batidas policiais e as casas de madeira sobre palafitas” (LEITE et al., 2013, *online*).

E também quando utiliza de recursos intrínsecos à literatura, como descrição de cenas e construção de personagens (figura 3).

³⁵ Este recurso reúne notícias divulgadas sobre o tema. Há a data de publicação e um breve resumo da notícia. Posicionada no final do capítulo 5 do especial.

Figura 3 - No capítulo “Povos indígenas” do especial, imagens e legendas são utilizadas para mostrar o cotidiano do ribeirinho Herculano Costa Silva.

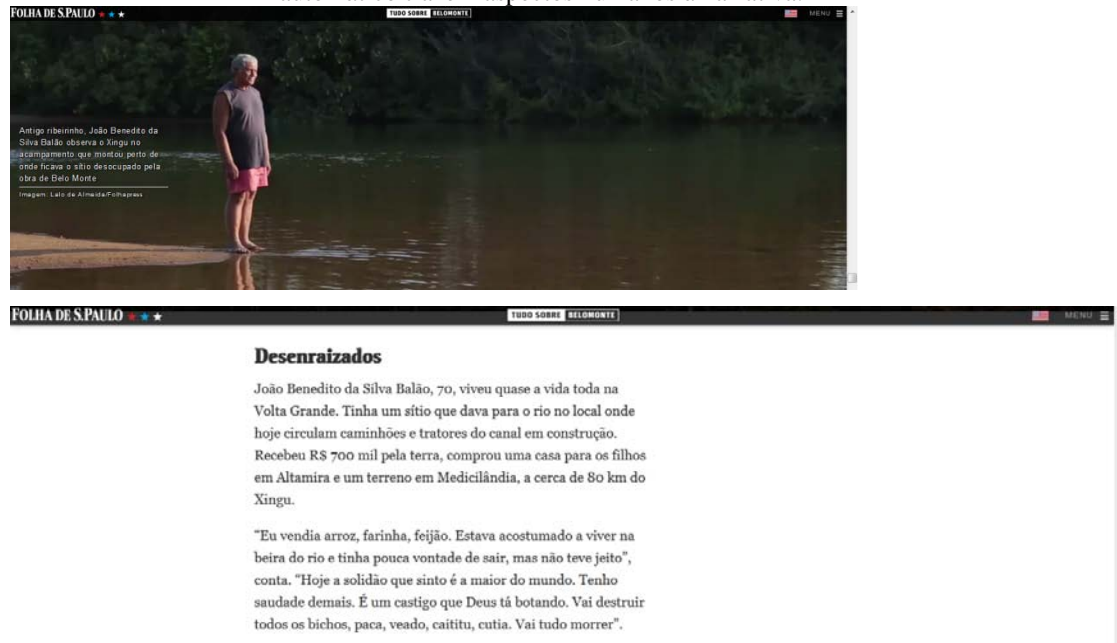


Fonte: Captura de tela feita pela autora no capítulo Povos Indígenas de *A Batalha de Belo Monte*³⁶.

Para Beltrão (1976), os elementos do jornalismo interpretativo, que são materializados na reportagem em profundidade, são: antecedentes do fato, projeção do futuro, prognóstico, informação íntegra e análise. Já Medina (1973) especificam outras características da chamada reportagem interpretativa: Aprofundamento, antecedentes (temporais, espaciais e do fato), contextualização e humanização. Esses aspectos são encontrados em *A Batalha de Belo Monte*. A reportagem traz os antecedentes, contextualizando toda a trajetória trilhada pelas empresas e pelos afetados com o plano. A projeção do futuro é feita a partir do depoimento de especialistas e também de prognósticos sobre a obra, a população, o ambiente e os povos indígenas. Também é clara a intenção de mostrar os dois lados do assunto. Outra característica marcante na reportagem é a utilização de personagens que servem de “gancho” para tratar os temas propostos nas seções (figura 4). Esse processo humaniza a reportagem. A contextualização visual, histórica e temática também é feita a todo momento na reportagem.

³⁶ Disponível em: <arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/capitulo-4-povos-indigenas.html> Acesso em: 14 maio 2014.

Figura 4 - A descrição do personagem João Benedito Balão, no texto, e o vídeo com acionamento automático trazem aspectos humanos à narrativa.



Fonte: Captura de tela feita pela autora no capítulo Sociedade de *A Batalha de Belo Monte*³⁷.

Além de reunir muitos elementos do gênero reportagem, o especial também traz traços de outros formatos jornalísticos. Isso pode ser observado seguindo a classificação elaborada por Marques de Melo (2010). Por exemplo, o jornalismo interpretativo pode ser encontrado na cronologia, infografia interativa apresentada no capítulo 5 do especial. Já o jornalismo opinativo pode ser caracterizado nos artigos presentes em uma aba especial. Esse aspecto vai ao encontro da ideia defendida por Longhi (2010a), que aborda a convergência de gêneros jornalísticos no especial multimídia. Segundo a análise da autora, é possível entender o especial como uma espécie de herdeiro da grande reportagem do impresso, e classificá-lo ainda dentro da categoria de “gêneros interpretativos”³⁸. Ainda assim, é preciso levar em conta que dentro do que se entende por especial multimídia, são utilizados formatos tão diversos como entrevistas e depoimentos (LONGHI, 2010). Esses elementos também se enquadram na teoria defendida por Larrondo Ureta (2009), identificando a existência de um macrogênero, que reúne microgêneros

³⁷ Disponível em: <arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/capitulo-3-sociedade.html> Acesso em: 10 maio 2014.

³⁸ A autora utiliza o quadro classificatório proposto por Noci e Salaverría para os gêneros do webjornalismo (apud PALACIOS e NOCI, 2009, p. 24) para fazer a classificação.

ou outras classificações arquetípicas utilizados para contextualizar a informação, gerando também uma ampliação do gênero interpretativo.

3.4 O OBJETO E AS CARACTERÍSTICAS DO MEIO DIGITAL

Podemos identificar a apropriação de várias características do meio digital no especial *A Batalha de Belo Monte*. No primeiro capítulo deste trabalho, foram consideradas os seguintes elementos apontados por Larrondo Ureta (2004), Canavilhas (2007) e Palacios (2004): hipertextualidade, multimídia, interatividade, memória, personalização e atualização contínua. A partir da análise sobre a bibliografia do tema, García (2003) delimitou as características que a reportagem multimídia assume no meio digital: caráter multimídia, ruptura da sequencialidade, ruptura da periodicidade, interatividade, legibilidade e as questões técnicas. A seguir, serão considerados todos esses elementos de acordo com a análise do objeto de estudo:

a) ruptura de sequencialidade: No decorrer da reportagem, encontramos dois *hiperlinks*: para o mapa interativo da Bacia do Xingu e para o infográfico interativo Folhacóptero em Belo Monte. As duas opções estão disponíveis a todo momento no menu do especial, mas em duas oportunidades elas aparecem ao leitor durante o especial multimídia: no capítulo 1 (no caso do Folhacóptero) e 4 (no caso do mapa). A localização desses vínculos nos capítulos (figura 5) acontece em momentos em que a narrativa escrita trata de algum tema que vai ao encontro do mapa interativo ou do Folhacóptero.

Figura 5 - A opção de iniciar o “passêio” pelo mapa interativo ou de sobrevoar Belo Monte com o Folhacóptero aparece ao lado do texto.



Fonte: Captura de tela feita pela autora no capítulo Obra e Sociedade de *A Batalha de Belo Monte*³⁹.

Ao invés de possuir vínculos para sites externos, a reportagem indica *links* para dentro da própria produção. Essa pouca exploração, entretanto, já é suficiente para que a reportagem possa seguir os preceitos da pirâmide deitada de Canavilhas e permitir que o leitor navegue como preferir dentro da produção;

b) multimídia: É uma característica bastante explorada na produção. O texto é a matriz que guia toda a reportagem, sendo interrompido de tempos em tempos para a contextualização de alguma foto, infográfico ou vídeo. A apropriação do som, como no rádio, não existe. O vídeo aparece em três formatos: vídeo bem estruturado, feito com narração e modelagem 3D; vídeo com pouca produção e edição, que apresentam trechos de entrevistas e são introduzidos apenas por um gerador de caracteres com o nome e o cargo da fonte; vídeo com acionamento automático e áudio bastante marcado, que apresentam breves cenas, de 10 segundos aproximadamente. Os vídeos com acionamento manual têm duração entre 1 e 2 minutos.

O recurso visual é bastante utilizado. Além das galerias de fotos, há imagens ampliadas, que ocupam toda a tela e são apresentadas em conjuntos (ou não) verticais, ao longo da produção. Essas imagens maiores são acompanhadas de legenda que explicam o contexto da foto. Elas trocam e aparecem à medida que o leitor desce a barra de rolagem. Há também infográficos, que

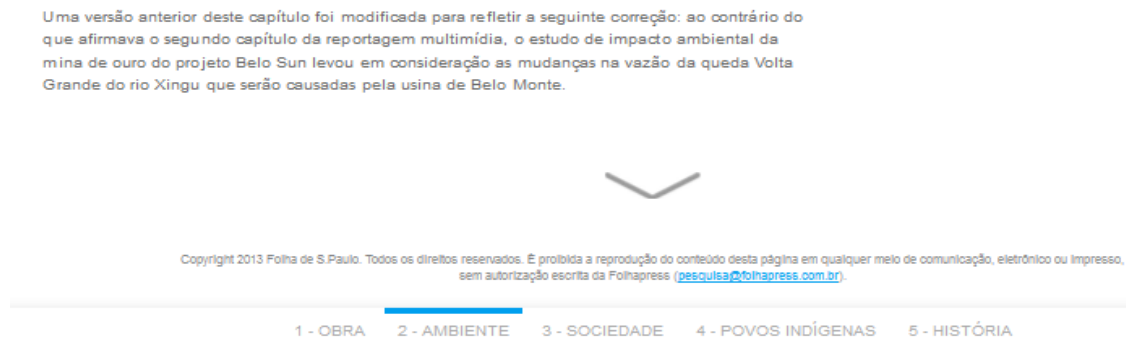
³⁹ Disponível em: <<http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/>> e <<http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/capitulo-4-povos-indigenas.html>> Acesso em: 10 maio 2014.

incluem gráficos e mapas. Outras plataformas, como infográficos interativos e um mapa interativo também são exploradas.

Considerando as teorias de Ramón Salaverría (2005) a respeito do multimídia, podemos considerar a reportagem como multimídia por integração. Apesar de muitas vezes alguns recursos estarem descontextualizados, como algumas imagens ampliadas que rompem a narrativa do texto sem estarem relacionadas diretamente, eles geralmente têm relação direta com a informação apresentada pelo texto. Ou seja, as diferentes plataformas fazem parte de um mesmo produto. As informações não estão apenas justapostas, elas se complementam. Os formatos possuem uma unidade comunicativa, compondo um único discurso coerente, disposto em uma mesma janela;

c) ruptura de periodicidade: a reportagem não está atrelada ao factual. Mas isso não impede que ela se mantenha atualizada. Há dois fatos em que é possível identificar claramente essa característica. Um deles é uma correção feita na página. O pequeno trecho no final do capítulo 2 indica que o texto original foi modificado para que uma correção fosse feita (figura 6).

Figura 6 - Exemplo de atualização contínua no capítulo 2 do especial multimídia. A correção do erro foi feita e os autores alocaram uma errata no final do capítulo.



Fonte: Captura de tela feita pela autora no capítulo Ambiente de *A Batalha de Belo Monte*⁴⁰.

Outro fato é a constante atualização da Cronologia com matérias que são divulgadas sobre o tema. Como a obra da usina ainda está em processo, o assunto não está encerrado. É uma construção contínua do acontecimento, sem periodicidade definida, que se reflete no especial;

⁴⁰ Disponível em: <arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/capitulo-2-ambiente.html> Acesso em: 4 maio 2014.

d) interatividade: Já que os conteúdos das seções são vinculados, mas não seguem uma sequência, o leitor pode escolher o caminho que quer trilhar dentro da produção. Há também a possibilidade de compartilhamento do conteúdo nas redes sociais. No menu principal, há ícones que representam as redes sociais *Facebook*, *Twitter* e *Google Plus*. Não há um espaço para comentários ou sugestões dos leitores.

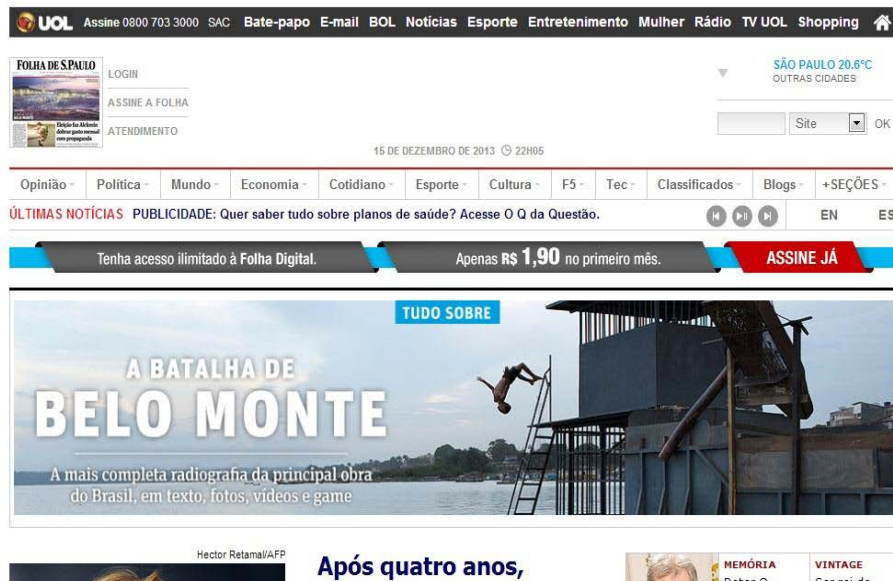
No Folhacóptero, o usuário pode escolher entre as opções: “sobrevoo guiado por Belo Monte” ou “Controlar o helicóptero”. Se escolher a segunda opção, o leitor segue o caminho indicado pelo infográfico, mas pode fazer sobrevoos livres dentro da interface. No mapa interativo de Belo Monte, o leitor consegue interagir também com o conteúdo. Isso acontece porque há a opção de expandir informações sobre as tribos, de aproximar o mapa e de visualizar o tipo de impacto que a usina vai causar a um determinado local;

e) legibilidade: Para melhorar e aperfeiçoar o acesso do leitor à informação, a reportagem é dividida em menus e capítulos. De acordo com os interesses do usuário, há possibilidade de escolher no menu o tema que lhe é mais interessante. A maneira que está organizada a reportagem também é interessante: possui uma estrutura verticalizada, em que, à medida que se desce a barra de rolagem da página (*scroll*), vão surgindo automaticamente na tela elementos que compõem a história, sejam eles mapas, infográficos, textos ou fotos. O produto é alicerçado pelo texto, mas é enriquecido com fotos, vídeos e animações;

f) questão técnica: Vários recursos disponíveis no ambiente digital foram aproveitados para criar *A Batalha de Belo Monte*. A reportagem foi construída através do HTML5. A estrutura de programação permite reunir em uma mesma página recursos de vídeo, embedados de sites como o *Youtube*, galerias, imagens, infográficos, áudios e mapas interativos. Além disso, a reportagem foi elaborada com o trabalho de uma equipe multidisciplinar com conhecimentos específicos. Entre os profissionais, estão pessoas responsáveis por: editoria de arte, coordenação de arte, design e programação, infografia e animação, edição de vídeo e pós-produção.

Como ressalta Santana (2008), é interessante observar a notoriedade que os portais dão a esse tipo de produção. Além da divulgação de materiais⁴¹ que explicam o *making of* do especial multimídia, quando foi lançada a produção ganhou destaque na página inicial do site, como é possível visualizar na figura 7. O destaque ficou disponível durante algumas semanas.

Figura 7 - Página inicial do portal *online* do jornal Folha de São Paulo, onde o especial ganha destaque.



Fonte: Captura de tela feita pela autora na página inicial do portal *online* da Folha de São Paulo⁴²

O tema ganhou também uma página especial⁴³, fixa no site (figura 8) dentro da editoria de economia.

⁴¹ TV Folha: Making of: Especial Belo Monte. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7iBdwU063dI>> Acesso em: 18 jun. 2014.

⁴² Disponível em: <www.folha.uol.com.br> Acesso em: 13 dez. 2013.

⁴³ Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/especial/2013/belomonte/> Acesso: 11 maio 2014.

Figura 8 - Página inicial do portal *online* do jornal Folha de São Paulo. Belo Monte possui uma seção especial dentro da editoria de economia.



Fonte: Captura de tela feita pela autora na página inicial do portal *online* da Folha de São Paulo⁴⁴ com modificações da autora.

Com a análise do especial multimídia, é possível perceber o aproveitamento das possibilidades oferecidas pelo meio digital. Podemos enquadrar *A Batalha de Belo Monte* na quinta etapa do jornalismo *online*, definida por Barbosa (2013). Na quinta etapa, os profissionais já dominam e aproveitam as ferramentas disponíveis pelo meio, não apenas sobrepondo o conteúdo de uma plataforma para outra. Há um trabalho especial, pensado para a internet. Como a reportagem aproveita a estrutura oferecida pela base de dados, ela se aproxima da metáfora da estética da base de dados, defendida por Barbosa (2014), ou seja, um modo particular de apresentação das informações desvinculado da estrutura do impresso. Isso é possível perceber também através do *continuum* multimídia.

Segundo Barbosa (2013), o atual cenário jornalístico permite a atuação conjunta, integrada entre os diferentes meios. A partir das bases de dados, o conteúdo de *A Batalha de Belo Monte* se expandiu dentro de outros formatos explorados pela Folha de São Paulo. Fruto da mesma apuração, houve a realização de uma série especial no jornal impresso, uma seção especial no site, um documentário dividido em três partes para a TV Folha, um aplicativo para *smartphones* e uma reportagem digital que possui capacidade para se adaptar a inúmeros aparatos, como computador e *tablet*. Ou seja, não há uma competição entre os formatos, mas sim uma atuação conjunta, que se complementa.

⁴⁴ Disponível em: <www.folha.uol.com.br/> Acesso em: 3 jun. 2014.

3.5 MAPA DA CONSTRUÇÃO DOS CONTEÚDOS

Ainda antes de iniciar a segunda etapa do reconhecimento atento do objeto de estudo, como exercício de toque e pouso da cartografia, foi realizada a identificação de sete temáticas principais presentes no objeto: personagem, pesquisa do Datafolha, problemas, especialistas, questões técnicas, retomada ao passado e apresentação do ambiente. Essas temáticas foram estabelecidas a partir da observação da autora e servem aqui para ajudar a entender a construção do conteúdo no especial multimídia. Neste momento, as temáticas são apresentadas e identificadas através da desconstrução cartográfica do objeto.

3.5.1 Personagem

Além das fontes apresentadas, foram identificados personagens. São pessoas cuja descrição auxilia a história a detalhar um tema. Uma das personagens é a engenheira da Norte Energia Roberta Pereira. Roberta é uma fonte que ganha ares de personagem. Seus encargos ajudam a contextualizar a dimensão da obra. A engenheira aparece apenas em três trechos do texto. Outros personagens, operários com nomes fictícios, aparecem através do texto. Eles trabalham na construção da usina, e a apresentação ajuda o leitor a entender como é a rotina desses funcionários. “De cidades bem menores que os canteiros da usina vieram João, José, Antônio, Pedro e Joaquim (que pedem para não ter seus verdadeiros nomes revelados)” (LEITE et al., 2013, *online*). Como os personagens não são identificados, eles estão representados também na galeria de fotos (figura 10) que ilustra o cotidiano dos operários nos alojamentos.

Figura 9 - A galeria de fotos no capítulo 1 mostra uma sequência de seis fotos dos trabalhadores nos alojamentos.



Fonte: Captura de tela feita pela autora no capítulo Obra de *A Batalha de Belo Monte*⁴⁵.

Mais um personagem aparece também no primeiro capítulo. O Diretor de Obras da Norte Energia, Antônio Kelson, ganha status de guia da narrativa textual. Ele conta as experiências pelas quais a Norte Energia passou até Belo Monte ser licitada.

Ao recordar sua reação após a vitória no leilão sobre um consórcio dado como favorito, Kelson deixa claro qual era o estado de espírito da tropa improvisada ao assumir o domínio sobre Belo Monte: “O Piauí ganhou a guerra com os Estados Unidos. Agora tem de ocupar” (LEITE et al., 2013, *online*).

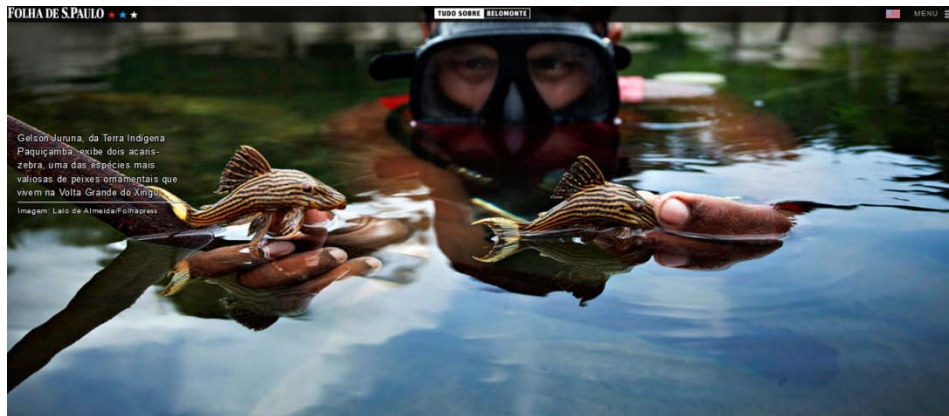
Kelson aparece também em um vídeo, em que fala como porta-voz da empresa sobre as medidas compensatórias e explica algumas questões técnicas das obras.

Na segunda página, Gelson Juruna, da Terra Indígena Paquiçamba⁴⁶, é apresentado em uma das duas fotos que introduzem o capítulo (figura 10). Logo no início do texto, Gelson é contextualizado e descrito. O índio ganha destaque no capítulo, pois ilustra o fato de que as principais fontes de renda de algumas aldeias vão ser afetadas pela alteração no curso do rio. Na narrativa escrita, o índio divide espaço com outro companheiro, Jacinto Pereira Juruna, que também atua como “gancho” para explicar a rotina dos moradores da aldeia.

⁴⁵ Disponível em: <arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/index.html> Acesso em: 2 maio 2014.

⁴⁶ Terra indígena localizada no estado brasileiro do Pará.

Figura 10 - A foto do índio Gelson Juruna aparece logo na introdução do capítulo 2.



Fonte: Captura de tela feita pela autora no capítulo Ambiente de *A Batalha de Belo Monte*⁴⁷.

No capítulo 3, os três policiais militares, integrantes do Grupo Tático Operacional (GTO), são descritos para contextualizar como está a segurança na cidade. A equipe de reportagem acompanha o grupo em uma ação, que é narrada em texto e apresentada em uma sequência de fotos ampliadas. Na sequência da reportagem, a personagem Aparecida Torres é usada para explicar a mudança que a usina trouxe para a vida das pessoas. A reportagem revela que Aparecida largou o emprego como professora para trabalhar na obra.

A seguir, o texto apresenta outro personagem, que guia uma parte da história: o ribeirinho João Benedito da Silva Balão. Ele é introduzido em um vídeo com *autoplay*, olhando para o rio de que antes vivia perto. Balão aparece contextualizado também no texto. Maria do Socorro de Oliveira, que também foi desapropriada, aparece na narrativa escrita para descrever a situação que viveu durante a desapropriação. Sua história reforça a denúncia que coloca em dúvida o valor pago pela Norte Energia como restituição pela terra.

No final do capítulo 3, é possível considerar os oleiros como personagens. Apesar de não haver uma fonte em específico que os represente, o texto detalha aspectos da profissão que vai terminar na área devido aos efeitos que a obra vai causar. Isso é expresso no texto, em uma galeria com cinco fotos e em um vídeo com *autoplay* (figura 11).

Um dos maiores dramas urbanos é o dos 300 oleiros que vivem numa área de 2 km² que será alagada. “Esta é a única atividade permanente que vai acabar para sempre. Estamos

⁴⁷Disponível em: <arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/capitulo-2-ambiente.html> Acesso em: 4 maio 2014.

à mercê da sorte”, protesta Marconi Ribeiro, do sindicato da categoria. “A argila daqui é boa justamente porque estamos em uma área de alagamento durante as cheias. Não tem como nos reassentar em local próximo a Altamira” (LEITE et al., 2013, *online*).

Figura 11 - Vídeo com *autoplay*, no final do capítulo 3, mostra a fabricação de um tijolo com argila retirada da margem do rio Xingu.



Fonte: Captura de tela feita pela autora no capítulo Sociedade de *A Batalha de Belo Monte*⁴⁸.

Ao final do texto, no capítulo 3, mais um personagem é incluído: Erwin Kräutler, bispo do Xingu. A fonte é apresentada como figura importante na região. A participação do bispo atua como gancho para expor os conflitos políticos que envolveram a aprovação de Belo Monte. No capítulo 4, há referência a vários personagens. A indígena Aritã'ihí, moradora da aldeia araueté Paratati, aparece em diferentes formatos midiáticos (figura 12): na imagem de introdução, no texto, em mais uma foto e em um vídeo com *autoplay*.

⁴⁸ Disponível em: <arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/capitulo-3-sociedade.html> Acesso em: 10 maio 2014.

Figura 12 – Fotos e vídeos retratam o cotidiano da índia Aritã'ihí no capítulo 4



Fonte: Captura de tela feita pela autora no capítulo Povos Indígena de *A Batalha de Belo Monte*⁴⁹.

O índio Giliarde Juruna, líder da aldeia Muratu, que já havia sido apresentado no capítulo 2, reaparece neste trecho da reportagem. Giliarde é descrito no texto e atua como fonte em um vídeo para explicar a situação de sua aldeia indígena, que vai ser afetada pela usina. Dotô Takakire, caiapó da terra Baú-Mekragnotire e coordenador técnico da Fundação Nacional do Índio em Novo Progresso (PA), faz nas sonoras apresentadas em texto e vídeo referência à ameaça que sua tia fez a um dirigente da usina, na década de 1980 nas sonoras.

O ribeirinho Herculano da Silva também ganha destaque. Ele é descrito no texto e é peça-chave para problematizar a questão dos ribeirinhos que não recebem indenização. Herculano é contextualizado em duas fotos e também em um vídeo. Alguns trechos do vídeo são retomados no texto. A fala “Somos da mesma carne humana”, exposta na narrativa escrita, é retirada do trecho selecionado da entrevista em vídeo. No texto, há ainda a referência a outros personagens, como Elza Xipaya, remanescente, que formou uma associação de índios da cidade.

Por fim, no capítulo 5, é quando dois personagens ganham destaque. John Dennis Cadman, que idealizou a obra de Belo Monte na década de 1970, aparece no texto e em um vídeo, onde relembra episódios. Além dele, outro personagem é José Antônio Muniz Lopes, hoje diretor de Transmissão da Eletrobras, mas que encabeçou junto com Cadman o projeto de Belo Monte. Ele aparece no texto, e em três vídeos: duas reportagens de arquivo histórico, e outro em

⁴⁹ Disponível em: <arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/capitulo-4-povos-indigenas.html> Acesso em: 14 maio 2014.

que dá um depoimento sobre a audiência. A partir desses dois personagens-chave, *A Batalha de Belo Monte* conta a história da usina. Como acompanharam toda a idealização do projeto, Cadman e Lopes fazem parte da história da usina e são explorados como tal.

3.5.2 Pesquisas do Datafolha

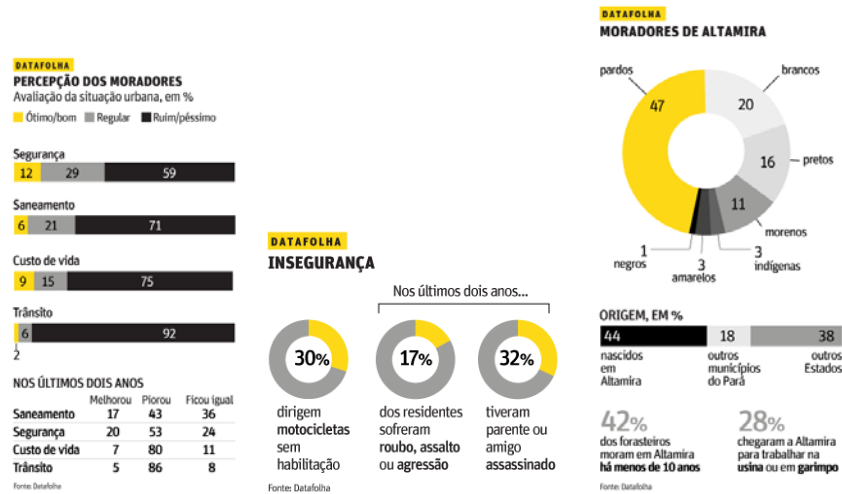
O Jornal Folha de São Paulo realizou uma pesquisa de opinião através do Instituto Datafolha, com 246 trabalhadores da usina, que avaliaram as condições do alojamento, a satisfação com o trabalho e responderam perguntas sobre seus perfis, e com 435 pessoas na cidade de Altamira, que avaliaram as condições de segurança, saneamento, custo de vida e trânsito do município. É interessante analisar como o especial multimídia utiliza esse recurso.

A pesquisa de opinião aparece nos capítulos 1 e 3. No capítulo 1, há três inserções do recurso. Logo no início do texto, um infográfico ilustra os dados sobre o perfil dos trabalhadores e sua opinião sobre as condições de trabalho. No texto, há a contextualização da pesquisa. Os dados apresentados em diferentes formatos não se repetem, mas se complementam. Há ainda, mais tarde no texto, outra apresentação da pesquisa Datafolha sobre o perfil dos trabalhadores.

No capítulo 3, sobre sociedade, a pesquisa de opinião aparece em três infográficos (figura 13) e em uma inserção no texto, que é complementado pelo recurso visual.

Não surpreende, assim, que os moradores de Altamira julguem Belo Monte de forma bem mais crítica que os trabalhadores da usina, segundo pesquisa Datafolha com 435 pessoas na cidade. Enquanto 88% dos empregados aprovam a construção, entre residentes esse contingente cai para 57% – ainda assim, a maioria (LEITE et al., 2013, *online*).

Figura 13 - Infográficos no capítulo 3 ilustram os dados coletados na pesquisa de opinião do Datafolha.



Fonte: Captura de tela de tela feita pela autora no capítulo Sociedade de *A Batalha de Belo Monte*⁵⁰.

3.5.3 Problemas

Apesar de não constituírem denúncias jurídicas, a reportagem traz pequenos trechos que permitem ao leitor identificar problemas que envolvem a construção de Belo Monte. Esses trechos ilustram situações que estão ou podem estar erradas perante a lei ou a justiça social. O primeiro problema é exposto no final do capítulo 1, quando os dados apresentados sobre a licitação da empresa Norte Energia e a análise do professor da Universidade de São Paulo (USP) Célio Bernamm levantam a possibilidade de que a obra gerar gastos exorbitantes aos contribuintes.

Para o especialista, Belo Monte está acima da média mundial de US\$ 1 mil por MW instalado e vai ocasionar despesas para o contribuinte com os subsídios implícitos no financiamento e na comercialização da energia (LEITE et al., 2013, *online*).

O texto apresenta outras espécies de denúncia no capítulo 2, sobre meio-ambiente. Uma delas é a possível negligência do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) na fiscalização das obrigações da Norte Energia.

⁵⁰ Disponível em: <arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/capitulo-3-sociedade.html> Acesso em: 10 maio 2014.

Ninguém espera que a diretoria do Ibama dê esse passo. A União está de ambos os lados do balcão. O consórcio Norte Energia é quase todo estatal e terá prejuízo se a obra atrasar (LEITE et al., 2013, *online*).

Juan Doblas, especialista em geoprocessamento do Instituto Socioambiental (ISA) em Altamira, no capítulo 2, também faz uma denúncia sobre a exploração de madeira:

Doblas acredita na possibilidade de que ao menos parte dela possa estar sendo extraída clandestinamente de unidades de conservação e terras indígenas –como Cachoeira Seca, área da etnia arara– e “esquentada” com autorizações de manejo florestal de áreas distantes dali (LEITE et al., 2013, *online*).

Duas fotos ampliadas mostram efeitos da derrubada de árvores durante a construção da usina e contribuem para o tom de denúncia. Outro problema apontado no texto, depois da sequência de fotos ampliadas, é uma mineradora que vai ser instalada na região mas não foi considerada nos relatórios da construção de Belo Monte.

No capítulo 3, sobre a sociedade, há uma denúncia sobre os efeitos negativos que a obra trouxe para Altamira, cidade vizinha ao canteiro de obras, que aumentou de 100 mil para 140 mil moradores. A imagem que ilustra a introdução é uma sequência de fotos, que ganha movimento e mostra duas mulheres em uma briga na cidade de Altamira. O texto descreve o município como “um caos”. Infográficos ilustram o aumento da sensação de insegurança. Há também no texto um trecho descrevendo o aumento do número de mortes e de pessoas detidas pelo uso de drogas.

Outro problema que se agrava são as mortes em acidentes de trânsito. A malha viária permaneceu a mesma, apesar da frota de veículos ter aumentado em três anos de 10 mil para 40 mil – 68% de motocicletas. As calçadas são poucas, a poeira é muita. “Antigamente havia quatro óbitos por ano. Hoje são três ou quatro por mês”, informa Flavio Carneiro, diretor do Departamento Municipal de Trânsito (LEITE et al., 2013, *online*).

O texto e os recursos buscam denunciar a pouca estrutura da cidade para receber todas as pessoas que vieram à região em decorrência da usina. Mas o especial multimídia denuncia também que a cidade tinha péssimas condições antes mesmo do começo da obra (Figura 14).

Figura 14 - Imagens ampliadas no capítulo 3 revelam as péssimas condições de algumas áreas em Altamira



Fonte: Captura de tela feita pela autora no capítulo Sociedade de *A Batalha de Belo Monte*⁵¹.

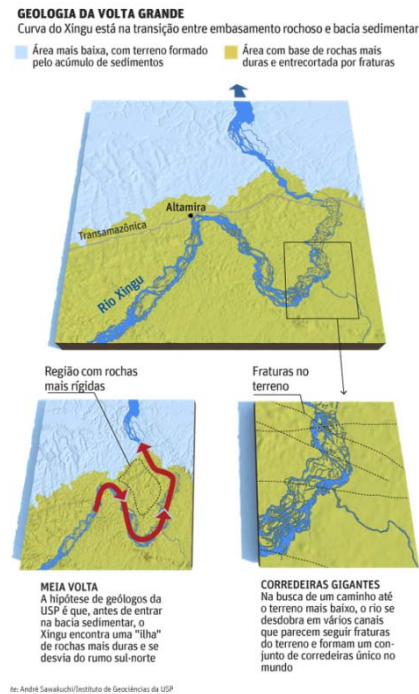
A próxima denúncia tem lugar quando o texto disserta sobre as pessoas que foram desapropriadas de suas casas devido à obra. A defensora pública Andreia Barreto destaca, em vídeo, que os critérios de pagamento pelas terras não são justos. No capítulo 4, um problema apontado são as péssimas condições da Fundação Nacional do Índio (Funai) em Altamira. A decadência da cultura indígena também é assinalada. Em sua aparição no capítulo 4, Herculano da Silva também faz uma espécie de denúncia. A questão exposta é a falta de apoio aos ribeirinhos, que vivem na margem do rio. Isso é revelado em texto e em vídeo.

3.5.4 Especialistas

Além das fontes, para fazer um balanço de toda a situação que envolve a hidrelétrica de Belo Monte, o especial multimídia consulta especialistas. São profissionais que analisam de fora a situação da obra e das ações de compensação. No subtítulo “Contas Duvidosas”, no capítulo 1, há a contextualização de Célio Bermann, professor do Instituto de Eletrotécnica e Energia da USP. O professor faz no texto uma análise sobre as contas e os custos de Belo Monte. No capítulo 2, André Oliveira Sawakuchi, do Instituto de Geologia da USP, explica uma hipótese da formação da Volta Grande do Xingu. A explicação que o especialista fornece é representada em um mapa (figura 15).

⁵¹ Disponível em: <arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/capitulo-3-sociedade.html> Acesso em: 10 maio 2014.

Figura 15 - O mapa no capítulo 2 ilustra a explicação do especialista.



Fonte: Captura de tela feita pela autora no capítulo Ambiente de *A Batalha de Belo Monte*⁵².

Também no texto, Juan Doblas, especialista em geoprocessamento do Instituto Socioambiental (ISA), é apresentado e faz uma análise sobre o consumo de madeira pela obra, afirmando que provavelmente a Norte Energia esteja usando madeira de desmatamento ilegal. A defensora pública Andreia Barreto aparece no capítulo 3 como especialista em Direito. Ela contextualiza a questão da restituição das pessoas desapropriadas e faz denúncia sobre a falta de critérios da Norte Energia sobre a questão. A defensora aparece no texto e em um vídeo. No capítulo 4, Marcelo Salazar, coordenador do ISA, faz uma contextualização sobre uma possível pressão por novos barramentos no Xingu. Ainda sobre os povos indígenas, para fazer um apanhado geral, é contatado o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Além de Viveiros de Castro, há também participação de seu doutorando, Guilherme Heurich. Os dois antropólogos participam apenas da narrativa textual.

⁵² Disponível em: <arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/capitulo-2-ambiente.html> Acesso em: 4 maio 2014.

3.5.5 Retomada ao passado

A hidrelétrica de Belo Monte é um tema que se arrasta há mais de três décadas. O especial multimídia faz referências ao passado desse projeto. Ao longo do texto, são citados diversos relatórios, ações ou projetos feitos nos últimos anos, desde que começou a construção da usina. Além disso, alguns recursos⁵³ são usados para fazer essa retomada ao passado.

A primeira referência ao passado é feita no capítulo 1. A narrativa textual cita antigos protestos que fecharam a Transamazônica, rodovia que dá acesso à região onde está sendo realizada a obra. Também é feita a retomada do período em que a Norte Energia venceu o leilão para construir Belo Monte. No capítulo 2, no texto, o assunto é a elaboração de um Estudo de Impacto Ambiental (EIA) da hidrelétrica, aprovado em 2010 pelo Ibama. Esse tema suscita o assunto das audiências públicas, realizadas para tomar as decisões sobre a usina. Logo, há uma galeria de fotos que ilustra um evento realizado em 2009.

No capítulo 4, o índio Dotô Takakire faz referência à ameaça que sua tia realizou a um dos dirigentes da obra de Belo Monte. Essa lembrança acontece no texto e no vídeo gravado com o personagem. O ataque vai ser mostrado através de um vídeo e do detalhamento em texto no capítulo 5. Ainda no capítulo 4, o geólogo Pedro Bignelli, 52, que foi diretor de Licenciamento do Ibama e hoje coordena a área indígena na Norte Energia, relembra como foi a conversa com os índios para falar sobre a suspensão do benefício que recebiam. Essa reflexão é feita em texto e em vídeo com sonora de Bignelli. O ribeirinho Herculano também retoma o passado durante sua presença na narrativa escrita. Sua história traz à reportagem antigas questões de lutas pelos direitos dos ribeirinhos. No vídeo com a sonora do personagem não há uma retomada direta ao passado.

O capítulo 5, destinado à história, é o que mais faz referências ao passado. No começo do texto, os repórteres reconstituem como foi criado o projeto de Belo Monte. Todo o texto faz uma retomada histórica da usina. Dos cinco vídeos, dois são entrevistas com personagens, que contam histórias do passado, outros dois são reportagens de arquivo e o último é uma produção em modelagem 3D, que não está integrada ao contexto do texto. O recurso que encerra todo o especial multimídia é um infográfico interativo em forma de linha do tempo, com as notícias

⁵³ Os infográficos comparativos, que fazem relação entre dados atuais e dados anteriores, não foram considerados.

publicadas sobre Belo Monte. Esse recurso permite aos leitores uma retomada histórica importante para entender a problematização do tema.

3.5.6 Questões técnicas da usina

As questões técnicas também são importantes em *A Batalha de Belo Monte*. Para que o leitor entenda o tema que cerca a hidrelétrica, há a apresentação de dados e aspectos sobre o funcionamento da usina. É no capítulo 1, sobre a obra, que predomina esse assunto. As primeiras referências são no texto, que descreve um dia na obra, e em um infográfico que compara questões técnicas e dimensões das dez maiores hidrelétricas do Brasil. O primeiro vídeo (figura 16) do especial multimídia também explica questões técnicas. A partir de modelagem 3D e da narração, a produção audiovisual explica de maneira didática onde e como vai funcionar a usina. É um grande resumo de toda a parte técnica e geográfica.

Figura 16 - Vídeo no capítulo 1 é feito em modelagem 3D e apresenta detalhadamente o funcionamento da usina.

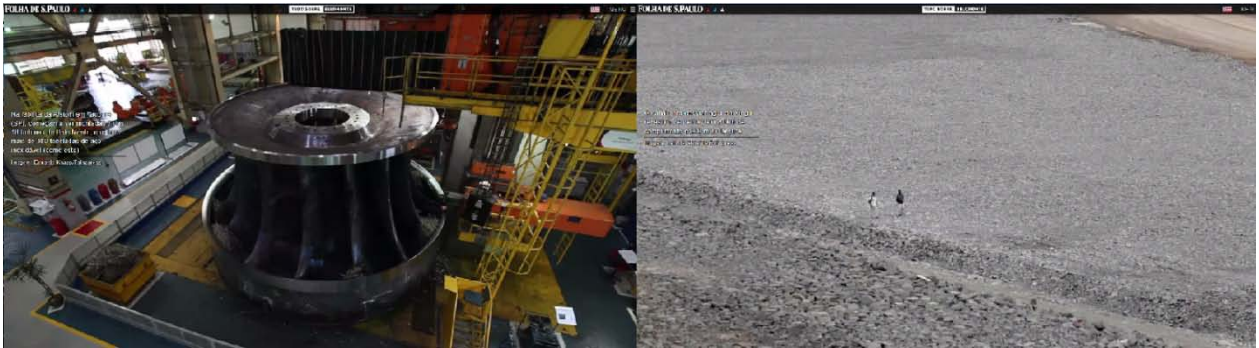


Fonte: Captura de tela feita pela autora no capítulo Obra de *A Batalha de Belo Monte*⁵⁴.

A primeira sequência de fotos ampliadas apresenta imagens e legendas que contextualizam aspectos específicos da construção e da estrutura da obra. Das seis, apenas uma das imagens não apresenta alguma questão técnica. Na sequência, em uma seção de vídeos com *autoplay* (figura 17), há dois aspectos técnicos: a construção de uma turbina que será usada na usina, e uma comparação do tamanho do canal aberto para desviar a água do Rio Xingu.

⁵⁴ Disponível em: <arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/> Acesso em 14 de maio de 2014.

Figura 17 - Vídeos com *autoplay* no capítulo 1 mostram a dimensão da estrutura utilizada para construção da usina.



Fonte: Captura de tela feita pela autora no capítulo Obra de *A Batalha de Belo Monte*⁵⁵.

Ao longo do especial multimídia, outra imagem ampliada cumpre a função de mostrar a dimensão e o estado da obra da barragem em Pimental. Recursos de infográficos também são utilizados para ilustrar a dimensão da obra.

O recurso de *hiperlink* para o Folhacóptero aparece no capítulo 1. Através da modelagem 3D, é possível sobrevoar o local onde está sendo realizada a obra. Textos informativos distribuídos pelo cenário ativam movimentos e explicam ao usuário aspectos técnicos do funcionamento da usina (figura 18).

Figura 18 - Tela do Folhacóptero, que permite ao usuário sobrevoar Belo Monte.



Fonte: Captura feita pela autora do Folhacóptero de *A Batalha de Belo Monte*⁵⁶.

⁵⁵ Disponível em: <arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/> Acesso em 14 de maio de 2014.

⁵⁶ Disponível em: <arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/folhacoptero/> Acesso em 20 de maio de 2014.

No capítulo 2, sobre o ambiente, a questão técnica aparece quando há a explicação sobre as mudanças que a obra vai gerar ao meio-ambiente. Em um caso, o texto descreve como vai ser diminuída a vazão do rio e um infográfico ilustra esse índice. Ainda no capítulo 2, questões técnicas são descritas no texto para explicar como vai funcionar o monitoramento dos peixes do rio. É interessante, neste ponto, perceber a importância das imagens realizadas com o auxílio do Folhacóptero, o helicóptero da Folha. Duas das imagens ampliadas que mostram a dimensão da obra no capítulo 2 foram feitas do alto, provavelmente a partir do sobrevoo. Da mesma forma, o helicóptero serviu como referência para o infográfico interativo do Folhacóptero e para a modelagem dos dois vídeos que ilustram um sobrevoo com modelagem 3D por Belo Monte.

No capítulo 5, a questão do nível que o alagamento vai atingir na zona urbana de Altamira é destacada logo na introdução. Na sequência, Cadman ressalta aspectos técnicos da obra, já que o engenheiro ajudou a idealizar o projeto. Questões específicas sobre vazão de rios e qualidade do terreno são abordadas tanto no texto quanto no vídeo de entrevista do engenheiro aposentado. No vídeo do Folhacóptero que aparece no último capítulo, há também referências ao funcionamento técnico e à localização geográfica da usina.

3.5.7 Apresentação do ambiente

Para que o leitor entenda pontos importantes da história, é essencial que tenha noção do ambiente em que se inserem as questões. Para isso, *A Batalha de Belo Monte* utiliza recursos de contextualização ambiental e social. Como o especial multimídia é estruturado através do texto, que a todo momento expõe situações e ambientes, este tópico do trabalho se detém apenas nos formatos midiáticos que agregam informações à narrativa escrita.

No capítulo 1, a imagem de introdução já apresenta o canteiro de obras e dá a dimensão do exército de 25 mil trabalhadores envolvidos com a construção da usina. Em uma das cinco imagens da primeira galeria de fotos, há uma apresentação do local onde ficam localizados os alojamentos. Quatro das seis imagens ampliadas que aparecem em sequência no capítulo 1 também têm o intuito de apresentar o local onde estão sendo realizadas as obras. O vídeo feito com modelagem 3D também ressalta questões que apresentam o ambiente ao leitor. É ainda no capítulo sobre a obra que aparece a opção de *hiperlink* para o infográfico do Folhacóptero.

A primeira foto ampliada, na introdução do capítulo 2, busca mostrar ao leitor uma região da área da Volta do Rio Xingu que vai ter sua vazão diminuída. Na sequência, dois vídeos com acionamento automático mostram trechos do rio. Por fim, um mapa mostra a localização de onde vai ser instalada a hidrelétrica e uma empresa mineradora. No capítulo 3, da sequência com quatro fotos estáticas e dois vídeos com *autoplay*, apenas uma foto não busca mostrar a situação de alguma região na cidade de Altamira. Na sequência, três fotos ampliadas expõem ao leitor como é o local onde estão sendo construídas as casas que vão reassentados. A galeria de fotos mostra a rotina dos oleiros e retrata o local de fabricação dos tijolos. No capítulo 4, o mapa interativo auxilia o leitor a entender onde e como estão distribuídas as aldeias indígenas na volta do Rio Xingu (figura 19). A interação também permite compreender melhor as zonas de desmatamento e as áreas impactadas pela construção da usina.

Figura 19 - Mapa interativo permite ao leitor expandir informações sobre a região de Belo Monte.



Fonte: Captura de tela feita pela autora no Mapa interativo da Bacia do Xingu de *A Batalha de Belo Monte*⁵⁷.

As fotos ampliadas no capítulo 4 são utilizadas para contextualizar o leitor sobre a vida na aldeia indígena araueté Parati. O próximo conjunto de fotos ampliadas mostra um pouco do cotidiano dos ribeirinhos, exemplificado por Herculano da Silva, que atua como personagem. A seguir, a galeria de fotos expõe duas imagens praticamente iguais da aldeia Juruna Muratu, na Volta Grande do Xingu. No capítulo 5, há três recursos para apresentação do ambiente: o primeiro é o vídeo com acionamento automático que serve de introdução à seção. Nele, um menino anda de bicicleta em frente a um muro onde está marcado o nível que a água vai atingir a cidade após o alagamento na área urbana de Altamira. O segundo recurso referido é um vídeo,

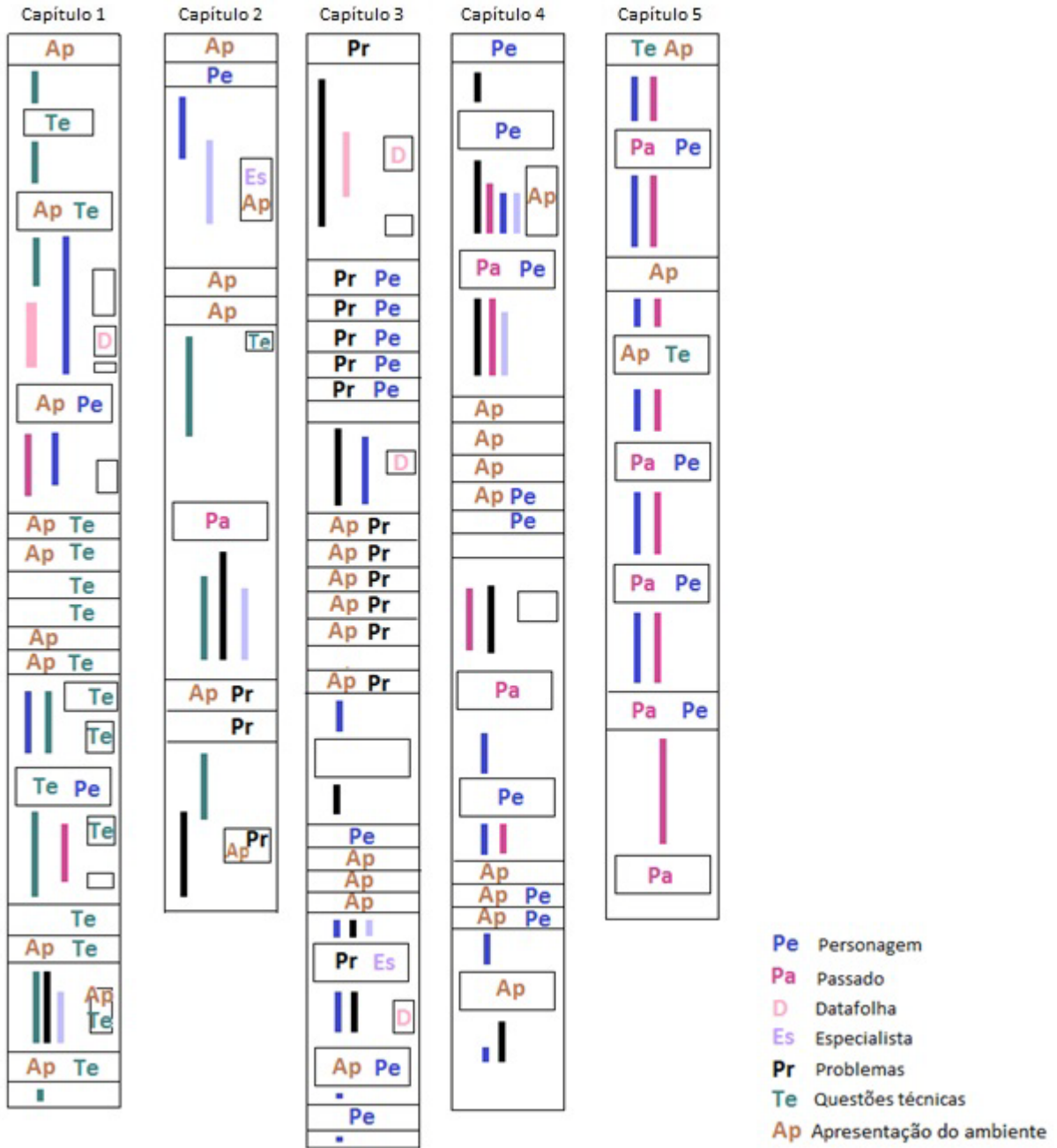
⁵⁷ Disponível em: <arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/bacia-do-xingu/> Acesso em 14 de maio de 2014.

também com acionamento automático, que mostra um sobrevoo pela região dos pedrais, que terá sua vazão diminuída. O último é um vídeo do Folhacóptero, com acionamento manual, que mostra praticamente o mesmo conteúdo presente no mapa interativo. Auxiliado por narração, a modelagem 3D mostra os pontos que serão alagados e introduz a questão indígena da região.

4 INTERPRETANDO A CARTOGRAFIA

Para melhor visualizar a distribuição dos conteúdos nas páginas, foi elaborada uma apresentação esquemática (figura 20). A técnica utilizada é a das molduras, que já foi aplicada anteriormente por autores como Bittencourt (2007) e Grossmann (2008), em seus trabalhos sobre interfaces digitais. A técnica permite que o pesquisador congele no tempo o objeto. A partir da imagem estática, é possível cartografar seu comportamento e caráter. Bittencourt (2007) faz uma ressalva importante a respeito da utilização desse procedimento: ao congelarmos o tempo para capturar a imagem, estamos também renunciando as possibilidades que o leitor tem de seguir a reportagem por outros caminhos, como através da utilização dos hipertextos. Mas, para o objetivo desta análise, a simples visualização total e linear do especial já traz um bom embasamento para a cartografia. A seguir, é possível identificar os cinco capítulos da reportagem e as temáticas identificadas.

Figura 20 - mapa de cartografia dos conteúdos.

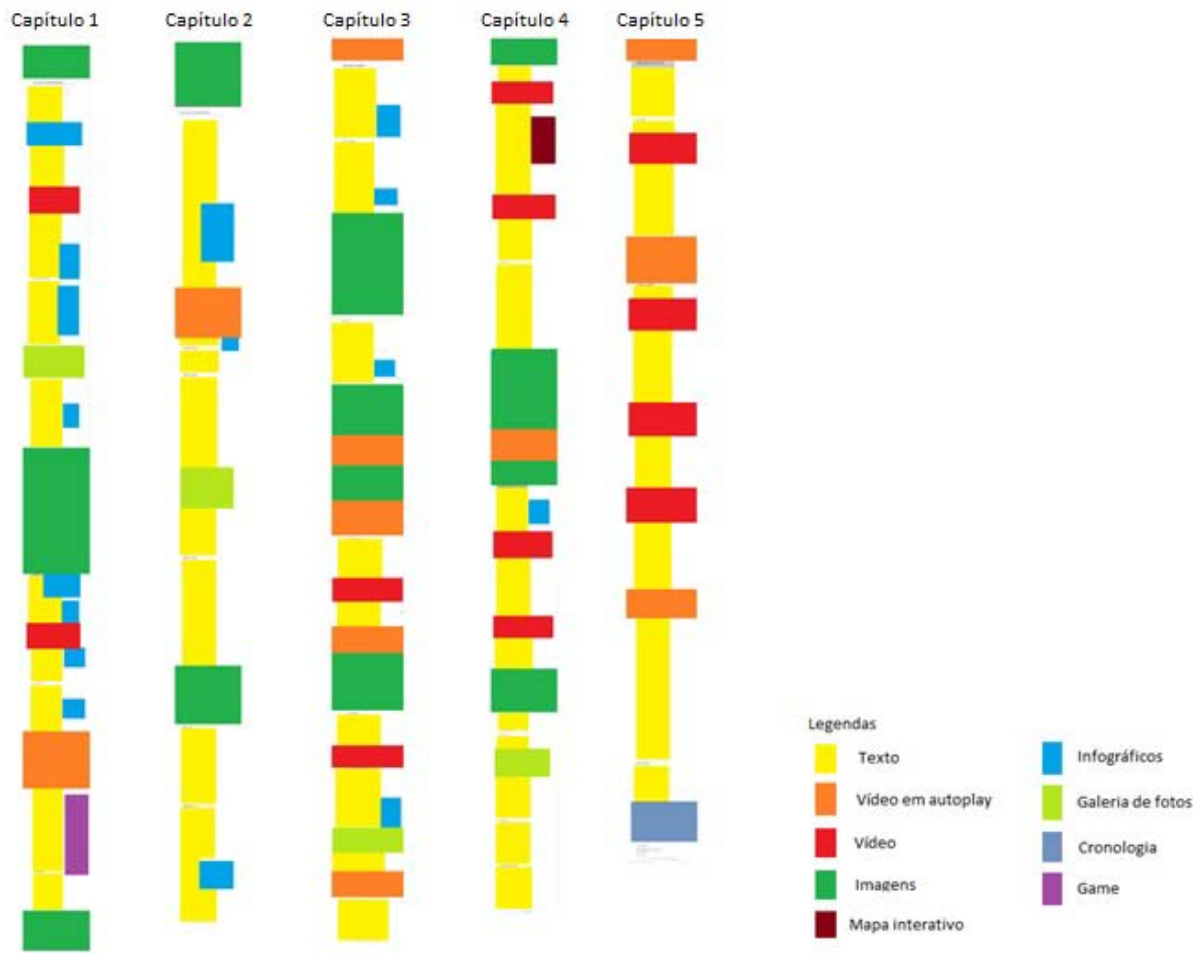


Fonte: Elaboração da autora

4.1 A CONSTRUÇÃO DE CONTEÚDOS A PARTIR DA INTEGRAÇÃO MULTIMÍDIA

A seguir, para melhor analisar a maneira como os formatos midiáticos estão distribuídos em *A Batalha de Belo Monte*, foi realizado mais um exercício de desconstrução (figura 21). Para isso, a técnica utilizada também é a das molduras. Foram capturados *print screens* dos cinco capítulos do especial multimídia. Em seguida, cada um deles foi dividido em cores, representando os recursos utilizados.

Figura 21 - Mapa da cartografia da integração multimídia.



Fonte: Elaboração da autora

Para melhor entender esse aspecto do reconhecimento atento, foi esquematizada uma tabela para visualizar os recursos aplicados em cada um dos capítulos do especial multimídia

(tabela 1). Para auxiliar na compreensão, foi feita também uma contagem das fontes⁵⁸ usadas em cada seção. Ao todo, são 18 infográficos, 35 fotos ampliadas, 12 vídeos com *autoplay*, 13 vídeos, quatro galerias

Tabela 1 - Recursos aplicados por capítulo.

	Capítulo 1	Capítulo 2	Capítulo 3	Capítulo 4	Capítulo 5
Infográfico	9	3	4	1	1
Foto	8	4	14	9	-
Vídeo com <i>autoplay</i>	2	2	5	1	2
Vídeo	2	-	2	4	5
Galeria	1	1	1	1	-
Fontes	11	4	20	13	3
Outro ⁵⁹	Folhacóptero	-	-	Mapa interativo	

Fonte: Elaborado pela autora.

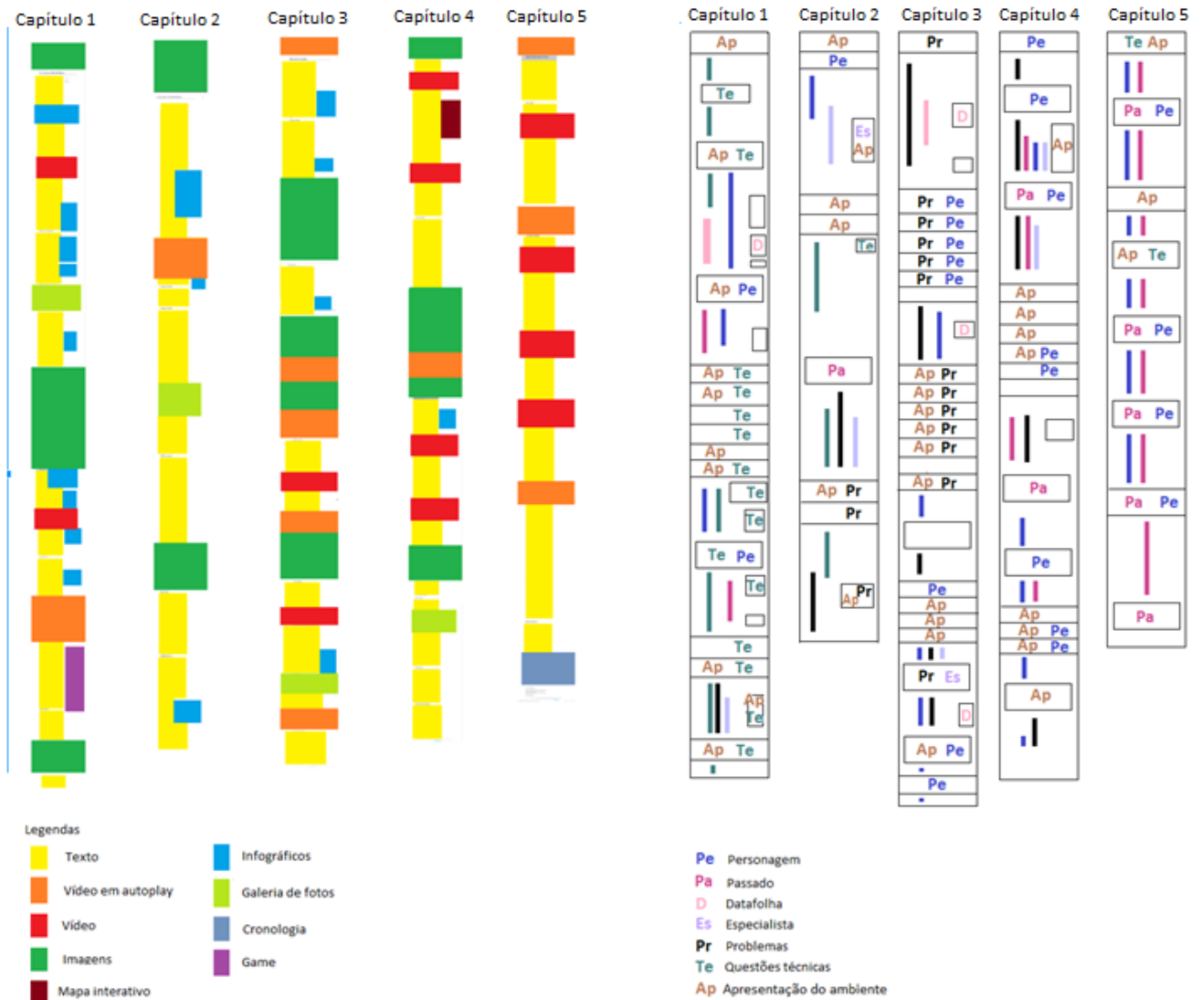
É interessante perceber que a análise não deve ser quantitativa, mas sim qualitativa. Isso é visível quando, mesmo havendo apenas dois infográficos interativos no especial multimídia, esse recurso assume um papel importante no desenvolvimento do produto.

A partir da análise realizada, é possível agora entender melhor, na figura 22, como as temáticas percebidas no especial multimídia se distribuem nos diferentes formatos midiáticos presentes.

⁵⁸ Número referente às fontes que são citadas diretamente no texto.

⁵⁹ O Folhacóptero e o mapa interativo não são contabilizados na tabela como “infográficos” porque eles ficam localizados em abas diferentes do especial multimídia. Nos capítulos referentes, há apenas o *hiperlink* para o recurso.

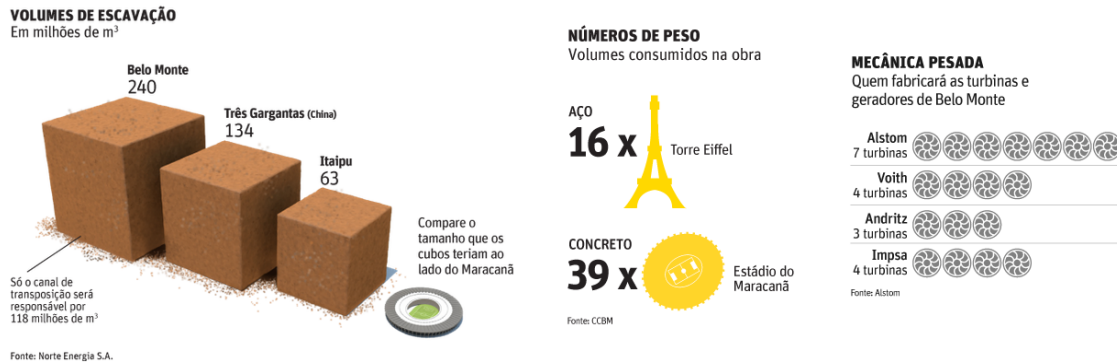
Figura 22 - Mapa da cartografia dos conteúdos a partir da integração multimídia.



Fonte: Elaboração da autora.

Sabendo o caráter que assume cada capítulo, cabe fazer alguns apontamentos sobre os formatos disponíveis em cada segmento. O capítulo 1 é referente à obra. Ou seja, é encarregado de explicar o funcionamento da hidrelétrica e introduzir aspectos legais sobre a empresa e o funcionamento do projeto. Para isso, foram consultadas 11 fontes. O maior número de infográficos se concentra nesse capítulo. Dos nove infográficos, quatro dizem respeito aos trabalhadores da obra, três ilustram a dimensão da obra (figura 23), um esclarece quem são os acionistas da Norte Energia e o último mostra quem são as empresas fabricantes das turbinas.

Figura 23 - Infográficos no capítulo 1 são recursos utilizados para dar ao leitor a dimensão do tamanho da obra e da quantidade de material utilizado.

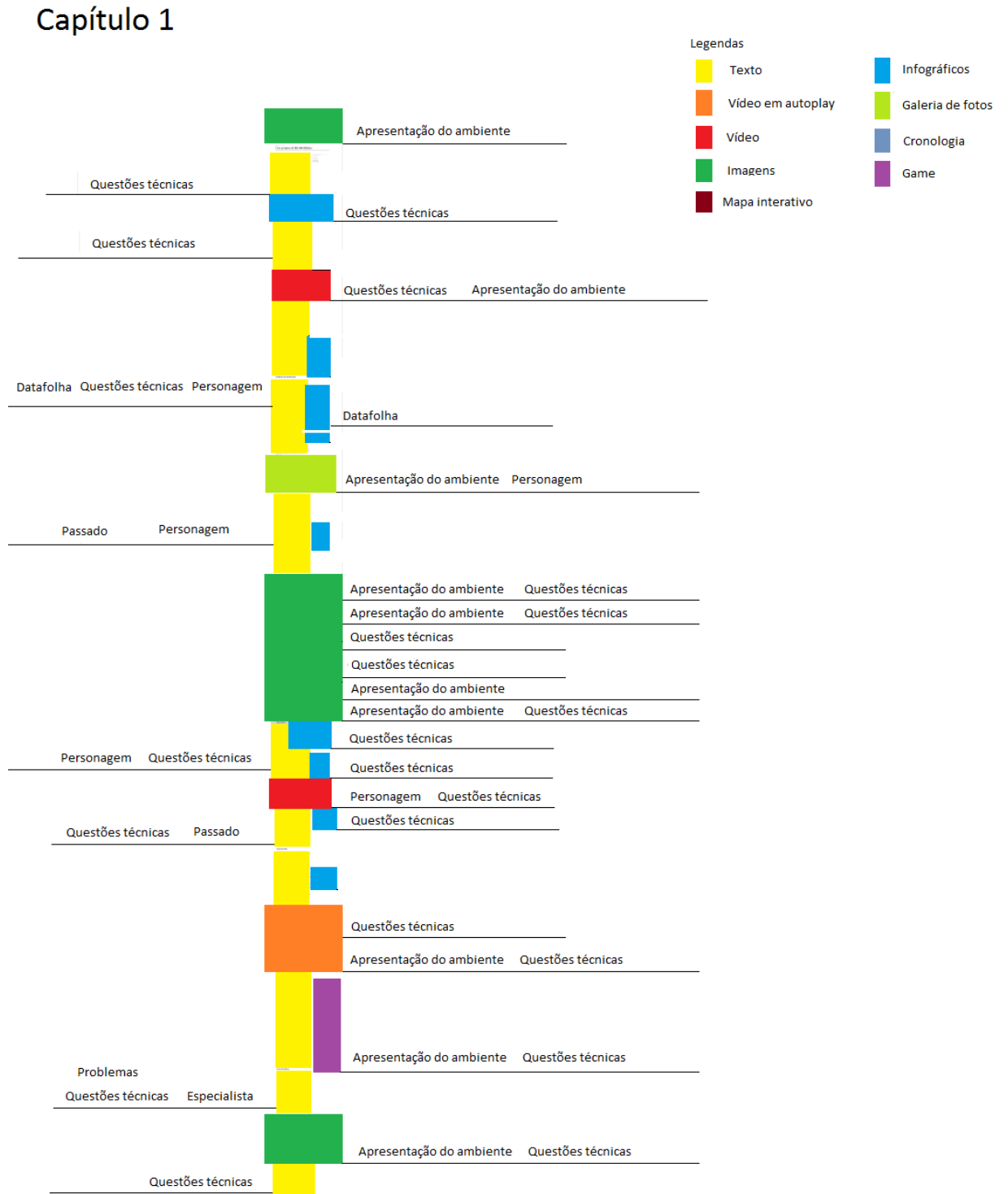


Fonte: Captura de tela feita pela autora no capítulo Obra de *A Batalha de Belo Monte*⁶⁰.

Além do texto, os formatos midiáticos que mais ganham destaque neste capítulo são os infográficos e as imagens. O infográfico atua para que as informações sobre a obra sejam melhor entendidas pelos leitores. É importante porque, apenas através do texto, ficaria difícil compreender a dimensão dos dados e recursos aplicados na usina. Já as imagens são as que acumulam mais temáticas, ou seja, que englobam mais assuntos. Nesse capítulo há oito fotos estáticas e uma galeria de fotos com imagens do canteiro de obras. Ao ilustrar o local onde os operários trabalham e vivem, o especial multimídia mostra ao leitor como é o cotidiano dessas pessoas, não se limitando à descrição textual. Dois vídeos com *autoplay* mostram a vida dos operários ou as obras. Há também dois vídeos com acionamento manual: um vídeo resume todo o tema e o outro é uma sonora com uma fonte. A integração é importante porque não deixa que os dados e números sobre a obra fiquem distantes e frios. Os recursos aumentam a capacidade de visualização das informações, tornam o tema mais atraente e inteligível. A seguir, para visualizar de maneira detalhada como as temáticas se desdobram na página, é apresentada uma análise ampliada:

⁶⁰ Disponível em: <arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/index.html> Acesso em 10: maio 2014.

Figura 24 - Mapa da análise ampliada do capítulo 1.



Fonte: elaboração da autora.

O capítulo 2 é referente aos impactos ambientais da usina. Para isso, são consultadas quatro fontes. A apropriação dos recursos é mais modesta do que no capítulo 1. São três infográficos, sendo que o primeiro mostra um mapa da Volta do Rio Xingu, o segundo ilustra a vazão do rio, antes e depois da obra, e o terceiro mostra um mapa com a localização de Belo Monte e de uma mineradora que vai se instalar na região. Há ainda uma galeria com fotos (figura 25) de uma audiência de 2009 para discutir o projeto. Há também quatro fotos ampliadas que mostram o ambiente local e os impactos ambientais da usina, e dois vídeos com *autoplay*, que mostram o ambiente.

Figura 25 - Galeria de fotos no capítulo 2 retoma fotos de uma audiência sobre Belo Monte realizada em 2009.

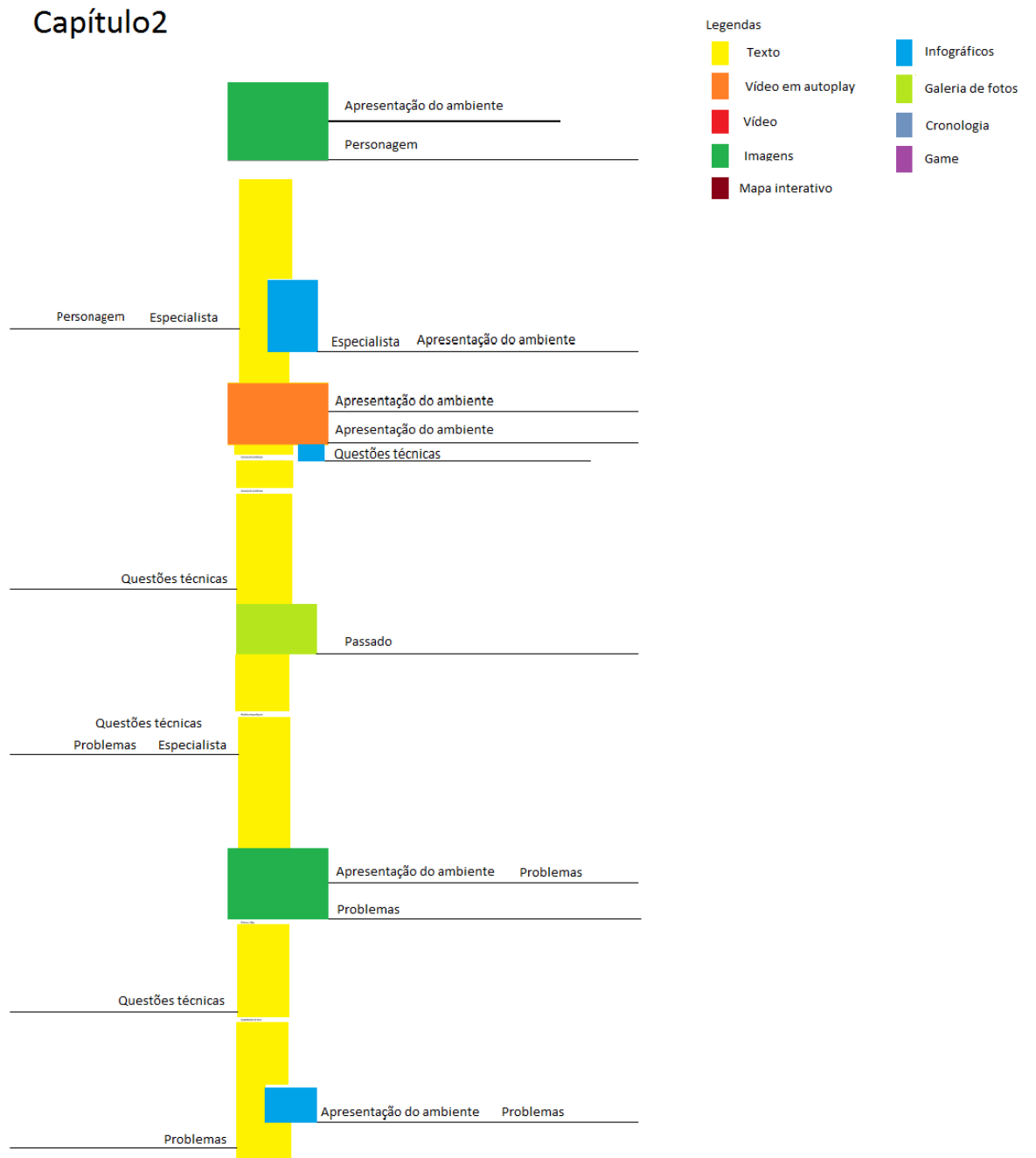


Fonte: Captura de tela feita pela autora no capítulo Ambiente de *A Batalha de Belo Monte*⁶¹.

Neste capítulo, assim como no capítulo sobre a obra, os recursos que ganham mais relevância são os infográficos e as fotos, principalmente as ampliadas. Os infográficos são importantes porque ajudam o leitor a entender o contexto geográfico do ambiente. Já as imagens contextualizam o leitor sobre o local onde está inserido a obra e quais vão ser os seus impactos. Mais uma vez, os diferentes formatos atuam para que o especial multimídia se aprofunde no tema, não se limitando à descrição textual. Nos recursos empregados, são apresentadas e ilustradas as histórias contadas no texto.

⁶¹ Disponível em: <arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/capitulo-2-ambiente.html> Acesso em: 9 maio 2014.

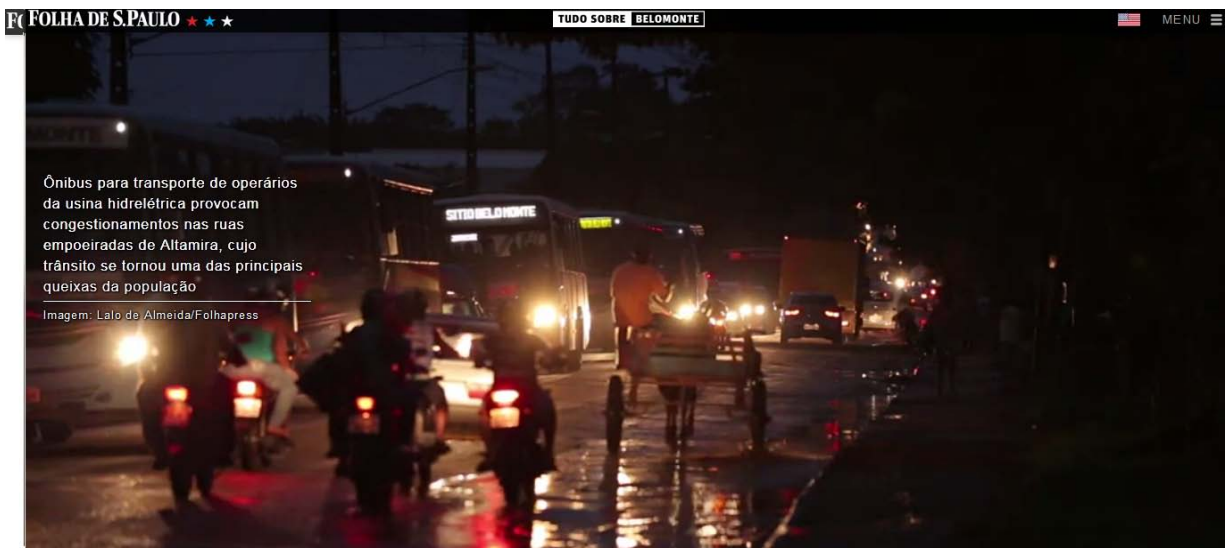
Figura 26 - Mapa da análise ampliada do capítulo 2.



Fonte: elaboração da autora.

O capítulo 3 busca retratar os impactos sociais da obra. É a página com mais fontes: 20. Dos quatro infográficos, três mostram pesquisas do Datafolha, e o último mostra a redução nos índices de malária. Das 14 imagens, quatro mostram ações de compensação da Norte Energia e as outras 10 mostram a situação da cidade após o início da obra. A galeria mostra a rotina dos oleiros que trabalham na construção de tijolos nas margens do Rio Xingu. Dos vídeos com acionamento automático (figura 27), três mostram a situação caótica em que está a cidade e dois mostram pessoas ou atividades que saem perdendo com a usina. Os dois vídeos com acionamento manual são entrevistas com fontes.

Figura 27 - O vídeo com acionamento automático retrata a situação caótica do trânsito em Altamira.



Fonte: Captura de tela feita pela autora no capítulo Sociedade de *A Batalha de Belo Monte*⁶².

As imagens ampliadas e os vídeos com acionamento automático são os recursos com mais destaque, que acumulam mais importância no aprofundamento das temáticas. Esses formatos são essenciais porque, além da descrição textual, é preciso mostrar ao leitor como é a situação na cidade e como estão funcionando as medidas de compensação. Os infográficos, apesar de pouco utilizados, são importantes para ilustrar os dados que dão sustentação às informações e principalmente às denúncias apresentadas. A integração de todos os recursos permite ao leitor compreender o ambiente e a situação de Altamira e das pessoas que foram afetadas direta e indiretamente pela obra.

⁶² Disponível em: <arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/capitulo-3-sociedade.html> Acesso em: 9 maio 2014.

Figura 28 - Mapa da análise ampliada do capítulo 3.

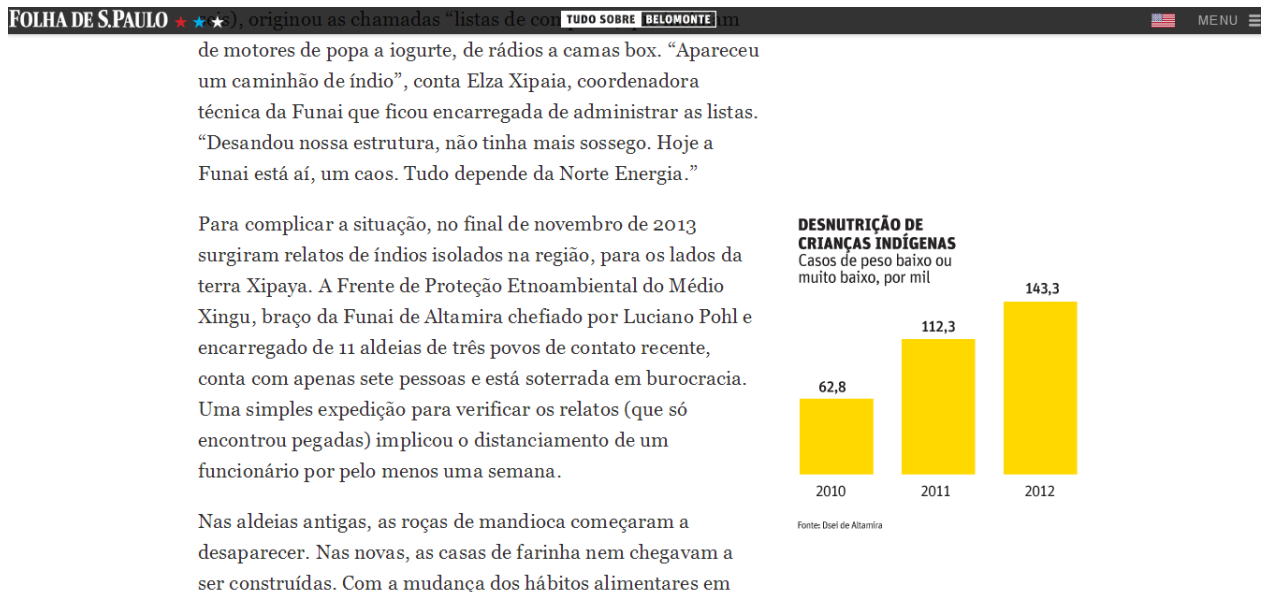
Capítulo 3



Fonte: elaboração da autora.

O capítulo 4 busca introduzir a questão indígena. Para isso, são expostas 13 fontes. É utilizado apenas um infográfico, que mostra a desnutrição das crianças indígenas (figura 29).

Figura 29 - O único infográfico presente no capítulo 4 ilustra dados sobre a desnutrição de crianças indígenas.



Fonte: Captura de tela feita pela autora no capítulo Povos Indígena de *A Batalha de Belo Monte*⁶³.

Há também uma galeria de imagem, que mostra em duas fotos uma aldeia na Volta Grande do Xingu. Das nove fotos utilizadas, seis mostram índios ou aldeias indígenas e as outras três mostram um ribeirão. Todos os quatro vídeos são entrevistas com fontes. O único vídeo com *autoplay* também é aplicado para mostrar o cotidiano indígena.

É possível perceber que o recurso mais importante neste capítulo são as imagens. As fotos ampliadas e as galerias são aplicadas para contextualizar o leitor sobre o cotidiano indígena, as aldeias e a rotina dos ribeirinhos. Dessa forma, o especial multimídia não se limita a apenas relatar o drama dos índios e dos ribeirinhos que serão afetados pela usina, mas mostra também quem são essas pessoas e como sua vida será alterada. O *hiperlink* para o mapa interativo também é importante porque dá a oportunidade ao leitor de se aprofundar e entender melhor a disposição das aldeias e compreender a posição geográfica dos fatos. A integração multimídia permite que os recursos auxiliem o texto a narrar as histórias e a trazer mais informações sobre o tema apresentado.

⁶³ Disponível em: <arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/capitulo-4-povos-indigenas.html> Acesso em: 14 maio 2014.

Figura 30 - Mapa da análise ampliada do capítulo 4.



Fonte: elaboração da autora.

O capítulo 5 faz um apanhado histórico da usina. Para isso, são exploradas apenas três fontes. Dois dos seis vídeos publicados na seção são entrevistas com fontes. Outros dois são arquivos históricos, um contextualiza toda a questão da usina, feito em modelagem 3D, e o outro é um vídeo com *autoplay* que mostra um sobrevoo pela região do Rio Xingu. Os vídeos são os recursos que ganham mais importância neste capítulo, já que permitem mostrar os personagens ao leitor e também fazer retomadas histórias importantes, trazendo ao especial multimídia elementos relevantes para compreensão do fato. Não há fotos. O único infográfico presente é interativo, em forma de cronologia, que encerra o especial e faz uma retomada das notícias publicadas sobre o assunto ao longo dos anos (figura 31).

Figura 31 - A cronologia apresenta um histórico das notícias divulgadas sobre o tema e encerra o especial.



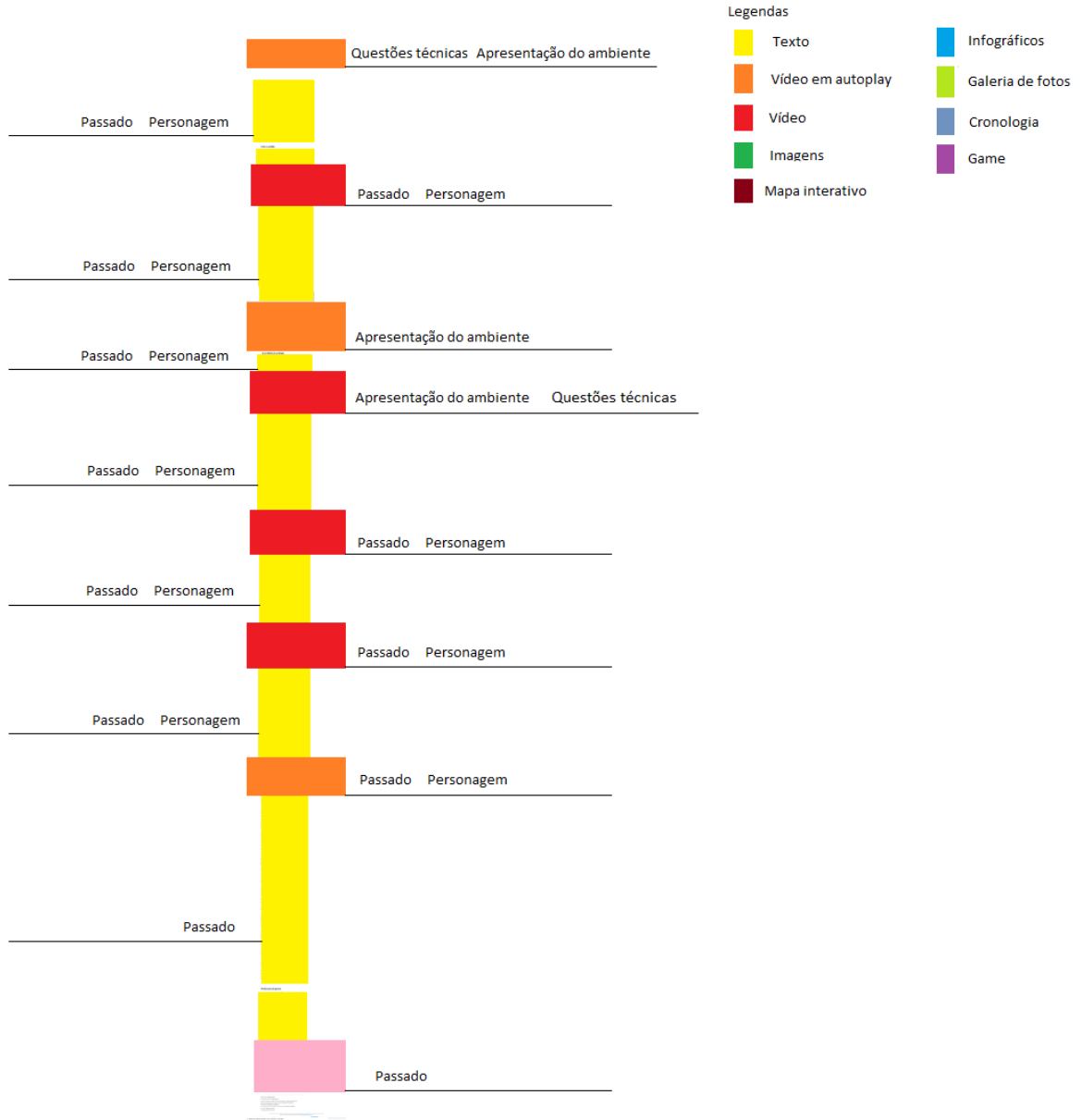
Fonte: Captura de tela feita pela autora no capítulo História de *A Batalha de Belo Monte*⁶⁴.

Já que é um capítulo menor e com um enfoque mais específico, são utilizados menos recursos. Ainda assim, a integração é importante para que o especial não se limite a fazer descrições textuais. Além dos vídeos, o recurso que ganha destaque nesta página é a cronologia. O infográfico interativo encerra o especial multimídia e dá a oportunidade ao leitor de navegar pelos assuntos que foram pauta nos diferentes anos que englobaram todo o caso de Belo Monte.

⁶⁴ Disponível em: <arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/capitulo-5-historia.html> Acesso em: 16 maio 2014.

Figura 32 - Mapa da análise ampliada do capítulo 5.

Capítulo 5



Fonte: elaboração da autora.

3.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS TEMÁTICAS E SUAS DISTRIBUIÇÕES

A primeira temática identificada no especial multimídia foi a construção de **personagens**. Essa é a temática melhor distribuída entre os capítulos, já que aparece em todas as seções. Além da narrativa escrita, os personagens estão nos vídeos, nas fotos ampliadas e nas galerias de imagens. Nos vídeos tradicionais, em que o leitor pressiona o *play* para acionar o produto, os personagens são apresentados através de sonoras de entrevista. Nas fotos ampliadas, nas galerias e nos vídeos com *autoplay*, a proposta é caracterizar o personagem, mostrando a pessoa junto ao seu ambiente de trabalho ou de moradia. Os recursos são utilizados com um caráter mais passional.

Para ilustrar as **pesquisas do Datafolha**, os infográficos e a narrativa textual são os recursos utilizados. Enquanto o texto contextualiza os dados apurados na pesquisa de opinião com outros assuntos, questionando o significado da pesquisa, o infográfico torna a compreensão mais fácil para o leitor. Nesse sentido, as pesquisas são informações que atuam de maneira complementar à reportagem, auxiliando na melhor interpretação de um assunto ou tema.

As entrevistas com **especialistas** são apresentadas principalmente na narrativa escrita. Apenas dois casos rompem essa constante. O primeiro caso é a explicação sobre um aspecto da geografia do rio Xingu, desenvolvida no texto por um professor de geologia, que foi transposta para um mapa. A apropriação do recurso de infográfico facilitou a visualização da informação. O segundo caso é a utilização do vídeo para exibir uma sonora da defensora pública.

Os **problemas** se apresentam principalmente em texto, em fotos ampliadas e em vídeos com *autoplay*. Em alguns casos, problemas foram representados em infográficos, que trazem dados objetivos, agregam informação e ratificam o problema exposto. Os vídeos com acionamento automático e as fotos ampliadas são aplicados para expor ao leitor algum aspecto que exemplifique o problema. Esses recursos possuem caráter mais passional. É forte a relação entre o relato dos especialistas e a apresentação de problemas. Do mesmo modo, a fala de personagens também traz à tona algumas denúncias.

Para ilustrar as **questões técnicas**, além do texto, os recursos utilizados são os infográficos, vídeos com *autoplay*, fotos (ampliadas e em galerias) e infográfico interativo. Os infográficos simples representam questões mais objetivas, como dados e a dimensão da obra. São esquemas utilizados para que o leitor consiga visualizar melhor a informação. Os vídeos com

autoplay e as imagens mostram máquinas, operários trabalhando ou algum outro tema que é auxiliado pela legenda escrita. Esses recursos fazem com que o leitor possa visualizar e entender o que está sendo apresentado no texto. Já os infográficos interativos e os dois vídeos feitos em modelagem 3D são conteúdos à parte. No caso dos infográficos interativos, as questões técnicas são apresentadas de maneira ilustrativa e interativa, permitindo que o leitor entenda de maneira mais didática como funciona a construção da usina.

Para **retomar questões do passado**, os recursos mais utilizados são o texto, os vídeos com sonoras de fontes, os vídeos de arquivo (apresentados um com *autoplay* e outro com acionamento manual) e fotos. Nos vídeos de sonoras, o passado é retomado a partir do relato dos personagens e das fontes. Já nas fotos, nos vídeos de arquivo e na cronologia, a maneira de retomar questões históricas é “revivendo” o momento, a partir de conteúdos produzidos na época.

A **apresentação do ambiente** se dá a todo momento na narrativa escrita. Nas outras plataformas, ela se desenvolve nos vídeos e nas imagens. Nos vídeos com acionamento manual, a apresentação do ambiente aparece apenas nas duas produções em modelagem 3D, que fazem um sobrevoo virtual pela região, auxiliado pela narração. Nos vídeos com acionamento automático, a apresentação do ambiente é feita a partir de sobrevoos que mostram uma determinada região e de pequenos trechos de cenas que representam o cotidiano de um personagem. O áudio marcado nos vídeos com acionamento automático auxilia o leitor a entender o contexto. Nas imagens, a apresentação do ambiente é feita a partir de fotos do contexto ou de paisagens. O ambiente é apresentado também nos infográficos interativos, em que o leitor pode “navegar” pela região.

É possível perceber que a reportagem foi estruturada através do texto. Assim, todas as outras plataformas que compõe a reportagem figuram como aspectos complementares, que ajudam a compor e a explicar melhor o conteúdo. Como destaca García (2003), cada elemento possui uma importância dentro da constituição da reportagem multimídia.

Os **infográficos** se apresentam como uma mídia que auxilia na visualização de informações mais objetivas. São aplicados para fazer relações e esquematizar conteúdos densos. Esse recurso pode ser encontrado tanto em forma de esquematizações simples, quanto em forma de mapas estruturados e infográficos interativos. O Folhacóptero em Belo Monte e o Mapa Interativo da Bacia do Xingu exploram questões técnicas e ambientais, e funcionam como *hiperlinks* dentro do especial multimídia. Eles aumentam o envolvimento do leitor com o conteúdo. No mapa, o leitor pode conhecer a região do Rio Xingu, entender onde vão acontecer

as intervenções e compreender melhor quem será afetado. O Folhacóptero é um recurso que permite ao leitor expandir a experiência. Já que pode ser executado em *smartphones* ou *tablets*, o conteúdo extrapola a tela do computador e transpõe o conteúdo do especial para outra experiência. Já o infográfico interativo da linha do tempo faz uma retomada ao passado e também apresenta atualização do tema, pois foram acrescentadas informações posteriores à publicação do especial. O recurso permite um envolvimento maior do usuário, que pode selecionar as notícias conforme o período de interesse.

Os **vídeos com acionamento manual** se constituem primordialmente de sonoras, apenas com um gerador de caracteres mostrando o nome e a função do entrevistado, mas sem imagens de apoio, introdução ou narração. Essas sonoras são trechos de entrevistas com personagens, especialistas ou fontes que ratificam o que está sendo exposto no texto. Apenas duas produções contrariam essa regra: os dois vídeos elaborados com modelagem 3D e narração que fazem um resumo do conteúdo apresentado na reportagem. Esses dois produtos não estão conectados com o resto da reportagem, já que rompem toda a estrutura da história. Os **vídeos com autoplay** são compostos com áudio bem evidente. Esse recurso surge automaticamente na tela e possui um conteúdo mais passional. Essa plataforma é mais utilizada para apresentar o ambiente, evidenciar problemas e compor personagens. As aplicações de **som** aparecem apenas acopladas aos vídeos.

As **fotos** ampliadas também possuem forte caráter passional. O fato de mostrarem mais detalhes da imagem permite que ela se componha por mais elementos. Esse recurso é bastante utilizado para apresentar ambientes, compor personagens, evidenciar problemas e apresentar questões técnicas. As **galerias de imagem** possuem aspectos diferentes das imagens ampliadas. Por serem de menor tamanho, suas fotos possuem menos detalhes, mas se agrupam de forma a aumentar a experiência do leitor sobre aquele tema específico. Essa mídia é utilizada para apresentar ambientes, compor personagem ou retomar eventos passados.

Cabe fazer também alguns apontamentos sobre padrões observados no especial multimídia. Os capítulos seguem um padrão estético e de formato. Todas as páginas iniciam com uma foto ampliada ou um vídeo de acionamento automático acompanhado de um texto introdutório. Ao mesmo tempo, todos os subtópicos iniciam e terminam com textos. Todas fotos ampliadas e vídeos com *autoplay* aparecem com o acompanhamento de uma legenda. Enquanto há sequências verticais de fotos e de vídeos com acionamento automático, a mesma organização não se aplica aos vídeos com acionamento manual, que, diferente dos outros dois recursos

mencionados, ocupam um espaço pequeno na tela, centralizados. Esses vídeos são distribuídos ao longo da narrativa textual dos diferentes capítulos.

Ao lado do texto, recurso que conduz o especial, as fotos ganham mais destaque nos capítulos, pois aparecem em maior número e acumulam uma grande variedade de temáticas em quatro dos cinco capítulos. Os infográficos e os vídeos também assumem papel importante, principalmente os infográficos interativos e os vídeos com acionamento automáticos, que são elementos diferenciais do especial multimídia. A integração entre os diferentes formatos, em todos os capítulos, é essencial para que a produção não se limite à descrição textual e consiga levar o leitor ao contexto do local e à maneira como vivem os personagens retratados.

A Batalha de Belo Monte é um especial multimídia, porque se trata de uma grande reportagem que carrega consigo características da reportagem em profundidade ou interpretativa: a liberdade narrativa, a humanização, os antecedentes históricos, prognóstico de detalhamento. Ao mesmo tempo, é um produto que se apropria das características do meio digital, principalmente da multimídia, a interatividade e a hipertextualidade. Há a união de diferentes linguagens recombinadas, em uma mistura de formatos narrativos e de gêneros. A reportagem é fragmentada, dividida em capítulos, mas também é sequencial, com uma estrutura vertical pode ou não ser seguida pelo leitor.

O especial enriquece o gênero interpretativo, com elementos de outros gêneros, como o informativo e o opinativo. Percebe-se que a integração é uma característica marcante da produção, já que as mídias utilizadas se integram e constituem um produto único. Há também elementos de intermídia, como o mapa interativo do Folhacóptero e o mapa interativo da bacia do rio Xingu. Esses dois recursos são intermídia porque permitem navegação do leitor em uma imagem 3D. A união entre os recursos permite entender os recursos como uma possível fusão conceitual, tal como Longhi (2009) identifica a intermídia. Os vídeos com acionamento automático e as fotos ampliadas, que ocupam toda a tela do leitor enquanto a barra de rolagem é movida para baixo, também contribuem para que haja uma integração entre os elementos que compõem o especial, tornando-o mais dinâmico.

É possível perceber, através do especial da Folha de São Paulo, que está em curso uma nova estratégia comunicacional. Essa tendência, observada por Barbosa, Normande e Almeida (2014), pode ser comprovada a partir da análise de *A Batalha de Belo Monte*, que reúne os elementos abordados pelos autores: “A densidade informativa, a verticalização, a integração dos recursos

multimídias, a utilização de menus de navegação e de botões de compartilhamento sugerem um novo padrão para as narrativas multimídia” (BARBOSA, NORMANDE e ALMEIDA, 2014, p. 18).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção deste trabalho não é reduzir a discussão sobre os especiais multimídias a apenas um modelo e estrutura. *A Batalha de Belo Monte* atuou aqui como objeto de estudo por se mostrar uma importante produção nacional de especial multimídia. A partir da desconstrução cartográfica, foi possível entender como o conteúdo é distribuído nos diferentes formatos midiáticos: ao mesmo tempo em que os infográficos são utilizados para visualização de dados e para complementar a informação da narrativa escrita, as fotos ampliadas e os vídeos com acionamento automático possuem caráter mais passional e auxiliam na humanização da reportagem, contextualização do leitor e construção de personagens. Os vídeos com acionamento manual trazem sonoras de fontes ou se apresentam como produções mais elaboradas, que não estão necessariamente conectados ao contexto. Já os infográficos interativos atuam para ilustrar o ambiente ao leitor, ou permitem a visualização de conteúdos divulgados sobre o assunto, como é o caso da cronologia, permitindo uma interação maior com o usuário.

Apesar de o especial multimídia ser baseado principalmente no texto, os demais formatos utilizados não são apenas acessórios: são importantes para o entendimento da história e atuam de maneira integrada. As imagens são o recurso com mais visibilidade em quatro dos cinco capítulos do especial. Já os infográficos e vídeos também são relevantes e acumulam temáticas em todos os capítulos. Essa integração é importante, pois permite que o leitor entenda melhor o contexto e o ambiente do local onde está sendo construída a usina, não se limitando à descrição textual. É possível constatar que o gênero reportagem, no meio digital, carrega junto características da reportagem em profundidade originada do impresso, como liberdade narrativa, detalhamento e humanização. Ao mesmo tempo, também se beneficia das características do meio digital, através da multimídia, da interatividade, da hipertextualidade, da legibilidade, da ruptura de periodicidade e das possibilidades técnicas.

Além de agregar distintos formatos, *A Batalha de Belo Monte* reúne também modelos de diferentes gêneros jornalísticos. Isso a transforma em um produto mais completo, podendo ser categorizado no que Longhi (2010a) denomina de “especial multimídia”. As características de convergência se apresentam de maneira integrada e em alguns momentos demonstram uma fusão conceitual, em que os componentes do produto geram um resultado diferente. O especial também se desdobra em outras plataformas, como edição impressa e canal do *Youtube* da TV Folha, além

de ser constituído por infográficos interativos que podem ser vistos em *smartphones* e *tablets*, mostrando que segue as características do *continuum* multimídia, quinta etapa do jornalismo no meio digital estabelecida por Barbosa (2013).

São muitas as inovações e as potencialidades, que se aplicam a cada dia com o surgimento de tecnologias, programas, *softwares*. Essa técnica é complementada com as capacidades de profissionais cada vez mais qualificados e que sabem aproveitar as características do meio. As mídias, como o rádio e o impresso, continuam a manter seu espaço e funcionalidade. Ainda assim, novas reportagens como o modelo *A Batalha de Belo Monte* mostram uma tendência a ser seguido, já que se debruçam para esmiuçar um determinado tema com profundidade utilizando os recursos disponibilizados pelas novas mídias.

REFERÊNCIAS

BACCIN, Alciane Nolibos. **A construção do acontecimento jornalístico Geisy Arruda – Uniban: do vídeo no YouTube à biografia.** 2012. 131 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2012.

BARBOSA, Susana. Jornalismo convergente e *continuum* multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais. In: CANAVILHAS, João (Org.). **Jornalismo e mobilidade: O Jornalismo na Era dos Dispositivos Móveis.** Covilhã, Livros Labcom, 2013. p. 33-54. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20130404-201301_joaocanavilha_noticiasmobilidade.pdf> Acesso em 15 jun. 2014

BARBOSA, Susana; NORMANDE, Naara; ALMEIDA, Yuri. **Produção horizontal e narrativas verticais: novos padrões para as narrativas jornalísticas.** In: XXIII ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, Grupo de Trabalho Estudos de Jornalismo, 2014, Belém.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à Filosofia do Jornalismo.** Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1960.

_____. **Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica.** Porto Alegre: Sulina, 1976.

BECKER, Beatriz; BARREIRA, Ivone. Snow Fall: uma avalanche de criatividade e de desafios para o Ensino de Jornalismo. In: **Revista Contracampo**, v. 28, n. 3, ed. dezembro ano 2013. Niterói: Contracampo, p. 73-91, 2013.

BITTENCOURT, Daniel. **Quando a Interface é a Mensagem. Procedimentos Técnico-Estéticos como Estratégias de Diferenciação em Portais de Informação: uma análise dos portais Uol e Globo.com.** 2007. 268 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2007.

BRANCH, John. Snow Fall: The Avalanche at Tunnel Creek. **The New York Times.** Dez. 2012. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/>> Acesso em: 15 maio 2014.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: da pirâmide invertida à pirâmide deitada.** In: BOCC – Biblioteca *Online* de Ciências da Comunicação. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>> Acesso em: 5 maio 2014.

_____. **Webnotícia: proposta de modelo periodístico para la WWW.** Covilhã, Livros Labcom, 2007.

Disponível em:

<http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110823-canavilhas_webnoticia_final.pdf>

Acesso em 10 nov. 2013

COIMBRA, Osvaldo. **O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura.** São Paulo: Ática, 1993.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de Pesquisa para Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2011.

GARCÍA, Guillermo López. Géneros interpretativos: el reportage y la crónica. In: NOCI, Javier Díaz; SALAVERRÍA, Ramon. **Manual de Redacción Ciberperiodística.** Barcelona: Ariel, 2003. p. 449-494.

GROSSMANN, Fabiane Volkmer. **Estratégias Comunicacionais de Interface Gráfica em webjornais: estudo do caso de ZeroHora.com.** 2008. 194 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social Jornalismo), Universidade Federal de Santa Maria. Orientador, 2008.

HOME PAGE Folha de São Paulo. **Uol.** Disponível em: <<http://www.folha.uol.com.br/>> Acesso em: 13 dez. 2013.

KIMIECK, Jorge L. Artefatos de conexão em comunidades de prática: multimedia story. **Revista Cadernos da Escola de Comunicação da UniBrasil**, n. 3, p. 96-109, jan-dez. 2005. Disponível em: <<http://apps.unibrasil.com.br/Revista/index.php/comunicacao/article/viewFile/555/473>> Acesso em 10 abril 2014.

KASTRUP, Virginia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: **Revista da Associação Brasileira de Psicologia Social - Psicologia e Sociedade.** Vol. 19, n. 1. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 15-22.

KIRST, Patrícia G., et al. Conhecimento e cartografia: tempestade de possíveis. In: FONSECA, T.; KIRST, P. (Ed.). **Cartografias e devires: a construção do presente.** Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. p. 91-101.

LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística.** 7. ed. São Paulo: Ática, 2001.

LARRONDO URETA, Ainara. El reportaje se reinventa en la red: estructura del reportaje hipertextual, **Revista Latina de Comunicación Social**, Tenerife, n. 57, jan-jun. 2004. Disponível em: <<http://www.ull.es/publicaciones/latina/20040357larrondo.htm>> Acesso em: 10 março 2014.

_____. La metamorfosis del reportaje en el ciberperiodismo: concepto y caracterización de un nuevo modelo narrativo. **COMUNICACIÓN Y SOCIEDAD** Vol. XXII, N. 2, 2009. p. 59-88.

LEITE, Marcelo. et al. **A Batalha de Belo Monte. Folha de São Paulo.** São Paulo. Dez. 2013. Disponível em: <<http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/index.html>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

LONGHI, Raquel Ritter. Infografia *online*: narrativa intermídia. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Ano VI, n. 1. jan./jun. 2009. p. 187-196. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p187/10423>> Acesso em: 1 maio 2014.

_____. Os nomes das coisas: em busca do especial multimídia. **Estudos em Comunicação, Portugal**, v. 2, n. 7, p.149-161, maio 2010a.

_____. Bearing Witness, jornalismo em Flash e formatos da linguagem jornalística digital. **Contracampo** (UFF), v. 21, p. 191-205, 2010b.

LONGHI, Raquel; SILVEIRA, Mauro. A convergência de linguagens nos especiais do Clarín.com. **Rev. Estud. Comun.** Curitiba, v. 11, n. 25, p. 157-166, maio/ago. 2010

LONGHI, Raquel. Audiovisual, conceito em expansão, 2014, *online*.

LUZ, Andréa Aparecida da. **Cayucos**: estudo de caso de um especial multimídia no Clarín.com. 2010. 149 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

MACHADO, Irene A. Gêneros no contexto digital. In: LEÃO, Lúcia (Org.). **Interlab. Labirintos do Pensamento Contemporâneo**, São Paulo: Iluminuras, 2002. P. 211-234.

MARTÍNEZ ALBERTOS, José Luis. **Curso General de Redacción Periodística**: periodismo en prensa, radio, televisión y cine, lenguaje, estilos y géneros periodísticos. Barcelona: Editorial Mitre, 1983.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MEDINA, Cremilda de Araujo. **A arte de tecer o presente**: (jornalismo interpretativo). São Paulo: Média, 1973.

MIELNICZUK, Luciana. Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na Web. In: **12º Compós** - Encontro dos cursos de Pós-Graduação em Comunicação, 2003a, Recife. CD-ROM, 2003a. Disponível em: <<http://suellytemporal.wordpress.com/artigos/outros-autores/sistematizando-alguns-conhecimentos-sobre-jornalismo-na-web/>> Acesso em: 1 fev. 2014

_____. **Jornalismo na Web**: uma contribuição para o estudo do formato na notícia hipertextual. Salvador: UFBA, 2003b. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas, FACOM, UFBA, Salvador, 2003b.

_____. **Webjornalismo de Terceira Geração**: continuidades e rupturas no jornalismo desenvolvido para a web. In: XXVII - INTERCOM, 2004, Porto Alegre, 2004. Disponível em:

<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/33239839420892013900619660266793099419.pdf>>
Acesso em: 1 fev. 2014

NOCI, Javier Díaz; SALAVERRÍA, Ramón (Org.). **Manual de Redacción Ciberperiodística**. Barcelona: Ariel Comunicación, 2003. 589 p.

PLAZA, Julio. A Tradução Intersemiótica como intercurso dos sentidos In: PLAZA, Júlio. **Tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1987. p. 45-69

PALACIOS, Marcos. et al. **Um mapeamento de características e tendências no jornalismo online brasileiro e português**, 2002. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_mapeamentojol.pdf> Acesso em: 8 fev. 2014.

PALACIOS, Marcos. Jornalismo Online, informação e memória: apontamentos para debate. **Revista PJ: Br Jornalismo Brasileiro**, São Paulo, n. 4, 2004. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4_f.htm>. Acesso em: 8 fev. 2014.

RIBEIRO, Janaína, ARAÚJO, Daniela. **Jogar para informar: Uma análise do newsgame como dispositivo de imersão e interatividade**. Disponível em: <<http://confibercom.org/anais2011/pdf/285.pdf>> Acesso em 18 março 2014.

ROLNIK, Suely. **Cartografia ou de como pensar com o corpo vibrátil**, 1987. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf>> Acesso em 3 maio 2014.

ROSÁRIO, Nísia M. Mitos e cartografias: novos olhares metodológicos na comunicação. In: MALDONADO, Efendy; BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia (org.). **Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa**. João Pessoa: Editora UFPB, 2008, p. 195-220.

SANTANA, Liliam Marrero. El reportaje multimedia como género del periodismo digital actual. Acercamiento a sus rasgos formales y de contenido. In: **Revista Latina de Comunicación Social**. Terenife. n. 63, jan. 2008. Disponível em: <http://www.revistalatinacs.org/08/29_40_Cuba/Liliam_Marrero.html> Acesso em 10 abril 2014.

SANTAELLA, Lúcia. As linguagens como antídotos ao midiacentrismo. *Matrizes*, São Paulo, n. 1, p. 75-97, 2007.

SALAVERRÍA, Ramón. **Redacción Periodística en Internet**. Pamplona: EUNSA, 2005.

_____. Estructura de la convergencia. In: López, X.; Pereira, X. (coords.) **Convergencia digital**. Reconfiguración de los medios de comunicación en España. Santiago de Compostela: Servicio Editorial de la Universidad de Santiago de Compostela, 2010. p 27-40.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. 5. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

SPINELLI, Egle Muller; RAMOS, Daniela Osvald. A reportagem multimídia no Clarín.com e a pesquisa por uma linguagem digital, 2007. In: **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0717-1.pdf>. Acesso em: 3 maio 2014.

TORRES, Elvira García de; AMÉRIGO, Maria José Pou. Características de La Comunicación Digital. In: NOCI, Javier Díaz; SALAVERRÍA, Ramón. **Manual de Redacción Ciberperiodística**. Barcelona: Ariel, 2003. p. 49-80.

“TV FOLHA” traz especial sobre Belo Monte; veja na íntegra. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 12 jan. 2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/multimedia/videocasts/2014/01/1396339-tv-folha-traz-especial-sobre-belo-monte-veja-integra.shtml>. Acesso em: 6 maio 2014.

VIVALDI, G. Martín. **Gêneros Periodísticos**: reportaje, crónica, artículo. 5. ed. Madri: Editorial Paraninfo, 1993.

APÊNDICE A – ANÁLISE DETALHADA DE A BATALHA DE BELO MONTE

Capítulo 1 - Obra



Introdução: introduz brevemente o tema. A imagem atrás dá uma dimensão da “cidade” em que os trabalhadores vivem. O texto apresenta uma justificativa da importância do tema. Mostra o tempo que os repórteres passaram em Altamira e a quantidade de mídias em que a reportagem se divide.

Um projeto de R\$ 30 bilhões

Uma explosão às 6h da manhã arranca uma camada de 9 m de espessura do bloco de migmatito numa área de 750 m² que já foi a morada de árvores centenárias na zona rural de Altamira e Vitória do Xingu (PA). Assentada a poeira, resta uma montanha de fragmentos dessa rocha dura, aparentada com o granito. À meia-noite, nem um pedregulho estará mais ali.

Duas escavadeiras se posicionam lado a lado, a 50 m uma da outra. Cinco levantamentos cada e, em menos de três minutos, enchem uma carreta com 32 toneladas de pedras. Sai um caminhão, encosta outro. Em 20 minutos, partem 18 caçambas cheias. Não há um segundo de descanso.

ENTENDIDOS ESPECIAIS
 Marcelo Leite
 Dimini Amora
 Morris Kuchari
 Lalo de Almeida
 Rodrigo Machado

Toda a reportagem é estruturada através do texto. Logo no início, a narrativa usa a descrição para contextualizar o leitor sobre como é o ritmo da construção do canal que vai desviar o fluxo do rio Xingu. Todo o texto é fragmentado: em capítulos e em retrancas.

A primeira parte se dedica a explicar a dimensão da obra e sua capacidade produtiva.

da terceira maior hidrelétrica do mundo, e também uma das mais controversas: Belo Monte, da empresa Norte Energia S.A.

RANKING DA EFICIÊNCIA
 Compare a energia e o alagamento das dez maiores usinas do Brasil

Usina	Itaipu	Belo Monte	Tucuruí	Jirau	Ilha Solteira	Xingó	Santo Antônio	Marimbondo	Serra de Mesa	Soledade
Os lagos estão na mesma escala: não										
Área alagada (mil km²)	1,4	0,5	3,5	0,3	1,2	0,1	0,4	0,4	1,8	4,1
Produção (mil MW)	14	11,2	8,7	3,8	3,4	3,2	3,2	1,4	1,3	1,3
Localização	PR	PA	PA	RO	SP e MS	AL e SE	RO	SP e MG	GO	BA

Fonte: Anel, Furnas, Eletrosul, Jaraguá Binacional, Ches, Norte Energia, Energia Sustentável e Santo Antonio Energia

No presente, o maior desafio de Roberta Pereira é domar as águas dos igarapés que cortam o curso do grande canal e completar, ainda em dezembro de 2013, a ensecadeira (barragem provisória, para manter a construção isolada do rio Xingu). A engenheira comanda 7.000 empregados e tem 12 anos “no trecho”, como se refere às grandes obras de infraestrutura por que passou. A ensecadeira já tem fundações prontas e a maior parte do aterro alcançou a cota de segurança, 95 m.

Belo Monte fervilha 24 horas por dia, dois anos e meio após o início oficial de sua construção, em junho de 2011. Com um custo estimado em R\$ 30 bilhões, o prazo para começar a produzir energia é apertado, apenas 44 meses. Em Itaipu foram 120 meses; a previsão para a hidrelétrica de Santo Antônio, no rio Madeira (RO), era de 52 meses, mas a usina começou a gerar energia nove meses antes.

OPERÁRIOS DE BELO MONTE
 Origem dos trabalhadores, em %

Pará	54
Município de Altamira (30%)	18
Maranhão	18
Outros Estados	28

FAIXA ETÁRIA
 Menos de 39 anos

Menos de 39 anos	71
20 a 24	18
25 a 29	21
30 a 34	19
35 a 39	13
Acima de 39 anos	29

Fonte: C398

Na medida em que o leitor desce a barra de rolamento, vão surgindo infográficos ilustrativos do tema. O primeiro que aparece compara a dimensão do alagamento da obra de Belo Monte com outras obras no Brasil. Ele complementa e ilustra o que o texto narra. Outros gráficos apresentam dados da pesquisa de opinião feita pelo Datafolha a pedido da reportagem.



O pico de 11.233 MW só poderá ser alcançado entre fevereiro e maio, quando o Xingu atinge suas vazões máximas. Nos outros

O primeiro vídeo a aparecer na narrativa não está necessariamente em contato direto com o texto. Ele é um vídeo autoexplicativo, feito em modelagem 3D, e resume boa parte do conteúdo narrado no texto. Usa ilustrações e narração que explicam toda a história acerca da construção e do funcionamento da hidrelétrica.

contratual - o que trará ganhos consideráveis para o empreendedor.

No presente, o maior desafio de Roberta Pereira é domar as águas dos igarapés que cortam o curso do grande canal e completar, ainda em dezembro de 2013, a ussacadeira (barragem provisória, para manter a construção isolada do rio Xingu). A engenheira comanda 7.000 empregados e tem 12 anos "no trecho", como se refere às grandes obras de infraestrutura por que passou. A ussacadeira já tem fundações prontas e a maior parte do aterro alcançou a cota de segurança, 95 m.

Belo Monte fervilha 24 horas por dia, dois anos e meio após o início oficial de sua construção, em junho de 2011. Com um custo estimado em R\$ 30 bilhões, o prazo para começar a produzir energia é apertado, apenas 44 meses. Em Itaipu foram 120 meses; a previsão para a hidrelétrica de Santo Antônio, no rio Madeira (RO), era de 52 meses, mas a usina começou a gerar

OPERÁRIOS DE BELO MONTE
Origem dos trabalhadores, em %

Pará	54
Município de Alcaná (30%)	30
Outros Estados	16
Maranhão	18

FAIXA ETÁRIA
Menos de 25 anos: 71

20 a 24	18
25 a 29	21
30 a 34	19
35 a 39	13

O texto segue e a narrativa traz a primeira fonte: Roberta Pereira, engenheira civil da Norte Energia. Roberta dá credibilidade à narrativa e ganha ares de personagem.

Problemas de comunicação

As obras de Belo Monte atingiram o climax em outubro, com 25 mil trabalhadores (87% deles homens). Três quartos dos mais de 5.600 municípios brasileiros têm população menor que esse exército de operários.

De cidades bem menores que os enatedores da usina vieram João, José, Antônio, Pedro e Joaquim (que pedem para não ter seus verdadeiros nomes revelados). Sentados domingo à tarde na calçada da avenida João Rodrigues, em Alcaná, os cinco bebem vodca com soda. Chegaram há pouco mais de um mês e já pensam em ir embora. Belo Monte foi para eles uma decepção. "Nosso salário, em vista de outros Estados, tá aqui", diz João, com o dedo indicador perto do chão.

João não é barrageiro de primeira categoria. Em 2011, trabalhou na usina de Santo Antônio, no rio Madeira. Diz que lá

OPINIÃO DOS TRABALHADORES
Avaliação das condições de trabalho, em %

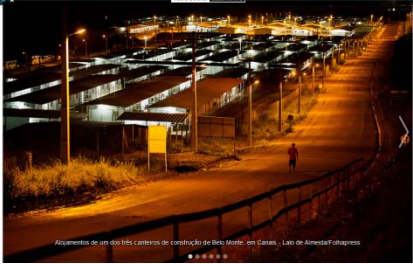
bom	64
regular	30
ruim do péssimo	5

SATISFAÇÃO COM O TRABALHO, EM %

Muito satisfeito	57
Um pouco satisfeito	37
Não satisfeito	5

Para narrar como é a vida nos alojamentos dos empregados da usina, os repórteres utilizam três personagens que guiam a narrativa e contam suas histórias.

O texto conta as dificuldades de comunicação, como a falta de sinal na região. Usa-se também o recurso de pesquisa de opinião para ilustrar o texto. Quase todos os infográficos desse segmento utilizam a pesquisa de opinião ou o senso como fontes de informação.



Alojamentos de um dos três canteiros de construção de Belo Monte, em Alcaná, Lago de Alameda-Foto:press

A galeria de fotos é utilizada para contextualizar o que é narrado pelo texto. Nas fotos aparecem os alojamentos, os empregados se divertindo, fazendo as refeições e buscando sinal de celular, por exemplo.

Greves de trabalhadores (como a que parou toda a obra no final de novembro de 2013), protestos de índios, paralisações determinadas pela Justiça e problemas com licenças ambientais podem forçar a Norte Energia a atrasar o início da geração. Pelo contrato assinado com a União, a multa por descumprimento do prazo pode chegar a 2% do faturamento anual.

A Norte Energia ainda teria de comprar de outras empresas a energia que não entregar, ao custo diário de até R\$ 1 milhão por turbina não acionada, dependendo do preço da energia na época. Esse prejuízo acabaria assumido pelos contribuintes, pois, apesar de planejado como empreendimento privado, Belo Monte no fundo é estatal (não é à toa que a Força Nacional de Segurança participa da vigilância na obra).

Em 2010, quando a Norte Energia venceu o leilão para construir Belo Monte, o grupo era pouco mais que um aglomerado de

DONOS DE BELO MONTE
Ações da Norte Energia S.A., em %

Grupo Eletivas (Geração, Transmissão e Energia)	46,98
Participações	20
Atuação "em nome"	21
Administradores de energia (para indústria)	10
Sociedade	0,21
Sociedade	0,21

Com um tom de denúncia, a narrativa revela que no fundo a Norte Energia é estatal e, por isso, os contribuintes teriam de arcar com os possíveis prejuízos. Mas a empresa foi planejada pela iniciativa privada. O infográfico em forma de disco revela quais são as empresas que compõem a Norte Energia.



As fotos ampliadas mostram a rotina dos trabalhadores. É interessante observar a opção de disposição das fotos. Se estivessem em forma de miniatura, não ganhariam tanto destaque. Todas as fotos são acompanhadas por uma legenda que explica o contexto.

FOLHA DE SPALHO Tudo sobre BELMONTE

Piauí x EUA

Antônio Kelson Elias Filho, 55, é o diretor de obras da Norte Energia. Com seu sotaque mineiro, modos diretos e a voz poderosa, Kelson é o próprio comandante em chefe da megaconstrução. Distribui ordens o tempo todo, pessoalmente e por telefone. Ao recordar sua reação após a vitória no leilão sobre um consórcio dado como favorito, Kelson deixa claro qual era o estado de espírito da tropa improvisada ao assumir o domínio sobre Belo Monte: "O Piauí ganhou a guerra com os Estados Unidos. Agora tem de ocupar".

VOLUMES DE ESCAVAÇÃO
Em milhões de m³

Belo Monte	240
Trib Garganta (Cand)	134
Itaipu	63

14 mil toneladas de concreto foram despejadas para 138 milhões de m³.
Fonte: Norte Energia S.A.

Conjunto o tamanho que os outros projetos de Belo Monte.

O texto apresenta mais detalhes da obra através de um personagem que também é uma fonte. O Diretor de Obras da Norte Energia, Antônio Kelson, conta como foi sua reação ao saber que a empresa ganhou a ação para fazer a obra. Os infográficos contextualizam o leitor sobre a dimensão da obra e a quantidade de materiais utilizados.

FOLHA DE SPALHO Tudo sobre BELMONTE

em tempo certo ou muita peça so.

Antônio Kelson Elias Filho
Diretor de obras da Norte Energia

O vídeo está atrelado ao texto (já que não tem introdução) e mostra o diretor de obras da empresa falando sobre as iniciativas compensatórias feitas pela empresa para Altamira e para a comunidade indígena. A qualidade do vídeo é bem inferior à do primeiro vídeo apresentado.

FOLHA DE SPALHO Tudo sobre BELMONTE

para ir da Transamazônica ao sítio Pimental. Agora, leva 40 minutos.

Em julho de 2011, protestos fecharam a Transamazônica. Para alimentar os empregados, foi necessário fretar dois aviões, no custo total de R\$ 80 mil, que foram buscar em Belém toneladas de arroz e outros grãos. Quando a carga chegou, havia comida só para três dias de alimentação.

A rubrica transporte representa em torno de 8% do custo total do projeto Belo Monte. "Se tivéssemos a Transamazônica asfaltada, teríamos uma economia de R\$ 200 milhões, dos R\$ 800 milhões já gastos com transporte", calcula Marcos Sordi, diretor administrativo do CCBM.

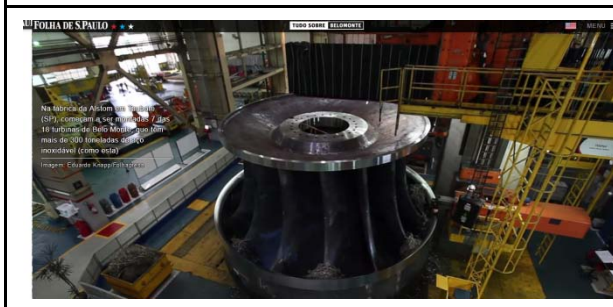
Na avaliação do consórcio, ao final de 2013 cerca de metade de toda a obra civil de Belo Monte estará realizada. Na barragem do rio Xingu, a parte que precisa ficar pronta em 2014 para acionar

CONSUMO MENSAL NOS REFETÓRIOS
Em toneladas

comida	430
frutas e legumes	210
carne bovina	90
carne de frango	68
carne suína	33
vegetais	10

Fonte: CCBM

O subtítulo "Arroz de avião" traz as questões de logística enfrentadas pela empresa. A dificuldade de acesso ao local é um problema.



Vídeos com acionamento automático: dão dinamicidade à informação. São como as fotos ampliadas, pois possuem boa qualidade e uma legenda que contextualiza a imagem.

FOLHA DE SPALLO [Sobre Sobre | Hidrelétrica]

As pedras, no entanto, formam uma superfície mais rugosa que o concreto, o que faz com que a água avance do rio para o reservatório com velocidade menor, por força do atrito. E a velocidade da água é fundamental na geração da energia, para garantir que o volume adequado seja abocanhado pelas turbinas.

O princípio do funcionamento de uma hidrelétrica é que um grande volume de água desça o mais rapidamente possível do ponto mais alto para o mais baixo, a fim de girar turbinas que vão acionar os geradores. A energia é produzida pelo movimento circular de um rotor com enrolamento de cobre no interior de outro circuito imóvel do mesmo metal (o estator) – exatamente o processo inverso de um motor elétrico, que consome eletricidade para produzir movimento, enquanto o gerador converte a energia mecânica em elétrica.

Para compensar a perda de velocidade da água no canal revestido com pedras, foi necessário "alargar o canal", ou seja,

SOBREVÔE A USINA
Aplicativo interativo permite pilotar o helicóptero sobre Belo Monte



1. 2. 3. 4. 5.

Esta retranca explica o funcionamento da hidrelétrica e a quantidade de mudanças necessárias após a decisão de não revestir o canal com concreto. Fala-se também das contas e dos valores da licitação. Há a aparição de duas fontes: o Diretor de Obras da Norte Energia e o presidente da Empresa de Planejamento Energético.

À direita da tela, aparece a opção para o leitor usar o game que permite navegar pela obra.

FOLHA DE SPALLO [Sobre Sobre | Hidrelétrica]

Contas duvidosas

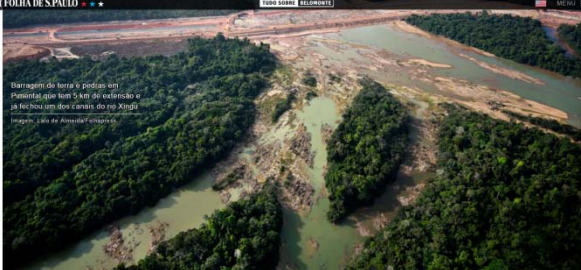
Em abril de 2010, a Norte Energia venceu a concorrência pela concessão de Belo Monte oferecendo um valor 5% menor (R\$ 79) que o preço de referência. O custo da obra estimado pela Norte Energia, contudo, era 30% superior ao máximo previsto pelo governo. Para o mercado, não parecia possível recuperar o investimento com a tarifa oferecida. Uma decisão da Eletrobras tomada meses depois do leilão reforçou essa suspeita.

A Eletrobras, holding estatal que controla a Chesf, firmou um contrato com a Norte Energia para comprar, por R\$ 130 o MWh, a energia excedente que Belo Monte puder vender no mercado. Esse preço da eletricidade extra vendida no mercado livre varia diariamente e, na média dos últimos dez anos, ficou em R\$ 70. Portanto, a estatal-mãe deu uma bela ajuda à filha, que a usou para convencer o BNDES a liberar um empréstimo subsidiado de R\$ 22,5 bilhões.

Fala sobre as contas duvidosas da Norte Energia: ofereceram energia por uma tarifa menor, mas calcularam a mais no custo da obra. A estatal ofereceu comprar a energia excedente da empresa por um valor muito superior ao do mercado, o que garantiu um argumento para que a Norte Energia conseguisse empréstimo.

Entrevista com professor da USP que ironiza a obra e avalia que dará mais custos aos contribuintes.

FOLHA DE SPALLO [Sobre Sobre | Hidrelétrica]



Um projeto de terra e pedras que
Planície que tem 5 km de extensão e
já foi cheia com dor Xavina, do rio Xingú.
Imagem: Lúcia de Almeida/Contraste

Esta imagem grande aparece sozinha, acompanhada de uma legenda, mas descontextualizada do restante.

FOLHA DE SPALLO [Sobre Sobre | Hidrelétrica]

ficção. Por ora, a usina só lhes trouxe seguidas interrupções de energia. A rede elétrica de distribuição, com seus fios e transformadores das décadas de 1970 e 1980, não suporta o aumento do consumo.

No verão amazônico, quando as temperaturas quase não baixam dos 35°C, os clientes em busca de sistemas de ar condicionado não podem ser atendidos na Climattech, porque os aparelhos da loja não funcionam e o local se transforma numa estufa.

"Estamos fazendo a maior usina do Brasil e não temos energia", lamenta Evaldo André, 33, dono da empresa, que deve a própria prosperidade a Belo Monte: em dois anos a firma passou de 5 para 25 funcionários.

▼

Copyright 2013 Folha de S.Paulo. Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução de conteúdos desta página em qualquer meio de comunicação, desde que citada a fonte. Para mais informações, consulte contato@folha.com.br

1 - LÍDERES 2 - AMBIENTE 3 - SOCIEDADE 4 - PESSOAS RELEVANTES 5 - HISTÓRIA

O final do tópico contextualiza o custo de Belo Monte com a capacidade de fornecer energia em meses que outras hidrelétricas não fornecem.

Traz também a questão da falta de energia em Altamira. Inclui um personagem, dono de uma empresa de ar-condicionado, que prosperou muito com a vinda da obra, mas que reclama da falta de energia. O final da página possui uma flecha indicando a passagem para a outra página. Há também um menu, onde aparecem todas as páginas da reportagem. O leitor tem a possibilidade de seguir a ordem que quiser.

Capítulo 2 - ambiente



A introdução se propõe a mostrar ao leitor as riquezas da região onde está localizada Belo Monte e o que vai mudar após a baixa da vazão. Novamente a introdução sobrepõe uma grande imagem, que desta vez é seguida por outra, com uma imagem.

A segunda imagem mostra um índio que posteriormente vai se tornar personagem.

FOFOLHA DE SPALLO • • • **TIPO SCROLL** [RECORRER]

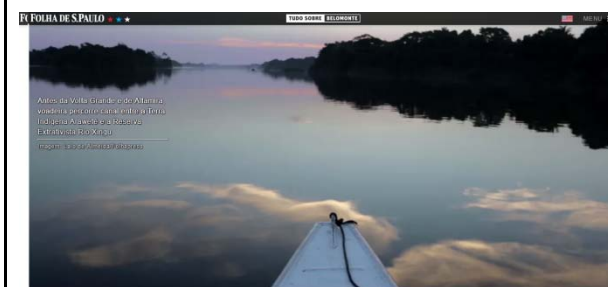
Os geólogos não sabem ao certo por que o rio faz aquela curva abrupta para o leste na altura de Altamira. A guinada se dá bem na linha divisória entre a bacia sedimentar do Amazonas, terreno mais recente e fácil de erodir, ao norte, e um embasamento de rochas mais resistentes, ao sul. Mas isso não explica o vulto do Xingu, pois outros afluentes do Amazonas, como o Tapajós a oeste, passam em linha quase reta pela mesma transição.

Uma das hipóteses em estudo desde 2010 por André Oliveira Sawakuchi, do Instituto de

GEOLOGIA DA VOLTA GRANDE
Curva do Xingu está na transição entre embasamento rochoso e bacia sedimentar

- Área mais baixa, com terreno formado pela acumulação de sedimentos
- Área com base de rochas mais duras e erodidas pelo intemperismo

O texto inicia contando um pouco do cotidiano de dois índios, cujas histórias servem de gancho para a narrativa. O texto descreve a grande variedade de peixes da região, que garantem o sustento aos índios. A segunda parte do texto parte para a geologia da região, tentando explicar, através de especialistas, por que o rio faz a volta que lhe é característica. Um especialista em geologia expõe uma teoria para explicar. O infográfico é baseado na explicação do especialista e serve para contextualização do leitor.



Mais duas imagens em movimento, acompanhadas de legenda. A primeira é um barco que percorre o canal entre a Terra Indígena Araweté e a Reserva Extrativista Rio Xingu. A segunda é um trecho do rio onde há pássaros nadando pela água tranquila, após passar pela Volta do Xingu.

FOFOLHA DE SPALLO • • • **TIPO SCROLL** [RECORRER]

Essa paisagem vai mudar muito com o fechamento da barragem de Pimental, dentro de um ano. Ele vai reduzir a amplitude atípica dos pulso de enchente e seca do Xingu, cuja vazão pode ultrapassar 20.000 m³/s entre dezembro e maio e despencar para 400 m³/s por volta de agosto/setembro, nos piores anos (ainda assim, cerca de dez vezes a vazão do Tietê em seu trecho paulistano).

Várias das espécies de peixes dependem das cheias para se alimentar e reproduzir, invadindo a floresta inundada (igapó) para comer frutas e desovar em ambientes protegidos. Quando as turbinas da casa de força principal em Belo Monte estiverem funcionando, a partir de 2016, o vertedouro de Pimental garantirá uma vazão mínima na Volta Grande de 700 m³/s na seca, mas as cheias se limitarão a 4.000 m³/s e 8.000 m³/s, em anos alternados, a chamada "vazão sanitária".

SECA GRANDE
Vazão na curva do Xingu, em mil m³/s

- Atual*
- Como ficará (engime será alterado a cada dois anos)

O texto explica como o fechamento da barragem vai afetar o curso do rio. O infográfico ilustra para o leitor a mudança drástica na vazão do rio. Conta as consequências ao ecossistema da região.

O subtítulo “cataratas de problemas” fala sobre o Estudo de Impacto Ambiental da hidrelétrica, feito pelo Ibama ao longo de quatro anos. O estudo envolve, além de questões ambientais, reflexos sociais da obra. Conta sobre a polêmica envolvendo o governo, os índios e os ribeirinhos.



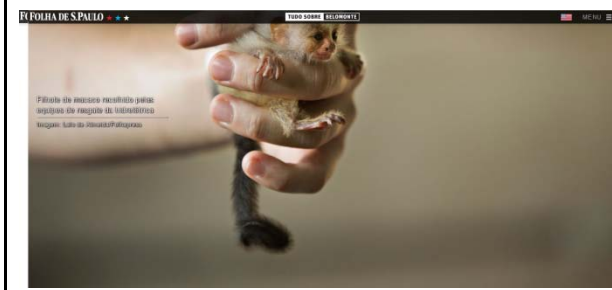
Para contextualizar a polêmica sobre as audiências públicas e sobre a consulta aos índios e ribeirinhos, a reportagem traz uma galeria de fotos com uma audiência pública realizada em Altamira em 2009. Uma referência ao passado da polêmica.

Madeira desperdiçada

Quem circula pelos três canteiros de obra da hidrelétrica –Pimental, Canais/Diques e Belo Monte– topa aqui e ali com gigantescas pilhas de madeira. Elas são de dois tipos: bota-foras de resíduos fino e grosso (galhos e troncos sem valor para serrarias) e pátiros de toras, várias delas enegrecidas por um ou dois anos a céu aberto. A Norte Energia alega que a maior parte do material é de madeira “branca” (sem densidade para uso na construção civil) ou de espécies cujo processamento exige autorização do Ibama, como castanheiras.

Belo Monte não vai devastar uma área de floresta inteiramente virgem, pois a região da Volta Grande foi desmatada em pelo menos 50% para a prática da agricultura e da pecuária depois da abertura da rodovia Transamazônica, nos anos 1970. Sobraram apenas fragmentos de mata primária, principalmente nas ilhas formadas pelos canais do Xingu.

O texto segue contextualizando sobre a importância do relatório e sobre o choque de forças que envolvem a questão, já que a Norte Energia é em parte estatal. Assume tom de denúncia, ao mostrar que o combinado não vai ser cumprido. O texto segue falando sobre a madeira utilizada na obra, que deveria ser de reflorestamento. Especialista em geoprocessamento afirma que pode estar sendo utilizada madeira ilegal. Trazem dados para contextualizar o leitor sobre o aumento do desmatamento no Pará.



Dentro do tema, duas fotos grandes com legenda. A primeira mostra uma pilha de madeira desmatada para a construção de Belo Monte e a segunda mostra um filhote de macaco resgatado depois do desmatamento. Tem tom de denúncia e busca contextualizar o leitor sobre a dimensão do problema (e apela para o emocional)

Peixes e chips

O responsável pela gestão ambiental da Norte Energia é o engenheiro Antônio Neto, 54. Sob seu comando estão nada menos que 55 ações do Projeto Básico Ambiental que abrangem o meio físico (Águas superficiais e subterrâneas, erosão) e o meio biótico (seres vivos). Oito módulos de 5.000 m² foram demarcados para estudo de transformações nos habitats, que serão acompanhados por seis anos a fim de monitorar, a cada seis meses, as populações de aves, insetos e mamíferos (preguiças, macacos, antas, capivaras, ariranhas, lontras e iraras), assim como a flora (crescimento de árvores, sementes, flores).

O monitoramento de peixes será feito com biotelemetria, chips implantados nos peixes para registrar fluxo de migração em 800 km de rio, até o município de Senador José Porfírio, abaixo da casa de força principal no sítio Belo Monte. Oito postos fixos

Traz uma fonte, responsável pela gestão ambiental da Norte Energia, que conta como vão ser feitas as ações do projeto ambiental. Detalha a ação que implanta chips nos peixes da região. O responsável explica que ninguém sabe o que vai acontecer com as espécies que dependem da região.

MINA DE OURO
Projeto Belo Sun é vizinho de terras indígenas

Alto Xingu — trecho com vazão reduzida

Reserva Indígena

Projeto Belo Sun

Área de Volta Grande

Projeto Belo Monte

Baragem de Pimental

Parque Nacional da Serra da Capivara

Projeto Belo Sun não contava com antropólogos, apesar da proximidade das terras indígenas. O Ministério Público e organizações não governamentais já se prepararam para tentar barrar o licenciamento na Justiça, por falta de consulta a comunidades indígenas e por acreditar que, havendo impacto sobre elas, a competência caberia ao órgão federal (Ibama), não à secretaria estadual. Outra encerrada de processos deverá erguer-se contra Belo Sun, que teve no entanto aprovada sua licença prévia no Conselho Estadual do Meio Ambiente do Pará, em caráter provisório, no começo de dezembro.

Contextualiza um novo fator importante na construção de Belo Monte: uma mineradora que vai se instalar acerca da Volta Grande do Xingu. O infográfico mostra um mapa de localização das duas. Também assume tom de denúncia, ao destacar um fator que as autoridades não estão relevando. O texto destaca ainda que a equipe que avaliou Belo Monte não contou com antropólogos. Também destaca que o para o Governo e prefeitura da região, conta o aparente desenvolvimento e movimentação monetária na região.



A parte final da página dois apresenta um elemento interessante: uma correção do conteúdo da página. Isso mostra a característica de atualização contínua.

Capítulo 3 - Sociedade



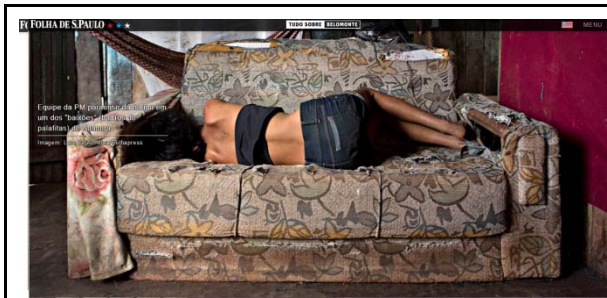
A introdução aparece no mesmo modelo dos outros capítulos, mas nesta, ao invés de ser uma foto grande simples, há um vídeo com acionamento automático de uma briga na cidade de Altamira.



O texto descreve como os trabalhadores da hidrelétrica estão transformando a cidade de Altamira, que, devido ao movimento intenso, virou um caos, com homens bêbados, prostitutas etc. A narrativa se baseia em dados para contextualizar o leitor sobre o tamanho da mudança. O infográfico mostra uma pesquisa de opinião sobre a qualidade de vida na cidade após o início da construção. A pesquisa de opinião também está inserida no texto, que explica como os moradores da cidade de Altamira julgam pior a obra do que os trabalhadores da construção.



Fala sobre os planos de investimentos socioambientais que a Norte Energia se comprometeu a fazer. Conversa com a superintendente da área na empresa. A especialista reforça que é a maior ação do tipo no Brasil. Em tom de denúncia, afirma que a área da saúde está precária e superlotada. Fala com o secretário municipal de Saúde que afirma que as ações já deveriam estar prontas antes da obra começar. O gerente de Saúde da Norte Energia afirma que a culpa da precariedade é do governo, que não dá atenção primária à população. O prefeito de Altamira também se queixa. A reportagem traz os dois lados da questão, tencionando diversas fontes com status de especialistas.



São seis fotos grandes em sequência, que têm o mesmo status que a galeria de fotos. Cinco delas compartilham a mesma legenda: de uma batida policial no bairro de Palafitas.

inúmero de detenções por lesão corporal aumentou 40% de 2010 para cá, segundo Cristiano Marcelo do Nascimento, superintendente regional da Polícia Civil. "Houve (também) um grande aumento de furtos e roubos, numa proporção de 30% a 40%, com quadrilhas que vieram do Amapá, de Mato Grosso ou [da cidade] de Santarém."

Em 2011, ano em que começou a obra de Belo Monte, a polícia prendeu 22 traficantes. Só nos primeiros cinco meses de 2013 foram 104, a maioria por porte de crack. O número de adolescentes apreendidos saltou 196% nos cinco primeiros meses de 2013, em comparação com o mesmo período de 2012.

Outro problema que se agrava é as mortes em acidentes de trânsito. A malha viária permaneceu a mesma, apesar da frota de veículos ter aumentado em três anos de 10 mil para 40 mil –68% de motocicletas. As calçadas são poucas, a poeira é muita. "Antigamente havia quatro óbitos por ano. Hoje são três ou

INSEGURANÇA

Nos últimos dois anos...

- 30% de crimes relacionados com a habitação
- 17% das residências sofreram roubo, assalto ou apreensão
- 32% tiveram porte ou posse apreendida

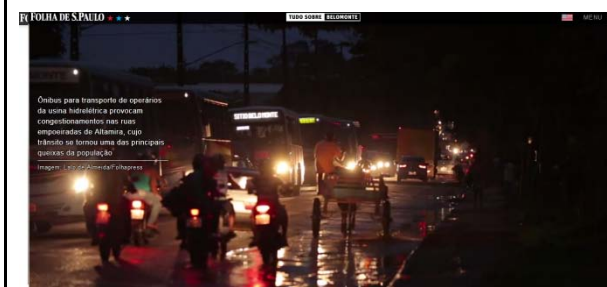
Neste subtópico a equipe de reportagem se coloca no texto. Eles comentam que encontram uma ação da Polícia Militar no bairro de Palafitas. O cabo Carlos Gonçalves é a fonte da narrativa. Nesta parte do texto os repórteres contextualizam o local e a ação e explicam o que apareceu antes nas imagens ampliadas. O superintendente regional da Polícia Civil fala sobre o aumento das ocorrências policiais. O infográfico ao lado apresenta uma pesquisa de opinião sobre a insegurança. Complementa a informação do texto. O texto fala também sobre os problemas no trânsito. Quem dá aval sobre o assunto é o diretor do Departamento Municipal de Trânsito.



As fotos ampliadas revelam a precariedade estrutural da cidade de Altamira. Todas as fotos acompanham legenda. Há tom de denúncia.



O vídeo com acionamento automático aparece em meio às imagens estáticas. A imagem da chuva mostra uma região que vai ser alagada devido à barragem.



Em meio a outras imagens estáticas, que mostram os problemas e a construção de medidas de tratamento, aparece um vídeo com *autoplay* que traduz o caos que é o trânsito. Às vezes a imagem contextualiza o que aparece antes no texto, e às vezes o que ainda vai aparecer.



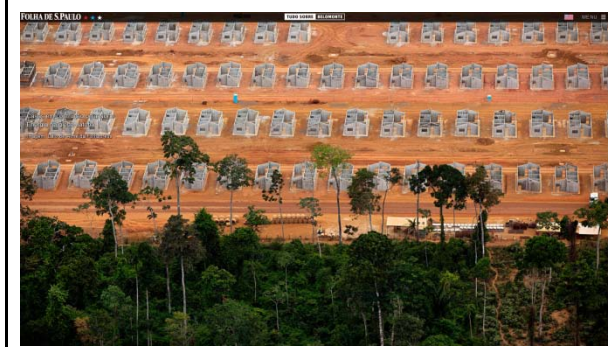
Para narrar a situação de progresso da cidade, o texto usa como personagem a operadora Aparecida Torres, que largou o emprego de professora para trabalhar na obra. Entrevistam ainda o vice-presidente da Acepta (associação comercial) em Altamira e o presidente da Associação dos Produtores e Feirantes de Altamira para falar sobre como aumentou o lucro e os salários. Mas mencionam que o custo de vida também aumentou. Usam dados e números para contextualizar os aumentos. Trazem um comerciante que comenta sobre o aumento no preço dos alimentos.



O vídeo é uma entrevista com o presidente da Associação dos Produtores e Feirantes de Altamira, que já havia sido fonte antes na matéria. O vídeo não possui nenhuma introdução, então é completamente atrelado ao texto. A fonte apenas repete tudo que o texto já havia citado, agregando poucas informações. O trecho a seguir do texto fala mais sobre as obras de esgoto, que estão atrasadas, mas com as quais a Norte Energia está otimista.



Vídeo com acionamento automático. Formação de personagem. Mostra ex-ribeirinho olhando melancolicamente para o rio perto do acampamento que montou depois que sua casa foi desapropriada pela obra.



Imagens ampliadas mostram casas em construção para reapropriação de ex-ribeirinhos

Desenraizados

João Benedito da Silva Balão, 70, viveu quase a vida toda na Volta Grande. Tinha um sítio que dava para o rio no local onde hoje circulam caminhões e tratores de canal em construção. Recebeu R\$ 700 mil pela terra, comprou uma casa para os filhos em Altamira e um terreno em Medianeira, a cerca de 80 km do Xingú.

"Eu vendia arroz, feijão, batata. Estava acostumado a viver na beira do rio e tinha pouco vontade de sair, mas não teve jeito", conta. "Tejo a soldado que estado é a maior do mundo. Tenho saudade demais. É um castigo que Deus tá botando. Vai destruir todos os bichos, peixe, veados, castor, etc. Vai tudo morrer".

A Norte Energia contabiliza a aquisição de 1.100 propriedades na área rural, onde hoje estão instalados os canteiros de obras áreas vizinhas. A defensora pública Andreia Barreto calcula que cerca de 2.000 famílias que vivem de pesca e agricultura "têmham sido atingidas e a grande maioria, indenizada. "Algumas foram bem pagas, outras não. Muita gente perdeu seu meio de trabalho e um modo de vida a que estavam acostumados. Nix sabem o que fazer com o dinheiro", afirma.

Narra a história de João Benedito da Silva Balão, o ex-ribeirinho que já havia aparecido no vídeo com acionamento automático. Fala sobre como foi a compra do terreno e como o idoso perdeu as raízes. Contextualiza a defensora pública Andreia Barreto que defende os ribeirinhos. Segundo ela, os critérios da Norte Energia não foram muito precisos.

tinham sido atingidas e a grande maioria, indenizada. "Algumas foram bem pagas, outras não. Muita gente perdeu seu meio de trabalho e um modo de vida a que estavam acostumados. Nix sabem o que fazer com o dinheiro", afirma.



Andreia Barreto
Defensora pública

Os que não aceitaram as ofertas foram desapropriados, com o valor depositado em juízo. Segundo Luiz Zorod, superintendente de Assuntos Fundiários e Realocação da Norte Energia, essa é a situação de 4% das negociações.

O grande ponto de divergência diz respeito à cotação das benfeitorias, como as plantações de cacau com sua região.

Em vídeo, a defensora pública fala sobre a formulação dos preços pagos aos desapropriados. Segundo ela, a empresa fez uma avaliação apenas física, e não moral das famílias. Ela diz que o valor não é justo.

Termino desapropriada. "Fui à cidade para uma consulta médica e, quando voltei, a casa estava demolido". Enquanto aguarda uma decisão sobre a indenização, vive com a filha e os sete outros casa de palafita em Altamira. Para ajudar nas contas, a família aluga a varanda, onde funciona um bar.

No perímetro urbano de Altamira, a Norte Energia cadastrou 7.700 famílias em áreas que serão alagadas, com o deitar em palafitas. Elas terão de deixar suas casas até julho do ano que vem. Cerca de 4.100 optaram pelo reassentamento em casas que começaram a ser construídas pela Norte Energia no metade de 2012, e as outras serão indenizadas. A defensora Andreia Barreto acredita que o número está subestimado.

Hoje, muitas casas e prédios feitos das casas de 4,5 m² em lotes de 300 m², com três dormitórios (uma suíte), dois banheiros, sala com cozinha americana. Os primeiros protótipos espalhados pela empresa em Altamira mostravam três tamanhos, 60 m², 90m² e 98 m², e casas feitas de alvenaria. Ao final, por falta das atensas, a Norte Energia optou pelo concreto alveolar, apesar do custo 20% maior –segundo a empresa, esse tipo de concreto em que se injetam bolhas de ar permite maior "conduto térmico", com redução de até 2°C em relação ao meio externo.

O reassentamento das famílias está entre as ações compensatórias mais atrasadas de Belo Monte. A previsão original era iniciar a construção das casas em 2011, mas houve




Opinião	Porcentagem
Justa	42%
Injusta	20%
Não sei	16%
Outros	12%
Indiferente	10%

Gênero	Opinião	Porcentagem
Mulheres	Justa	44%
	Injusta	18%
Homens	Justa	40%
	Injusta	22%

O texto traz a versão do superintendente de assuntos fundiários e realocação da Norte Energia. Ele afirma que as indenizações são negociadas. O texto mostra o caso de uma mulher que não aceitou o valor oferecido e foi desapropriada. Traz dados sobre os desapropriados. Alguns são contestados pela defensora pública. Fala sobre as casas, que apareceram antes nas fotos ampliadas. Denúncia: a construção das casas está entre as ações mais atrasadas da empresa. O gráfico ilustra a pesquisa de opinião do Datafolha: é uma análise sobre quem são os moradores da cidade.

atraso, mais uma vez, na escolha e na destinação de terrenos pela prefeitura.



Um dos maiores dramas urbanos é o de 300 oleiros que vivem numa área de 2 km² que está alagada. "Esta é a única atividade permanente que vai acabar para sempre. Estamos à mercê da sorte", protesta Marconi Ribeiro, do sindicato da categoria. "A argila daqui é boa justamente porque estamos em uma área de

Galeria de imagens mostra fábricas de tijolos que vão deixar de existir devido ao alagamento. O texto que segue fala do drama dos oleiros, que fabricam tijolos. Um integrante do sindicato da categoria reclama: a atividade vai acabar, porque a argila daquele local, que vai ser alagado, era a mais apropriada para a fabricação dos tijolos.

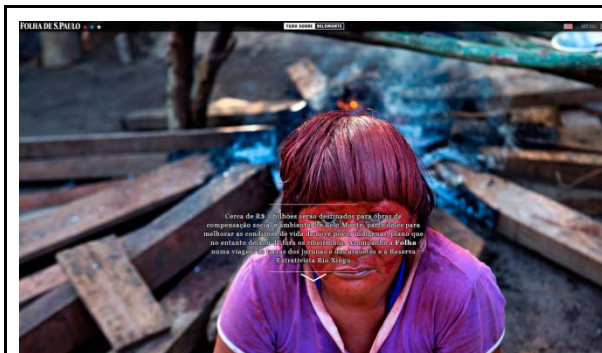


Vídeo com acionamento automático mostra fabricação de tijolos em uma área que vai ser alagada.



O último subtópico traz o bispo do Xingu, que atua como um personagem que está decepcionado com a maneira como foi feita a obra. Ele se diz decepcionado com o PT, que prometeu que o projeto só sairia se trouxesse benefícios para todos. Traz o caso de Lula: que era contra a implantação do projeto e depois mudou de lado e também da FVPP (Fundação Viver, Produzir e Preservar), que fez a mesma coisa.

Capítulo 4 - Povos indígenas



A estrutura da introdução é a mesma das anteriores. O texto remete ao dinheiro destinado às medidas de compensação social e ambiental e se refere à parte destinada aos índios.

A imagem da índia depois vira uma imagem grande com legenda. Traz o nome da mulher, que mais tarde vai aparecer no texto como uma personagem.



O texto descreve a situação precária da Funai de Altamira, que seria um reflexo da questão indígena da cidade.

No vídeo, o líder da aldeia Muratu atua como um porta-voz da comunidade, se mostrando contra as ações da Norte Energia e da Funai que pretendem controlar a vida dos índios.

Faz referência aos peixes ornamentais, que já haviam aparecido no capítulo 2.

FOJHA DE SPALLO

Os Jaramas de Paquiçamba e os rios da Volta Grande são os únicos grupos que o estudo ambiental de Belo Monte incluiu na área de impacto direto, pois suas terras se encontram numa curva do Xingu que a barragem fará quase assar na maior parte do ano. Outras sete terras indígenas foram designadas para o setor de influência indireta, o que em princípio Bacia daria menos direito a compensações previstas no Projeto Básico Ambiental (PBA) de Belo Monte.

A briga dos caiapós

Essa luta não faz parte ou remanescer e os caiapós do grupo do lendário chefe Raoni Metuktire. Justamente os que mais barulho fizeram em torno de Belo Monte. Os primeiros nem viviam na base do Xingu, e sim na do Tapajós, mas pararam na cabeceira de Belo Monte para de uma vez para tentar arrancar do governo federal a reversão do plano de construir cinco hidrelétricas naquele outro aflente do Amazonas.

O grupo de Raoni habita uma região do Xingu a cerca de 500 km da Volta Grande, mas esses caiapós parecem convencidos de que o Planalto não deveria de construir uma barragem rio acima (apesar de resolução de 2008 do Conselho Nacional de Política Energética determinar que a de Belo Monte seria a única no Xingu). Desde a década de 1980 eles se destacam na resistência ao aproveitamento do rio.



AMAZIÃO DO XINGU
Do aflente do Rio Tapajós, a curva do Xingu encerra uma área de 500 km²

AMAZIÃO DO XINGU
PASSEIE NO MAPA INTERATIVO

O texto descreve um dia em que a reportagem esteve na sede da Funai. Várias índias vieram à sede para buscar benefício. O líder da aldeia Muratu na terra Paquiçamba faz alerta sobre a dependência que as tribos estão tendo em relação à Norte Energia. Outra questão levantada é que o estudo ambiental de Belo Monte não envolveu todas as tribos afetadas pela obra. Ao lado, aparece um mapa que mostra a região de Belo Monte e dos rios. Um link convida o leitor a seguir pelo mapa interativo.

FOJHA DE SPALLO

A briga dos caiapós

Essa luta não faz parte ou remanescer e os caiapós do grupo do lendário chefe Raoni Metuktire. Justamente os que mais barulho fizeram em torno de Belo Monte. Os primeiros nem viviam na base do Xingu, e sim na do Tapajós, mas pararam na cabeceira de Belo Monte para de uma vez para tentar arrancar do governo federal a reversão do plano de construir cinco hidrelétricas naquele outro aflente do Amazonas.

O grupo de Raoni habita uma região do Xingu a cerca de 500 km da Volta Grande, mas esses caiapós parecem convencidos de que o Planalto não deveria de construir uma barragem rio acima (apesar de resolução de 2008 do Conselho Nacional de Política Energética determinar que a de Belo Monte seria a única no Xingu). Desde a década de 1980 eles se destacam na resistência ao aproveitamento do rio.

"O baixo rendimento hidrelétrico de Belo Monte deve gerar pressões por novos barramentos no Xingu", afirma Marcelo Salazar, coordenador do Instituto Socioambiental (ISA) em Altamira. "Basta para que o compromisso do governo de não meter mais no rio seja cumprido, mas há uma coleção de experiências com compromissos assumidos e não cumpridos no caso de Belo Monte."

Dotô Takakire, caipó da terra Baí-Motragnotire e coordenador técnico da Funai em Novo Progresso (PA), repete em português

Fala sobre as tribos que não estão na relação de tribos atendidas pelo plano de compensação. O coordenador do Instituto Socioambiental (ISA) fala sobre a possibilidade de ocorrer barragens em outros trechos do rio.

FOJHA DE SPALLO

... quando participou de uma reunião para discutir o plano de construção de Belo Monte, quando encontrou e tropeçou no rosto da engenheira José Antônio Muniz Lopes, da Eletrobrás: "Governo faz consulta, mas constrói de qualquer jeito. Na próxima construção (de outras barragens no Xingu), vai ter guerra".



Dotô Takakire
Coordenador Técnico da Funai

Belo Monte, para os índios, tornou-se um fato consumado - e desproporção: Mesmo entre os caiapós a ameaça da Norte Energia causou divisão. O subgrupo caiapó dos ritirás, da Terra Indígena Tritcheira Barajá, transformou-se em grande cliente da empresa, que durante mais de um ano - de 2011 a 2012, quando ainda não estava construída a execução do PBA

Dotô Takakire, caiapó e coordenador técnico da Funai em Novo Progresso (PA), remete ao passado, quando sua tia ameaçou o engenheiro de Belo Monte (fato que só vai ser contextualizado no capítulo 5 do especial). O texto que segue faz uma denúncia à mesada paga aos índios. Traz lembranças do passado de negociações de outro grupo de caiapós, que não aceitaram o dinheiro. Dotô, que aparece no vídeo, lamenta-se pelo fato de seus parentes terem aceitado a construção de Belo Monte.

FOJHA DE SPALLO

da capitulação.

Divida impagável

O Brasil tem quase duas centenas de etnias indígenas, com línguas e costumes diversos, mas um tempo comum é a aversão à aversão. Espantos ao flanco de marabóias encorpada pela Norte Energia, que nada tem de sovina, pedem sempre mais.

"Os índios se deixaram levar. Tive muito tiquique que foi comprado", sentencia Elza Xipaya, da Funai em Altamira. "Índio se compra, mas não se vende", ressalta o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, do Museu Nacional da UFRJ. "Os índios da Volta Grande estavam cada vez mais espremeidos que eram índios. Com Belo Monte, desobedeceram que juridicamente são índios e passaram a lutar por seus direitos. Por mais paradoxal que seja isso, é positivo, eles surgem com identidade política."

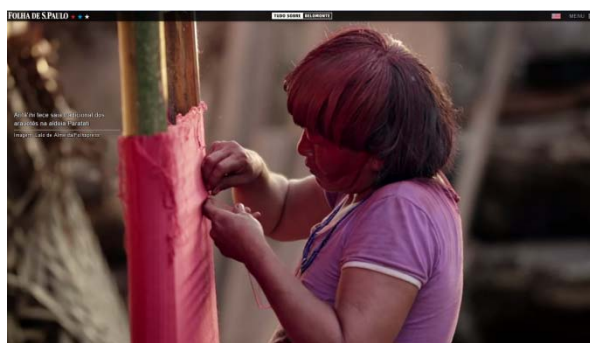
Viveiros de Castro conviveu durante a década de 1980 com os ameríndios, mas eles pensam na área de influência indireta da usina (o que não quer dizer que essa influência seja indolente). Com a "compreensão tecnológica do espaço" oferecida pelas telecomunicações e viagens de voadeira (barca) e avião, contatos e antropólogos, há cada vez mais índios nas cidades e cada vez mais brancos em áreas indígenas.

Os recursos despendidos nos aldeamentos pelo Plano Energético Indígena o "fútil e mortífero impacto causado pela

Elza Xipaya, da Funai em Altamira, fala sobre a situação dos índios, que querem sempre mais dinheiro. O especialista em antropologia Eduardo Viveiros de Castro fala sobre a identidade indígena. O doutorando de Viveiros de Castro também fala sobre os indígenas e sobre as casas levantadas para assentar os índios. O superintendente interino de assuntos indígenas da Norte Energia também aparece no texto.



Mostra brevemente a rotina da aldeia descrita no texto. A legenda para as três primeiras fotos são iguais. As fotos ajudam a contextualizar o leitor sobre a rotina da tribo.



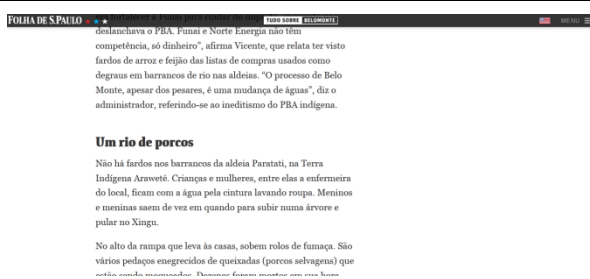
A personagem que estava na foto da introdução aparece no vídeo com acionamento automático tecendo uma saia. Segue-se mais uma imagem estática.



Fala que houve uma proliferação de índios devido às possibilidades de renda. Denúncia a falha no processo. O gráfico mostra uma pesquisa sobre desnutrição indígena. Traz trecho do geólogo que coordena a relação indígena da Norte Energia.



No vídeo, o especialista fala sobre os problemas no plano. Retoma questões como as invasões. O plano de assistência aos índios é executado pela empresa Verthic. O “cabeça” da empresa aparece como fonte especialista para contextualizar a situação da obra. Segundo ele, é melhor ter isso do que não ter nada.

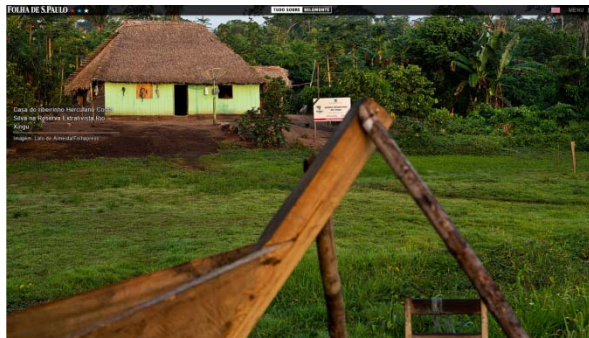


Descreve um pouco a realidade da aldeia Paratati, na Terra Indígena Araweté. Faz referência a meninos subindo em árvores e pulando no rio - imagem que tinha aparecido ampliada antes.



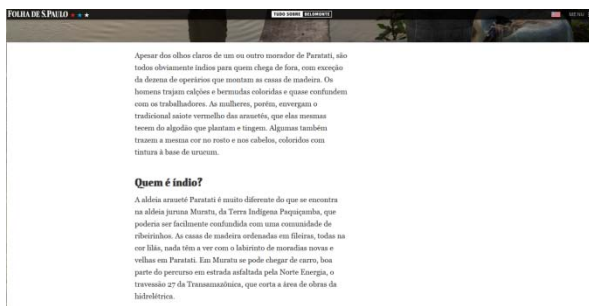
O ribeirinho Herculano Costa Silva guia a reportagem pela aldeia. Ele é construído como personagem. Reclama que os ribeirinhos, que também vão ser afetados pela construção da barragem, não recebem os mesmos benefícios que os índios.

O vídeo ressalta o que já foi afirmado no texto. Alguns trechos do texto são retirados da fala de Herculano no vídeo.



A primeira foto faz referência ao interior da casa de um seringueiro, mas não há contextualização da imagem. Quem é o seringueiro? Por que a foto está ali?

Dois das fotos grandes na sequência fazem referência a Herculano, ajudando na construção do personagem.



Descreve um pouco da aldeia de Paratiti. O texto faz referência às saias que as mulheres tecem e tingem.

O próximo tópico compara a aldeia araueté Paratiti com a juruna Muratu, sendo que a segunda é muito mais urbanizada.



A galeria de fotos apresenta a aldeia juruna Muratu, que foi descrita no texto acima. Para contextualização do leitor. Mas as duas fotos são praticamente iguais. O texto que segue descreve os efeitos do Plano Emergencial da Norte Energia na aldeia - os positivos e os negativos. Os índios sofrem preconceito por não parecerem índios.



Fala sobre o fato de terem aparecido muitos índios que não têm vínculo com terras tradicionalmente ocupadas, mas que mesmo assim querem os benefícios da Norte Energia. Espécie de denúncia. O outro tópico fala também de outra fonte de recursos: o Plano de Desenvolvimento Regional Sustentável do Xingu (PDRSX)

Capítulo 5 - História



A introdução segue o mesmo padrão de todas as outras, mas é seguida por um vídeo com *autoplay*. O texto introdutório faz menção às mudanças que ocorreram no plano da construção de Belo Monte desde que foi idealizado, na década de 80.



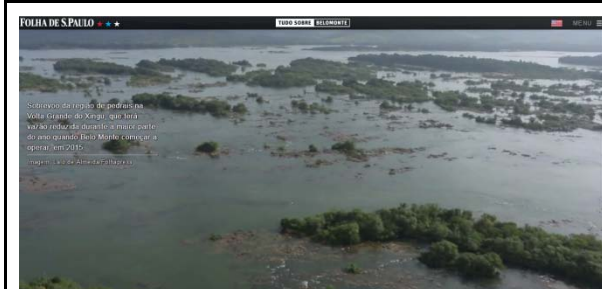
O texto narra a história do engenheiro canadense John Dennis Cadman, que idealizou a obra de Belo Monte na década de 70. Faz retomada ao passado.



O vídeo com o engenheiro aposentado segue o mesmo padrão dos outros: sem introdução e contextualização. O seu depoimento traz lembranças históricas de como surgiu a ideia da criação de Belo Monte. O recurso audiovisual ajuda na construção do personagem.




O texto que segue o vídeo faz uma contextualização histórica sobre o desenvolvimento de Belo Monte e também os papéis que Cadman assumiu nesse período.



O vídeo com *autoplay* mostra um breve sobrevôo sobre a região dos pedrais, que terá sua vazão reduzida durante boa parte do ano. Serve para contextualização do leitor.

ecologia, como se viu na época. Um vídeo mostra a Amazônia – entre as Tucuruí e Balbina – ao estilo das tempos de ditadura, com graves impactos sociais e ambientais, passou a suscitar custos políticos para o governo federal.



"Na década de 1980 é que surgiu esse negócio de meio ambiente. Porque antes não tinha nada. Surgiu com a [resolução] Comama 001, de 1986", conta José Antônio Muniz Lopes, hoje diretor de Transmissão da Eletrobras, naquele tempo um engenheiro que trabalhava com linhas de transmissão da Ciesp.

Enquanto o primeiro vídeo do Folhacóptero (no capítulo 1) contextualiza o funcionamento de Belo Monte, o segundo fala sobre a Bacia do Xingu. O vídeo faz um resumo de tudo que foi apresentado na reportagem até então: desde os povos indígenas até as mudanças ambientais previstas anteriormente e as que vão efetivamente ser aplicadas.

"Na década de 1980 é que surgiu esse negócio de meio ambiente. Porque antes não tinha nada. Surgiu com a [resolução] Comama 001, de 1986", conta José Antônio Muniz Lopes, hoje diretor de Transmissão da Eletrobras, naquele tempo um engenheiro que trabalhava com linhas de transmissão da Ciesp.

Se Calman é o pai de Belo Monte, Muniz pode ser chamado de pedreiro. O engenheiro maranhense batalha desde 1985 pela usina e se esgota quando fala de sua importância para o país: "En dista já naquela época que o Brasil só tinha uma alternativa, Belo Monte ou energia nuclear. Agora, tem de fazer as duas".

Muniz, Calman e o uruguaio Dario Genes, então chefe dos engenheiros da Eletrobras, chegaram a uma solução mais viável só em 1988. A barragem de Kararaô seria construída pouco antes da boca do Itaipu no Xingu, para tentar preservar o rio dos rios, não inundar a terra Papiakimbu dos jurunas e diminuir o impacto sobre a Vila Grande. O alagamento seria de 1.200 km² a 1.500 km² (no projeto atual, o lago tem 216 km²).

O texto narra o surgimento da “ecologia”, o ambientalismo, que teve Belo Monte como sua luta principal na década de 80. Traz também brevemente um perfil de José Antônio Muniz Lopes, hoje diretor de Transmissão da Eletrobras

vável só em 1988. A barragem de Kararaô seria construída pouco antes da boca do Itaipu no Xingu, para tentar preservar o rio dos rios, não inundar a terra Papiakimbu dos jurunas e diminuir o impacto sobre a Vila Grande. O alagamento seria de 1.200 km² a 1.500 km² (no projeto atual, o lago tem 216 km²).



Peço desculpas. Nessa altura já estava disseminada a imagem da guerra movida pelo poderoso Estado contra um grupo indígena de índios, uma luta de Davi contra Golias que atraiu atenção e simpatia em várias partes do mundo. Os políticos brasileiros que ainda se identificavam com a esquerda ficaram

O depoimento de Antônio Muniz Lopes em vídeo conta um episódio peculiar de uma reunião com os índios Caiapó, o primeiro Encontro de Povos da Floresta em Altamira. Muniz foi o escalado para representar o projeto da usina. O episódio vai ser contextualizado mais tarde no especial.

Peço desculpas. Nessa altura já estava disseminada a imagem da guerra movida pelo poderoso Estado contra um grupo indígena de índios, uma luta de Davi contra Golias que atraiu atenção e simpatia em várias partes do mundo. Os políticos brasileiros que ainda se identificavam com a esquerda ficaram contra a usina, inclusive o líder do PT na época, Luiz Inácio Lula da Silva. Os amigos ganharam como aliado um dos mais populares esportistas da época, o britânico Sting.

Em 1989, ano da primeira eleição direta para presidente da República no país após a ditadura militar, a Igreja Católica e várias organizações não governamentais realizaram o primeiro Encontro de Povos da Floresta em Altamira. Muniz foi escalado pelo governo para defender Kararaô.

O engenheiro conta nunca ter visto tantos índios num só lugar, sem tanta jumento. Sua apresentação era a mais aguardada. Oribado por José Furtado de Carvalho, um dos indígenas mais destacados do país, Muniz conta que estava tranquilo. Tinha a informação de que os índios faziam de tudo para humilhá-lo, talvez até atirar basto, mas recebeu a garantia de que não tinham machadão.

Foi com essa orientação que ele se manteve sereno durante as várias e perguntas agressivas que recebeu durante sua fala. Muniz anunciou que a usina não teria mais o nome indígena de Kararaô, em respeito aos índios. A situação desandou quando a

O texto enfim contextualiza o encontro e descreve a postura de Muniz. Fala sobre a mudança do nome da usina de Kararaô (grito de guerra dos Caiapós), em respeito aos índios.

FOLHA DE SPALHO [FECHAR] [IMPRIMIR]

uma reportagem apressada que revelou durante sua vida. Minus
situações que a usina não teria mais o nome indígena de
Kararó, em respeito aos índios. A situação desandou quando a
india Tutra puxou um terço, começou a gritar e encostou a
arma em seu rosto.



A imagem do facão na bochecha do engenheiro correu o mundo
[Dilma guarda a capa da revista "Manchete" até hoje]. No fim
do encontro, perguntou se tinha ido bem. Uma reportagem
mais nova começou a chegar,uerta o diretor da estatal.

O vídeo, reportagem de acervo, apresenta Muniz
anunciando a mudança de nome da usina.

FOLHA DE SPALHO [FECHAR] [IMPRIMIR]

o canadense, conta que os estudos parecem também por outra
razão: a terceira solução de projeto para a usina ainda parecia
irrealizável. Uma estrutura de concreto costurava terra de ser
construída para desviar o curso do rio e depois ficaria sem
função. Além disso, não havia dinheiro para continuar os
estudos, ao final da "década perdida" de 1980, e fazer uma
solução nova, mais barata e ambientalmente aceitável.

A sorte entrou em cena mais uma vez. Cadman foi deslocado
para a área ambiental da Eletrobrás e, em 1992, contratado
para defender a usina num seminário ambiental no Hotel
Glória, no Rio de Janeiro. Para cumprir a missão de tentar
acabar com a resistência ao projeto, Cadman recebeu um pacote
de aliados recém-preparados por deserdistas da companhia.

Um desses deserdados previa uma estrutura inédita na obra.
Remete ao primeiro projeto na Vale Grande, a chamada
solução Kaatiwara, em que um canal perto de Almirante
desviaria água para a usina, abundante por se localizar na
região de rochas fráguas. Só que no alde o desenho imprensou
localmente o canal em outro lugar. "O invento um canal",
conta o engenheiro.

Cadman voltou a Brasília e foi olhar as regras para verificar se
seria possível fazer um canal nostro local, sem alagar áreas
indígenas. Uma área de rochas estava havia sido identificada
nos estudos, e o engenheiro canadense deu-se conta de que seria
fácil fazer uma quarta solução. Kararó começou a ganhar as

O texto remete novamente ao incidente em que a índia
coloca o facão no rosto de Muniz. Narra também a
desistência do plano de construção de Belo Monte e
depois sua retomada.

FOLHA DE SPALHO [FECHAR] [IMPRIMIR]



Imagens de 1989 da TV Cultura
mostram a índia indígena Tutra
percebendo o erro e apontando para
Arlindo Muniz Lopez, então
funcionário da Eletrobrás.
Imagem: TV Cultura

O vídeo, uma reportagem da TV Cultura, finalmente
mostra a cena à qual se estava fazendo referência desde
o início da página.

FOLHA DE SPALHO [FECHAR] [IMPRIMIR]

Recuo Estratégico

Após alguns meses de cálculos, Cadman foi chamado por Muniz:
a alternativa dos canais passava a ser vista como a única capaz
de destravar a usina. "Estamos botando todas as fichas nesse
projeto. Não tem plano B", Cadman lembra ter ouvido de Muniz.

Estudos foram contratados na década de 1990 para aprimorar o
novo conceito, mas o país passava por uma era aberta na
economia. Belo Monte, com seu histórico complicado e preço
alto, parecia longe de ser prioridade.

Em 2001, com o apogio que marcou o fim do governo do
presidente Fernando Henrique Cardoso, nova reavaliação
devolveu o projeto aos trilhos. Tentava-se crucial retomar a
construção de usinas hidroelétricas. Com o apoio de Luiz Inácio
Lula da Silva para a Presidência em 2002, sucederam-se
comando do setor energético, em 2003, técnicas que defendiam
a hidroeletricidade, entre eles o atual presidente, Dilma Rousseff,
que foi nomeada ministra de Minas e Energia. O dilema para
infraestrutura começou a voltar, mas faltava contrariar a
resistência socioambiental contra Belo Monte - afinal, Lula
tinha tomado parte importante nela.

Segundo Cadman, uma reunião no início de 2006 marcou a
volta dos barragem. Os representantes do setor elétrico se
reuniram de um lado da sala de reuniões do Palácio de
Planalto, com Dilma ao lado da cadeira do presidente. Do outro

Os dois tópicos do texto fazem uma retomada histórica
desde o início da década de 2000, quando houve um
apagão energético, até a licitação da obra.



A cronologia traz as matérias divulgadas sobre o tema. Não há hiperlinks para as matérias, apenas a chamada e às vezes uma breve contextualização. É atualizada, mas sem periodicidade.

Seção de Making Of:

É um texto que contextualiza quando e por quem o trabalho foi feito. Descreve brevemente os passos dos repórteres e nomeia todas as pessoas que participaram do especial.

O jornal produziu muito conteúdo em cima da produção do especial - uma metalinguagem jornalística - em que o próprio trabalho vira informação. Esses produtos são divulgados e passam a impressão de justificar o grande investimento profissional e de recursos que o jornal fez.

Seção “Opinião”

Também se constitui apenas de texto. Traz dois textos assinados: um contra e um a favor. São dois especialistas que não entraram na lista de fontes da matéria.